

Do autor de **O LADO BOM DA VIDA**

PERDÃO,

**LEONARD
PEACOCK**

~UM ROMANCE DE~

**MATTHEW
QUICK**

intrinseca

Do autor de **O LADO BOM DA VIDA**

PERDÃO,

**LEONARD
PEACOCK**

~UM ROMANCE DE~

**MATTHEW
QUICK**

intrinseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MATTHEW QUICK

PERDÃO,
LEONARD
PEACOCK

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2013 by Matthew Quick
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Forgive Me, Leonard Peacock

TRADUÇÃO

Alexandre Raposo

PREPARAÇÃO

Natalia Klusmann

REVISÃO

Suelen Lopes

Umberto Figueiredo

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-396-1

Edição digital: 2013

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para os faroleiros — passado, presente e futuro

Eu te peço, tira teus dedos da minha garganta;
Pois embora eu não seja raivoso ou violento,
Tenho em mim alguma coisa perigosa,
Que tua sabedoria fará bem em respeitar.
Tire as tuas mãos!
— *Hamlet*, Shakespeare

UM

É engraçado ver a pistola nazista P-38 da Segunda Guerra Mundial sobre a mesa de café da manhã junto a uma tigela de mingau de aveia. É como um estranho anacronismo de utensílios *steampunk*. Mas, se você observar bem de perto, pouco acima da coronha, verá estampada a pequena suástica com a águia pousada no topo, o que é real pra caramba.

Tiro uma foto do meu lugar à mesa com o iPhone, pensando que pode ser tanto um testemunho quanto arte moderna. Então eu rio pra cacete olhando a imagem na minitela, porque arte moderna é uma tremenda babaquice.

Quer dizer, uma tigela de mingau de aveia com uma P-38 ao lado, como se fosse uma colher — esse arranjo, fotografado, pode ser arte moderna, certo?

Babaquice.

Mas também é engraçado.

Já vi coisas piores expostas em museus de arte de verdade, como uma tela toda branca atravessada por uma única listra vermelha e fina.

Certa vez contei a Herr Silverman¹ sobre a pintura com a listra vermelha, dizendo que eu mesmo poderia ter feito aquilo, e ele respondeu com uma voz superconfiante: “Mas não fez.”

Devo admitir que foi uma resposta legal e engenhosa, porque era verdade.

Fez com que eu calasse a boca.

Então, aqui estou eu, fazendo arte moderna antes de morrer.

Talvez pendurem o meu iPhone no Museu de Arte da Filadélfia com a foto da tigela de mingau de aveia e a pistola nazista expostas.

Podem chamar de *Desjejum Para um Assassinato Adolescente* ou algo tão ridículo e chocante quanto isso.

O mundo das artes e das notícias vai adorar, aposto.

Tornarão a minha obra de arte moderna instantaneamente famosa.

Especialmente depois que eu matar Asher Beal e me suicidar.²

O valor das obras de arte sempre sobe quando o artista é associado a coisas ruins, do tipo cortar a própria orelha, como Van Gogh, ou se casar com a prima adolescente, como Poe, ou fazer seus seguidores matarem uma celebridade, como Manson, ou mandar atirarem as suas cinzas pós-suicídio de um imenso canhão, como Hunter S. Thompson, ou ser vestido de menina pela mãe, como Hemingway, ou usar um vestido feito de carne crua, como Lady Gaga, ou sofrer coisas inomináveis ao ponto de matar um colega de classe e meter uma bala na própria cabeça, como farei hoje, mais tarde.

Meu homicídio-suicídio tornará *Desjejum Para um Assassinato Adolescente*³ uma obra de arte de preço inestimável porque as pessoas querem que os artistas sejam completamente diferentes delas. Se você é tedioso, legal e normal — como eu costumava ser —, certamente não vai se sair bem nas aulas de arte do colégio e será um artista medíocre na vida.

Inútil para as massas.

Esquecido.

Todo mundo sabe disso.

Todo mundo.

Daí que a chave é fazer algo que o destaque para sempre na memória das pessoas comuns.

Algo que importe.

¹ Herr Silverman está dando aulas sobre o Holocausto, mas, originalmente, ele é o professor de alemão do meu colégio, motivo pelo qual o chamamos de Herr, e não de Senhor.

² Li em Livestrong.com que “a cada cem minutos um adolescente cometerá suicídio”. Não acredito de jeito nenhum que isso seja verdade. Por que nunca ouvimos falar desses

suicídios no noticiário? Será que todos ocorrem em segredo ou em outros países? O suicídio não pode ser assim tão comum, certo? E se for... aqui estou eu imaginando estar sendo ousado e precursor em meus planos. Rá! Seguem mais provas contrárias à minha originalidade: de acordo com a Wikipédia — que certamente não é a fonte mais confiável e, neste caso, está totalmente desatualizada —, “Nos EUA, as armas de fogo ainda são o método mais comum de suicídio, respondendo por 53,7 por cento de todos os suicídios cometidos em 2003”. Lá também diz: “Mais de um milhão de pessoas se suicidam todos os anos.” Logo, de acordo com a Wikipédia, toda vez que nosso planeta dá uma volta em torno do Sol o suicídio dá fim a um milhão de desgraçados. Imagino o que Charles Darwin diria sobre esse pequeno e divertido detalhe. Seleção natural? Um modo de a natureza proteger o mais forte e o mais necessário? Será que minha mente é apenas um agente da natureza? Estarei a ponto de orgulhar o Tio Charlie Darwin?

³ *Desjejum Para um Assassinato Adolescente* é uma frase de duplo sentido, uma vez que sou um assassino que é *adolescente e* — já que meu alvo é um adolescente, a quem devo matar — também sou um assassino *de adolescentes!*

DOIS

Embrulho meus presentes de aniversário no papel cor-de-rosa que encontrei no armário do corredor.

Não planejava embrulhar os presentes, mas achei que talvez devesse tentar tornar o dia mais oficial, mais festivo.

Não tenho medo de que as pessoas pensem que sou gay, porque, a essa altura, realmente não me importo com o que pensam, de modo que não ligo para o papel cor-de-rosa, embora eu tivesse preferido uma cor diferente. Talvez preto fosse mais apropriado, em vista do que está prestes a acontecer.

Embrulhar estes presentes realmente faz eu me sentir bem, como um garotinho na manhã de Natal.

De algum modo, fazer isso me parece *certo*.

Verifico a trava e ponho a P-38 carregada em uma velha caixa de charutos que guardo como lembrança do meu pai, porque ele gostava de fumar cubanos ilegais. Forro a caixa com algumas meias velhas, para evitar que meu “ferro” fique chacoalhando ali dentro e acabe disparando uma bala na minha bunda. Depois, também embrulho a caixa em papel cor-de-rosa, de modo que ninguém suspeite que estou com uma arma na escola.

Mesmo que hoje — seja lá por qual motivo — o diretor decida revistar as mochilas aleatoriamente, posso dizer que é um presente para um amigo.

O embrulho cor-de-rosa os enganará, camuflará o perigo, e só um verdadeiro idiota me obrigaria a abrir um presente perfeitamente embrulhado.

Ninguém nunca revistou minha mochila na escola, mas não quero arriscar.

Talvez a P-38 seja um presente para mim quando eu a desembulhar e atirar em Asher Beal.

Talvez seja o único presente que eu vá ganhar hoje.

Além da P-38, há outros quatro embrulhos, um para cada um dos meus amigos.

Quero me despedir deles adequadamente.

Quero dar para cada um algo que os faça se lembrar de mim. Para que saibam que eu realmente me preocupo com eles e que lamento não ter sido mais do que fui — não poder ter continuado por perto —, e que o que acontecerá hoje não é culpa deles.

Não quero que deem muita importância ao que estou prestes a fazer, nem que se sintam deprimidos depois.

TRÊS

Meu professor da aula de Holocausto, Herr Silverman, nunca arregaça as mangas da camisa como fazem os outros professores do colégio, que chegam todas as manhãs vestidos nas suas camisas recém-passadas com mangas enroladas até o cotovelo. Herr Silverman também não usa a camisa polo opcional às sextas-feiras. Mesmo nos meses mais quentes do ano ele mantém os braços cobertos, e eu me pergunto por que há muito tempo.

Penso nisso constantemente.

Talvez seja o maior mistério da minha vida.

Talvez ele tenha braços muito cabeludos, pensei várias vezes. Ou tatuagens de cadeia. Ou uma marca de nascença. Ou tenha queimaduras muito graves. Ou talvez alguém tenha derramado ácido nele durante alguma experiência de ciências na escola. Ou, então, ele era viciado em heroína e seus braços estão cobertos por um zilhão de cicatrizes de agulhas. Talvez ele tenha algum problema circulatório que o faça sentir frio permanentemente.

Mas suspeito que a verdade seja mais séria do que isso — tipo, talvez ele tenha tentado se suicidar certa vez e haja cicatrizes de gilete nos pulsos.

Talvez.

Para mim é difícil crer que Herr Silverman tenha tentado se suicidar, porque ele é uma pessoa muito centrada hoje em dia; é realmente o adulto mais admirável que conheço.

Às vezes, chego a desejar que em algum momento ele tenha se sentido vazio, sem esperança e desamparado o bastante para cortar os pulsos até os ossos, porque, se ele sentiu essas coisas horríveis e sobreviveu para se tornar um adulto tão fantástico, então talvez haja esperança para mim.⁴

Sempre que tenho um tempo livre, pergunto-me o que Herr Silverman pode estar escondendo, e tento resolver o mistério em minha mente, criando todo tipo de cenários que induzam ao suicídio, inventando o passado dele.

Às vezes, penso que seus pais o espancavam com cabides e o deixavam com fome.

Outros dias penso que seus colegas de escola o jogavam no chão e o chutavam até ele ficar coberto de sangue, momento em que se revezavam urinando em sua cabeça.

Às vezes, ele sofre com um amor não correspondido e chora sozinho no armário todas as noites, agarrando um travesseiro contra o peito.

Outras vezes, ele foi sequestrado por um sádico psicopata que o torturava todas as noites — estilo baía de Guantánamo — e o impedia de beber água durante o dia, quando era forçado a ficar sentado em uma sala como a de *Laranja Mecânica*, repleta de luzes estroboscópicas, sinfonias de Beethoven e imagens terríveis projetadas em uma tela enorme.

Não creio que mais alguém tenha percebido os antebraços constantemente cobertos de Herr Silverman, ou, se alguém percebeu, não fez qualquer menção a isso durante as aulas. E não ouvi nenhum boato nos corredores.

Eu me pergunto se realmente sou o único a ter notado, e, nesse caso, o que isso diz a meu respeito?

Isso me torna uma pessoa estranha?

(Ou mais estranha do que já sou?)

Ou apenas observadora?

Diversas vezes pensei em perguntar a Herr Silverman por que ele nunca dobra as mangas da camisa, mas, por algum motivo, nunca fiz isso.⁵

Em alguns dias, ele me encoraja a escrever; em outros, diz que tenho um “dom” e depois sorri como se estivesse sendo sincero, e eu chego perto de perguntar sobre seus braços sempre cobertos, mas nunca pergunto, e isso me parece estranho, absolutamente ridículo, considerando o quanto desejo saber e o quanto tal resposta poderia me salvar.

É como se a resposta dele fosse sagrada, capaz de alterar a minha vida *ou alguma outra coisa*, e eu a estivesse guardando para mais tarde, como um antibiótico emocional, um barco salva-vidas da depressão.

Às vezes eu realmente acredito nisso.

Mas por quê?

Talvez meu cérebro esteja mesmo ferrado.

Ou talvez eu tenha pavor de estar errado a respeito dele e esteja apenas inventando coisas – não há nada sob aquelas mangas afinal, ele apenas gosta dos braços cobertos.

É uma questão de moda.

Ele se parece mais com Linda⁶ do que eu.

Fim de papo.

Tenho medo que Herr Silverman ria de mim quando eu perguntar sobre seus braços cobertos.

Ele fará eu me sentir um idiota por ter pensado nisso — com esperança — todo esse tempo.

Medo que ele me chame de anormal.

Que ele ache que sou um pervertido por pensar tanto nisso.

Que ele fique de cara feia, contrariada, que faça com que eu me sinta como se nunca pudéssemos ser parecidos, e que, portanto, estou delirando.

Acho que isso me mataria.

Acabaria comigo para valer.

Certamente acabaria.

Daí eu me pergunto se o fato de não perguntar não seria simplesmente produto da minha covardia ilimitada.

Enquanto estou ali, sentado à mesa do café da manhã me perguntando se Linda se lembrará do significado do dia de hoje — e, no fundo, sabendo que ela simplesmente não vai telefonar —, decido, em vez disso, imaginar se o oficial nazista que era dono da minha P-38 na Segunda Guerra Mundial alguma vez sonhou que sua pistola acabaria como uma peça de arte moderna do outro lado do Oceano Atlântico, em Nova Jersey, uns setenta anos depois, carregada e pronta para matar o que mais se aproxima de um equivalente moderno de um nazista que temos em minha escola.

O alemão que originalmente possuía a P-38 — qual seria seu nome?

Seria um dos bons alemães de que nos fala Herr Silverman? Aqueles que não odiavam judeus, nem gays, nem negros, nem ninguém e que apenas tiveram o azar de nascer na Alemanha durante aquela época horrível?

Será que ele se parecia comigo?

⁴ Procurei no Google: “Quanto tempo alguém demora para morrer quando corta os pulsos?” Muita gente faz esta pergunta na Internet e a maioria diz estar pesquisando o tópico para as aulas de saúde na escola. A maioria das respostas postadas acusa quem pergunta de ser um mentiroso e o aconselha (a aconselha?) a procurar ajuda profissional. Há respostas diretas de pessoas que alegam serem médicos e outras de gente que realmente cortou os pulsos com gilete e sobreviveu. Todos dizem que é um modo muito doloroso de morrer (ou não morrer), que não é tranquilo, que nada tem a ver com “se deitar em uma banheira de água quente e adormecer”, como os filmes fazem você acreditar. O sangue pode coagular, o que mantém você vivo e com dores terríveis. Mas então eu encontrei postagens sobre como cortar os pulsos do “jeito certo”, de modo que você morra mesmo, e isso me deprimiu, porque as pessoas de fato postam coisas assim e, embora eu achasse que queria saber a resposta para poder avaliar as minhas opções, tal informação talvez não devesse estar na Internet. Não contarei o jeito certo de cortar os pulsos nem vou explicar como se faz, porque não quero mais sangue em minhas mãos. Mas, falando sério, *por que* algumas pessoas postam na Internet o jeito correto de cometer suicídio? Será que querem que gente estranha e triste como eu se vá para sempre? Será que acham que é uma boa ideia algumas pessoas darem fim a si mesmas? Como saber se você é uma dessas pessoas que deve cortar os pulsos do modo certo com uma gilete? Há uma resposta para isso também? Procurei no Google, mas não encontrei nada de concreto. Apenas maneiras de completar a missão. Nenhuma justificativa.

⁵ Algumas vezes, quando fico depois da aula para conversar com Herr Silverman sobre a vida — enquanto ele tenta imprimir um aspecto positivo em seja lá qual for o assunto deprimente eu tenha levantado —, imagino ter visão de raios X e olho para seus braços cobertos, tentando desvendar o mistério, mas nunca funciona porque, infelizmente, eu não tenho visão de raios X.

⁶ Linda é minha mãe. Eu a chamo de Linda porque isso a aborrece. Diz que chamá-la pelo nome a “descaracteriza como mãe”. Mas ela se descaracterizou como mãe quando alugou um apartamento em Manhattan e me deixou completamente sozinho em South Jersey para me virar por conta própria na maior parte da semana e, cada vez mais, nos fins de semana.

Ela diz que precisa estar em Nova York por causa da carreira de estilista, mas estou certo de que é para poder transar com o namorado francês, Jean-Luc, e ficar longe do filho perturbado. Ela saiu da minha vida logo depois que começou aquela merda com Asher, talvez porque fosse algo intenso demais para ela. Eu não sei.

QUATRO

Tenho um cabelo louro-escuro muito comprido que cai nos olhos e passa dos ombros, e é minha marca registrada. Eu o estou deixando crescer há anos, desde que o governo começou a perseguir meu pai e ele fugiu do país.⁷

E meu cabelo comprido deixa Linda furiosa de um jeito horroroso, especialmente porque ela segue a moda. Ela diz que eu pareço um “grunge maconheiro”⁸ e, quando ainda estava por perto tomando conta de mim, me obrigou a me submeter a um exame de drogas — urinando em um copinho —, no qual fui aprovado⁹.

Não separei um presente de despedida para Linda, e começo a me sentir culpado por isso, de modo que corto o meu cabelo com a tesoura da cozinha — aquela que geralmente usamos para cortar comida.

Eu corto até o couro cabeludo, em uma orgia selvagem de braços, mãos e lâminas prateadas.

Então junto todo o meu cabelo em uma grande bola e o embrulho em papel cor-de-rosa.

Estou rindo o tempo todo.

Corto um pequeno pedaço de papel cor-de-rosa e escrevo no verso:

Prezada Dalila,

Aí está.

Você conseguiu o que queria.

Parabéns!

Amor, Sansão

Dobro o quadrado de papel pela metade e uso fita adesiva para fixá-lo no presente, que parece um pouco estranho — quase como se eu tivesse tentado embrulhar uma bolsa de ar.

Então, enfio o presente na geladeira, o que me parece hilário.

Linda virá procurar uma garrafa de Riesling para acalmar os nervos abalados após ter recebido a notícia de que seu filho livrou o mundo de Asher Beal e também de Leonard Peacock.

Ela encontrará o embrulho cor-de-rosa.

Linda, ao ler o cartão, pensará sobre a alusão a *Sansão e Dalila*, que era o título do fracassado segundo álbum do meu pai, mas vai entender a piada assim que abrir o presente.

Eu a imagino com a mão no peito, fingindo lágrimas, se fazendo de vítima e sendo muito dramática.

Jean-Luc decerto ficará com suas mãos francesas profissionalmente manicuradas bastante ocupadas.

Nada de sexo para ele, quem sabe. Ou talvez não.

Talvez o caso dos dois floresça quando eu não estiver mais por perto para ancorar psicologicamente a pobre Linda à realidade e aos deveres maternos.

Talvez, quando eu estiver morto, ela voe para a França como um brilhante balão prateado de festa infantil.

Ela, provavelmente, até emagrecerá sem que eu esteja por perto para despertar a sua “fome por causa do estresse”.

Talvez Linda nunca mais volte para a nossa casa.

Talvez ela e Jean-Luc se mandem para a capital mundial da moda, a Cidade Luz, *auw-hauh-hauw!*, e transem alegremente feito coelhos para sempre. Ela vai vender tudo, e os novos proprietários encontrarão meu cabelo na geladeira e dirão: “Mas que...?”

Meu cabelo simplesmente acabará na lixeira e pronto.

Desaparecido.

Esquecido.

Descanse em paz, cabelo.

Ou talvez alguém o doe para uma dessas fábricas de perucas que ajudam crianças com câncer. Assim meu cabelo talvez tenha uma segunda chance com uma garotinha inocente e careca em tratamento de quimioterapia.

Eu gostaria disso.

Realmente gostaria.

Meu cabelo merece.

Daí que realmente espero que o cabelo vá para a menina com câncer, se Linda for para a França antes de voltar para casa, ou quem sabe até Linda doe meu cabelo.

Tudo é possível, eu acho.

Encaro o espelho acima da pia da cozinha.¹⁰

O sujeito sem cabelo que olha para mim agora me parece um estranho.

É como se fosse uma pessoa diferente, com trechos irregulares de cabelo no couro cabeludo.

Parece mais magro.

Posso ver as maçãs do rosto despontando onde costumavam estar suas cortinas louras.

Há quanto tempo esse cara está escondido debaixo do meu cabelo?

Não gosto dele.

— Mato você mais tarde — digo para o sujeito no espelho, e ele apenas sorri de volta, como se mal pudesse esperar.

“Promete?”, ouço alguém dizer, o que me deixa apavorado, porque meus lábios não se moveram.

Quer dizer, não fui eu quem falou “Promete?”.

É como se houvesse uma voz presa dentro do espelho.

Então eu paro de olhar.

Por precaução, quebro o espelho com uma caneca de café, porque não quero que o eu do espelho fale de novo.

Os estilhaços caem na pia, e então um milhão de pequenos eus olham de volta para mim, como minúsculos peixinhos.

7 Você não vai acreditar, mas meu pai era um astro menor do rock no início da década de 1990. Seu nome artístico era Jack Walker, por causa de suas bebidas favoritas: Jack Daniel's e Johnnie Walker. Que esperto! Você o conhece? *Não?* Impressionante! Talvez se lembre da banda, Tether Me Slowly, ou a “resposta da Costa Leste ao grunge”, de acordo com uma antiga *Rolling Stone*. Você definitivamente deve ter ouvido um de seus grandes sucessos: “Underwater Vatican”, porque toca a toda hora na porcaria da rádio de rock clássico. Ele fez turnês com The Jesus Lizard, Pearl Jam, Nirvana e outros grupos, abrindo os shows. Assinou um GRANDE contrato com uma gravadora, teve um bloqueio criativo, se tornou alcoólatra, casou-se com a minha mãe, lançou uma porcaria de um segundo álbum, ficou viciado em droga (ou devo dizer que se viciou em *outra* droga porque, como aprendi na aula de saúde, o álcool também é uma droga), era muito covarde para tomar uma overdose ou se matar como um astro de rock que se preze, me teve, parou de fazer música, viveu basicamente de uma única música bem-sucedida e de vender a sua parafernália de rock'n'roll no eBay (incluindo uma guitarra quebrada e autografada pelo Kurt Cobain, que costumava ficar pendurada em cima da minha cama), tornou-se aquele sujeito que uma vez fez um único sucesso e que nunca voltou a tocar guitarra, inchou e avermelhou até ficar irreconhecível, acusou Linda de ter casos amorosos, começou a desaparecer por dias seguidos, jogava escondido à noite em Atlantic City, parou de pagar os impostos, acordou o filho de 15 anos no meio da porcaria da noite para lhe dar os *souvenirs* da Segunda Guerra Mundial de seu pai, me nocauteou com seu hálito alcoólico de Kurt Vonnegut, me disse para ser um bom homem, pediu que eu tomasse conta da Linda e, dizem, fugiu em um maldito navio cargueiro de bananas para alguma floresta na Venezuela pouco antes de os federais conseguirem pegá-lo, e nunca mais se ouviu falar dele desde então. Agora, toda vez que ouço “Underwater Vatican” tenho vontade de derrubar as paredes, e não só porque cada centavo de direitos autorais vai para o governo dos Estados Unidos e não para mim. Linda ficou furiosa por causa do dinheiro que devia ao governo, das trapças dos advogados, por ter perdido a mansão, os carros, mas, fora isso, estava muito mais para “aliviada pra cacete”, então seus pais morreram e ela herdou dinheiro suficiente para começar um negócio de moda em Nova York e me manter aqui em South Jersey. Meu pai — cujo nome verdadeiro era Ralph Peacock — fez Linda assinar um acordo pré-nupcial, estou certo disso, porque ninguém suportaria aquela sua conversa de astro-de-rock-decadente por muito tempo. Mas o engraçado foi que, no fim, ela não ficou com absolutamente nada desse acordo. Ele era um tremendo canalha. E, embora possa ser uma péssima mãe, Linda ainda atrai olhares. Ela é muito bonita. Exatamente como você acha que deve parecer uma ex-modelo com trinta e tantos anos.

8 Também conhecido como meu pai, por volta de 1991.

9 Dessa vez, a maçã caiu longe da árvore.

10 Linda precisa mais de espelhos do que de oxigênio, então há espelhos em cada maldito cômodo da casa.

CINCO

Já estou atrasado para a escola, mas preciso parar na casa do vizinho, Walt,¹¹ para lhe entregar seu presente.

Hoje eu bato uma vez e vou entrando na casa de Walt, porque ele anda devagar, com um daqueles andadores de ferro, cinza, cujas quatro pernas têm bolas de tênis sujas nas pontas para não arranhar o piso de madeira de lei. É difícil para ele se locomover, especialmente com os pulmões ruins, então me deu uma chave e disse: “Venha sempre que quiser. E venha sempre!”

Ele fuma desde os doze anos, e eu o ajudo a comprar seus Pall Mall Reds na Internet para economizar dinheiro. Na primeira vez, achei um negócio fenomenal: duzentos cigarros por dezenove dólares, e ele me proclamou herói ali mesmo. Ele nem sequer tem computador em casa, que dirá acesso à Internet. Então, era como se eu estivesse fazendo milagre, conseguindo cigarros tão baratos entregues em sua porta, porque ele pagava muito mais na loja de conveniência. Eu trazia meu laptop — nosso sinal de internet chega até a sala de estar de Walt — e procurávamos as melhores ofertas toda semana. Ele sempre tentava me dar metade do que economizava, mas eu nunca aceitei seu dinheiro.¹²

É engraçado porque ele é rico,¹³ mas está sempre interessado em conseguir uma pechincha. Talvez seja por isso que é rico. Eu não sei.

Uma “ajudante” vem tomar conta dele quase todos os dias, mas não antes das 9h30, por isso eu e Walt sempre ficamos a sós antes da escola.

— Walt? — chamo enquanto atravesso o corredor enfumaçado, passo embaixo do lustre de cristal e sigo em direção à sala de estar também

enfumaçada onde ele geralmente dorme, cercado de cinzeiros transbordando e garrafas vazias. — Walt?

Eu o encontro em sua poltrona La-Z-Boy, fumando um Pall Mall Red, olhos injetados de sangue por causa do uísque escocês da noite passada.

Seu robe não está fechado, de modo que posso ver o peito nu e sem pelos. Tem a mesma cor rosada de sol poente do interior de uma concha.

Ele olha para mim com sua melhor expressão de astro de cinema em preto e branco¹⁴ e diz:

— Você me despreza, não é?

É uma fala de *Casablanca*, que assistimos juntos um milhão de vezes.

De pé ao lado de sua poltrona com minha mochila entre os meus pés, respondo com a fala seguinte, de Rick, dizendo:

— Se eu pensasse em você, provavelmente o desprezaria.

Então, prossigo com uma fala de *À Beira do Abismo*:

— Ora, ora, ora. Tantas armas na cidade e tão poucos cérebros. — O que soa muito legal e autêntico, considerando que estou com a P-38 nazista em minha mochila.

Walt rebate com uma fala de *Paixões em Fúria*:

— Você estava certo. Quando a sua cabeça diz uma coisa e toda a sua vida diz outra, sua cabeça sempre perde.

Eu sorrio ainda mais, porque sempre que trocamos citações do Bogart nossas conversas parecem fazer uma estranha espécie de sentido, que é imprevisível e quase poética.

Replico com uma fala do Bogart que vi na Internet:

— Parece que nunca acontece um problema em um bar até uma mulher pousar um sapato de salto alto no estribo de bronze. Não me pergunte por que, mas mulheres em bares parecem criar problemas entre os homens.

Ele volta a *Casablanca* e diz:

— Onde você esteve na noite passada?

Então eu termino a citação assumindo o papel de Rick:

— Isso faz tanto tempo, já não me lembro.

Ele diz:

— Eu o verei hoje à noite?

Isso me assusta um pouco, porque ninguém nunca vai me ver novamente depois de hoje, então a pergunta parece pesada. Lembro a mim mesmo que ele não tem como saber do meu plano, está apenas brincando do jogo idiota de Bogart que sempre jogamos. Ele não faz ideia.

Torno-me Rick novamente e termino a fala:

— Nunca planejo com tanta antecedência.

Walt sorri, sopra fumaça para o teto, e diz:

— Louis, acho que este é o começo de uma bela amizade.

Sento-me no sofá e termino o jogo da maneira de sempre, dizendo:

— Ele está olhando para você, garoto.

— Por que você não está na escola, aprendendo? — pergunta Walt enquanto a chama de seu Zippo ilumina seu rosto e outro cigarro ganha vida.

Mas ele não se importa de verdade. Eu vivo matando aula só para assistir a filmes antigos do Bogart com ele. Adora quando eu mato aula.

Ele começa a tossir e dá para ouvir o ronco horroroso do catarro típico de fumante.

A tosse de alguém que fuma dois maços de cigarro por dia há sessenta anos.

Nojento.

Olho para Walt por um longo tempo, esperando que ele limpe a mão no robe e recupere o fôlego.

Eu gostaria que ele fosse mais saudável, mas é difícil imaginá-lo sem um cigarro na mão. Aposto que até mesmo nas fotos de seus anuários escolares ele está fumando. Ele é assim. Como Bogart.

Cara, vou sentir muita falta de Walt. Assistir a filmes antigos do Bogart com ele é uma das poucas coisas de que realmente sentirei falta. Esse sempre foi o melhor momento da minha semana.

Walt pergunta:

— Você está bem, Leonard? Você não me parece bem.

Eu me recomponho, enxugo os olhos com a manga da camisa e digo:

— Sim, eu estou bem.

Ele diz:

— Seu cabelo está enfiado nesse chapéu que você está usando junto com o topo das suas orelhas?¹⁵

Eu balanço a cabeça, assentindo.

Por algum motivo, não quero dizer para ele que cortei o cabelo, talvez porque Walt seja um dos meus melhores amigos — ele realmente se importa comigo, juro por Deus — e saberia que algo estava errado quando visse meu corte de cabelo todo ferrado. Ele ficaria preocupado, e eu quero ir embora numa boa — quero que esta seja uma despedida feliz, algo de que ele possa se lembrar e que realmente o faça se sentir bem depois de eu partir.

— Comprei um presente para você — digo, e tiro o embrulho em forma de tartaruga de dentro da minha mochila.

Ele diz:

— Sabe, hoje não é meu aniversário.

Torço para que ele adivinhe que é o meu aniversário — ou que intua, deduza —, então espero um segundo enquanto ele apalpa o presente e tenta adivinhar o que diabos aquilo poderia ser.

Ele parece muito feliz por ter recebido um presente.

Eu meio que prometo a mim mesmo que não matarei Asher Beal e nem a mim mesmo se ao menos Walt me disser “Feliz aniversário”, uma vez só, por mais tolo e trivial que isso possa parecer.

Walt não diz, e isso me entristece, embora eu provavelmente nunca lhe tenha dito quando era o meu aniversário e saiba que ele certamente diria “Feliz aniversário” se soubesse.

Mas eu realmente quero que ele me fale “Feliz aniversário” sem que eu precise avisá-lo, e, quando ele não o faz, eu começo a me sentir oco, como um barco encalhado ou algo assim.

— Por que o papel é cor-de-rosa? Você acha que eu sou bicha? — diz ele, e então começa a rir muito e volta a tossir.

Eu digo:

— Estamos no século XXI. Não seja homofóbico desse jeito. — Mas eu realmente não estou com raiva.

Walt é tão velho que não dá para acusá-lo de intolerância, porque durante quase toda a sua vida era normal dizer “bicha” entre amigos, e de repente não era mais.

Ele também usa termos ofensivos para negros, judeus, poloneses, chineses, árabes, asiáticos, e tem cerca de um trilhão de insultos terríveis.

Eu odeio intolerância, mas também adoro o Walt.

É como Herr Silverman nos ensina sobre os nazistas. Talvez Walt tenha tido o azar de nascer em uma época em que todo mundo tinha preconceito contra homossexuais e minorias, e assim eram as coisas em sua geração. Eu não sei.

Estou começando a ficar triste com tudo isso, então mudo de assunto, apontando para o presente e dizendo:

— Bem, você não vai abrir?

Ele assente com um gesto de cabeça uma vez, como uma criança, e em seguida rasga o papel rosa com seus dedos trêmulos e amarelados. A meio caminho, diz:

— Acho que sei o que é isso!

Quando desembrulha o chapéu de Bogart, ele diz, todo sentimental:

— Macacos me mordam! — E aninha o chapéu sobre os cabelos brancos.

Cabe perfeitamente, como eu sabia que caberia, porque medi sua cabeça certa vez, quando ele estava desmaiado, bêbado.

Seu rosto se recompõe, ele assume uma expressão de astro de cinema em preto e branco e diz:

— Eu também tenho um trabalho a fazer. Para onde eu vou, você não pode me seguir. Daquilo que vou fazer, você não pode participar. Leonard, não sou bom em ser nobre, mas não é difícil ver que os problemas de três pessoas não valem mais que uma merreca neste mundo louco. Algum dia você entenderá isso.

Eu sorrio porque ele trocou o nome de Ilsa pelo meu. Às vezes, ao dizer as falas de *Casablanca*,¹⁶ ele faz isso.

Ele sorri de volta, muito simpático, e diz:

— Uau! Meu próprio chapéu de Bogart. Eu adorei!

E então eu começo a mentir e não consigo parar, não importa o quanto tente.

Eu não sei por que faço isso.

Talvez para evitar chorar, porque posso sentir a proximidade das lágrimas, como se houvesse uma tempestade em minha cabeça prestes a desabar.

Daí eu digo que consegui o chapéu na Internet, em um site que leiloa objetos cênicos de filmes antigos. Tudo o que arrecadam é destinado à cura da tosse que acomete os fumantes e do câncer de garganta, que matou o bom, velho e “imatável” Humphrey Bogart. Digo que o chapéu que Walt está usando neste exato momento é o mesmo que Humphrey Bogart usou quando interpretou Sam Spade em *O Falcão Maltês*.

Seus olhos se arregalam bastante, e, em seguida, Walt fica com uma expressão triste no rosto, como se soubesse que eu estou mentindo sem necessidade — como se ele tivesse adorado o chapéu, mesmo *não* sendo um objeto cênico usado em um filme, mesmo que eu o tivesse achado na rua ou algo assim, e eu também sei disso, sei que não preciso inventar nada porque nossa amizade já é real e verdadeira —, mas continuo dizendo inverdades e ele não me repreende; não quer me deixar envergonhado e estragar o bom momento que estamos vivendo.

Aquele olhar triste em seu rosto me faz dizer coisas como “Realmente” e “Juro por Deus”, como às vezes faço quando estou mentindo.

Eu falo:

— É realmente o chapéu do Bogart, juro por Deus. *De verdade*. Só não diga nada para a minha mãe, porque eu tive de gastar muito dinheiro; tipo mais de vinte e cinco mil debitados no Visa dela, que vão para a pesquisa do câncer, tudo, e eu precisei comprar o chapéu para podermos ter um pedacinho da história do Bogie para sempre. Certo?

Eu me sinto horrível, porque a verdade é que comprei o chapéu em um brechó por quatro dólares e cinquenta centavos.

Os olhos de Walt parecem vagos e distantes, como se eu tivesse atirado nele com a P-38.

— Então, você gostou? — pergunto. — Gosta de ser o dono do chapéu do Bogie? Usá-lo faz com que você se sinta forte e capaz de enfrentar o dia?

Walt sorri com muita tristeza, faz sua expressão de Bogie e diz:

— O que você já me deu além de dinheiro? Você alguma vez já me deu a sua confiança, a sua verdade? Alguma vez você tentou comprar a minha lealdade com algo além de dinheiro?

Eu reconheço a citação. É de *O Falcão Maltês*. Então eu a termino, dizendo:

— Com o que mais eu poderia comprá-lo?

Olhamos um para o outro com nossos chapéus de Bogart e é como se estivéssemos nos comunicando, mesmo que em silêncio absoluto.

Estou tentando fazer com que ele saiba o que estou prestes a fazer.

Estou torcendo para que ele possa me salvar, apesar de saber que não pode.

Seu chapéu de Bogie é cinza com uma faixa preta e realmente parece com o do Sam Spade. Foi uma garimpada de sorte a minha. Realmente foi. Como se Walt estivesse predestinado a ter esse chapéu.

Lembro-me de outra citação estranhamente apropriada de *O Falcão Maltês* e digo:

— Não vivi uma boa vida. Tenho sido mau. Pior do que você poderia imaginar.

Mas Walt não continua a brincadeira dessa vez. Ele fica muito inquieto e nervoso e, em seguida, começa a me perguntar por que eu lhe dei o chapéu justamente agora.

“Por que *hoje*?” E: “Por que você parece tão triste de repente?” E: “O que há de errado?”

Então ele começa a me pedir para tirar o meu chapéu, perguntando se eu cortei o cabelo, e como eu não respondo ele me pergunta se eu já falei com a minha mãe hoje, se ela tem estado por perto ultimamente.

Digo:

— Eu realmente preciso ir para a escola agora. Você é um vizinho fantástico, Walt. De verdade. É quase como um pai para mim. Não precisa se preocupar.

Volto a conter as lágrimas, então eu lhe dou as costas e saio pelo corredor enfumaçado, passo sob o lustre de cristal e saio da vida de Walt para sempre.

Durante todo o tempo ele grita:

— Leonard. Leonard, espere! Vamos conversar. Estou realmente preocupado com você. O que está acontecendo? Por que não fica mais um pouco? Por favor. Tire o dia de folga. Podemos assistir a um filme do Bogie. As coisas vão parecer melhores. Bogart sempre...

Abro a porta da frente e faço uma pausa longa o bastante para ouvi-lo tossir e ofegar enquanto tenta me seguir, usando o triste andador de farmácia com bolas de tênis nas pontas.

Ele podia morrer hoje, penso, ele realmente podia.

Então, eu apenas saio da casa a passos largos, sabendo que esta é a maneira perfeita de dizer adeus a Walt. Minha saída intempestiva naquele exato momento foi como o clímax emocional de um filme das antigas do Bogart. Em pensamento, eu podia até ouvir os instrumentos de corda construindo um dramático *crescendo*.

— Adeus, Walt — digo enquanto caminho para a escola.

¹¹ Conheci Walt durante uma nevasca, logo depois que nos mudamos para a casa nova. Lembro-me de Linda me pedindo para tirar a neve da entrada da garagem, embora ainda estivesse nevando, pois ela tinha de se encontrar com outro estilista falsificado ou alguma modelo bulímica ou seja lá quem fosse. Acho que ela estava tentando me “curar”, atribuindo-me tarefas viris por causa do que houve entre mim e Asher, embora ela se recuse a acreditar quando tento lhe contar o que aconteceu, porque ela é uma megera alheia e egoísta. Naquele dia, remover a neve era uma tarefa impossível, pois, assim que eu avançava um trecho, o branco voltava a cobrir a parte que eu tinha limpado. Levei horas, e estava exausto quando Linda disse: “Já está bom.” Eu estava prestes a entrar quando ela me pediu para verificar se o vizinho estava bem. “Ele é um homem idoso. Pergunte se precisa que limpem a neve na entrada de sua garagem ou algo assim”, disse Linda, o que era estranho, porque ela não costuma ser atenciosa — ou mesmo se dar conta da presença de alguém além de si mesma. Mais uma vez, acho que ela estava tentando me “curar” sem se referir ao que aconteceu. Quando eu não me movi, Linda disse: “Vá, Leo. Seja um bom vizinho. Queremos passar uma boa impressão. Especialmente depois de tudo o que aconteceu.” Então eu atravessei alguns metros de neve enquanto Linda tirava o carro da garagem. Pretendia entrar na casa nova assim que ela tivesse ido embora, mas ela ficou parada em ponto morto no meio da rua, observando-me através da neve que caía. Assim que toquei a campainha ela foi embora. Quando ninguém atendeu, achei que estava com sorte, mas então ouvi gritos lá dentro e algo que me soou como se fossem tiros. Aquilo me arrancou da tranquila cena invernal em que eu estava e fez meu coração bater ainda mais forte. Esperei um segundo, pensando que poderia estar ouvindo coisas, mas depois ouvi mais tiros, então peguei o celular e liguei para a polícia. Três viaturas chegaram alguns minutos depois com as sirenes ligadas e as luzes piscando. Eles tinham um megafone e o usaram para me dizer que me afastasse da casa. Então eu me afastei. Um dos policiais foi até a porta com a arma na mão e bateu com força. Ninguém atendeu. Então ele atravessou a neve em direção aos fundos da casa. Ele olhava para dentro de todas as janelas. Um minuto depois, a porta se abriu e vimos um velho apoiado em um andador. “O que diabos está acontecendo?”, perguntou ele. “Houve uma denúncia de tiros. O senhor está bem?”, disse o policial. “Eu só estou assistindo a um filme do Bogart, pelo amor de Deus.” Os policiais me olharam como se estivessem putos e depois todos entramos para verificar. Quando os policiais se convenceram de que tudo fora um mal-entendido, foram embora. “O que você estava fazendo na minha porta da frente?”, perguntou o velho. “Minha mãe queria saber se você precisa que eu limpe a entrada de sua garagem. Foi assim que tudo começou. Sinto muito por ter chamado a polícia. Mas os tiros pareciam reais.” O velho sorriu com orgulho e disse: “É o meu novo sistema de som *surround*. Eles estão refazendo o

som da maioria dos filmes antigos, e eu não ouço muito bem, então aumento o volume. Você já viu o bom e velho Humphrey Bogart em ação?" "Não", respondi. Ele arregalou os olhos e disse: "Meu Deus, você não tem ideia do que está perdendo! Sente essa bunda ignorante na minha sala e vamos começar com *O Tesouro de Sierra Madre*." E foi assim que Linda me empurrou para o vizinho do lado quando eu precisava de uma figura paterna — quando comecei a ficar mal da cabeça. Assistir a filmes antigos com Walt parecia algo estranho de se fazer em um dia de neve, mas era melhor do que limpar, então eu o segui até a sala de estar, recusei o cigarro que ele me ofereceu, ouvi Bogart dizer "Pode dar algum dinheiro a um compatriota para uma refeição?" e me acomodei para o que viriam a ser horas, dias e semanas de filmes em preto e branco.

¹² Talvez você me ache um idiota por facilitar a compra de cigarros para um velho com os pulmões ferrados. Que fique registrado que eu não gosto muito de cigarros, embora esteja prestes a cometer suicídio. Ironia? Mas Walt praticamente só tem os filmes antigos, os cigarros, o uísque e a mim. Os cigarros são 25 por cento da vida dele. Então eu não o censuro por fumar. Por que ele deveria querer prolongar a própria vida? Walt começou a fumar antes mesmo de saber que aquilo fazia mal, então talvez o vício não seja realmente culpa dele. Talvez, se eu tivesse nascido há uns oitenta e tantos anos, também fosse viciado em cigarros.

¹³ TV de tela plana de 70 polegadas; tapetes orientais; Mercedes-Benz novinho em folha na garagem, que ele nunca dirige; jardim cuidado por paisagista profissional; sistema de irrigação embutido no solo; uma pintura original de Norman Rockwell no corredor — dá para você ter uma ideia.

¹⁴ Se você tirasse todas as rugas e o cabelo branco de Walt, ele pareceria um George Clooney envelhecido.

¹⁵ Ele se refere ao meu chapéu de Bogart, que é tão grande que chega a cobrir as minhas sobrancelhas. É um tanto ridículo.

¹⁶ Talvez você esteja se perguntando por que um adolescente em 2011 gosta de assistir aos filmes do Bogart com um velho. Boa pergunta. No começo, era apenas algo para fazer, um lugar onde eu me sentia bem-vindo, porque Walt é muito solitário. Mas eu realmente passei a entender e amar a Hollywood do Bogart. Walt diz que esses filmes eram feitos para gente desorientada, chegada da Segunda Guerra Mundial e tentando entender o novo mundo pós-guerra, tentando reaprender a ser homem em uma nova vida doméstica com as mulheres. Não havia mulheres por perto enquanto combatiam no exterior, apenas homens ajudando homens, que é a razão para existirem *femmes fatales* como Lauren Bacall. Durante a guerra, os homens se esqueceram de como interagir com as mulheres e confiar nelas. E eu gosto do fato de Walt me levar para um lugar que nenhum dos meus colegas de escola sabe que existe. Admiro Bogart porque ele faz o que é certo, não importam as

consequências, mesmo quando elas serão negativas para ele, ao contrário de quase todo mundo em minha vida.

SEIS

CARTA DO FUTURO NÚMERO 1

Caro primeiro-tenente Leonard,

Billy Penn está fazendo a sua melhor imitação de Jesus.

Isso é o que você dirá hoje, quando chegar aqui e se apresentar para o serviço.

Isso ocorrerá cerca de vinte anos e uma hora de onde você está no momento presente, cerca de treze meses depois de você decidir se aventurar a entrar no grande, aberto e não mais civilizado vazio.

Assim como eu, você vai decidir que a vida em uma terra seca e apinhada de gente — onde você tem de se acotovelar com todo mundo para abrir caminho e apenas respirar uma lufada de ar fresco — não foi feita para você.

E você nunca viveria como um roedor em uma cidade tubular, não é mesmo?

Inevitavelmente, você se juntará a mim no que hoje chamamos de Estação 37, Farol 1 — o que você conhece atualmente como Filadélfia, o arranha-céu do Comcast Center.

Nos dias atuais, as marés sobem e descem centenas de metros devido ao aumento da velocidade dos padrões climáticos e aos terremotos diários que abrem e fecham fendas submarinas gigantescas. Nosso planeta está se formando novamente.

Hoje, a água está tão baixa que podemos ver os pés de Billy Penn e alguns poucos centímetros do antigo prédio da prefeitura em cima do qual ele ainda está empoleirado. A prefeitura está submersa, de modo que parece que Billy Penn está andando sobre as águas, daí a referência a Jesus.

Saudações do futuro.

O ano é 2032.

Houve um holocausto nuclear, como todos temiam que pudesse haver, e conseguimos derreter as calotas polares, o que inundou o planeta, submergindo um terço de toda a terra conhecida. Lembra-se do filme que seu professor de ciências lhe mostrou? Bem, Al Gore estava certo.

As armas nucleares dizimaram um quarto da população mundial, e uma escassez de alimentos por falta de terras e de água potável cuidou de mais um quarto. Ao menos é o que dizem.

Aqui, na Terra Coletiva da América do Norte — os Estados Unidos se fundiram ao Canadá e ao México há vários anos —, nossas perdas em geral não foram tão dramáticas como as que aconteceram em outras partes do mundo, mas a perda de território foi bastante grande. Isto resultou no que foi comparado a um ataque cardíaco migratório. Todo mundo foi forçado a entrar em nosso país, o que causou caos, é claro, e obrigou a implantação da lei marcial e um novo tipo de governo totalitário.

Eles começaram a construir verticalmente. O céu é a nova fronteira, o setor imobiliário mais promissor. Tudo são elevadores, arranha-céus e caminhos tubulares nas nuvens. As pessoas vivem a maior parte da vida dentro de casa, em algum lugar entre a terra e o espaço, dificilmente respirando ar não filtrado ou sentindo a luz do sol diretamente sobre a pele nua. São como roedores em cidades-gaiola de tubos de plástico.

Mas nós, não.

Nós nos oferecemos para povoar a Estação 37, Farol 1, e passamos a maior parte dos dias navegando ao redor do topo dos edifícios daquilo que outrora foi a Filadélfia. Incluindo você, há apenas quatro de nós aqui.

É nosso trabalho fornecer luz para todas as embarcações que acidentalmente possam entrar em nosso setor, de modo que não colidam com os topos expostos dos arranha-céus submersos. Estamos aqui para ajudar em operações militares, é claro, mas não vemos outro ser humano ou um único barco de qualquer tipo há mais de um ano. Não mantemos contato oficial com o governo da Terra Coletiva da América do Norte há noventa e sete dias, nem

temos sido capazes de nos conectar com nosso satélite, o que nos leva a crer que todas as comunicações globais foram encerradas.

Por quê?

Não sabemos.

Mas eis o melhor: nós não nos importamos.

Estamos felizes.

Somos autossuficientes, abastecidos com mais de vinte anos de pacotes de alimentos policongelados.

Os cientistas provaram que estar longamente exposto ao ar não filtrado e tão próximo das grandes nuvens de radiação nuclear que derivam sem rumo na Área Global Comum Dois, ou o que vocês chamam de Oceano Atlântico, definitivamente encurtará nossas vidas mais rápido do que se fumássemos dois maços de cigarros por dia, e, no entanto, estamos em paz com a nossa decisão e nos sentimos como se tivéssemos escapado — ou, talvez, como se finalmente tivéssemos chegado em casa.

Estamos vivendo o momento.

Às vezes nos sentimos culpados sabendo que muitas pessoas sofreram com os horrores que nos colocaram aqui, mas como não tínhamos controle sobre essas coisas, simplesmente tentamos desfrutar de nossa boa sorte.

Nossa vida é estranha.

Passamos os dias nos barcos, procurando nos topos dos arranha-céus qualquer coisa interessante, entrando em apartamentos, escritórios e lojas, como arqueólogos amadores. Estas são as pirâmides egípcias do nosso tempo — “nossa Machu Picchu submarina”, como você gosta de dizer.

Você escava mais com os outros, “reconstruindo as vidas de estranhos”. É como um jogo. “Nosso maior entretenimento.” Vocês três gostam de brincar de *Quem morou aqui?*, e suas respostas estão cheias de heróis e heroínas que outrora agiram com nobreza e coragem, antes de o mar engolir toda a sua civilização.

Há um trilhão de histórias para serem encontradas embaixo de nós. “A Estação 37 talvez seja a maior biblioteca de ficção interativa que o homem já conheceu.”

A propósito, foi você quem disse isso.

Estou sempre citando o futuro você.

Você é muito citável.

Você também adora observar golfinhos. Há um grande bando deles aqui. Eles já começaram a sofrer mutações devido à radiação nuclear, e são um pouco maiores do que costumavam ser. Muitas vezes você monta em suas costas e os chama de ônibus. “Vou pegar um ônibus”, você diz para S, e ela bate palmas e ri quando você os monta, segurando a barbatana e sendo molhado pela respiração borrifada da criatura. Nós os tratamos como animais de estimação, nadamos com eles frequentemente e tiramos deles os parasitas vermelhos, que se parecem com lulas sempre que se viram e nos oferecem sua barriga branca e macia.

Um jovem golfinho nada ao lado de seu barco todas as manhãs quando você faz sua ronda. Você o batizou de Horácio, porque ele é muito leal. Nós brincamos dizendo que ele é seu melhor amigo e o chamamos de Hamlet, uma peça que você ainda lê todas as noites depois de todos esses anos. “Ele dá e dá”, você diz. Assim como seu professor de inglês lhe ensinou.

Mas o que você mais gosta de fazer é mergulhar na cidade, explorando as ruas inundadas que ainda estão repletas de carros, barraquinhas de cachorro-quente, monumentos, bancos de parques, árvores petrificadas, complexos esportivos e tantas outras coisas de nosso passado, seu presente.

Só temos algumas garrafas de oxigênio armazenadas, então você não pode mergulhar tão frequentemente quanto gostaria, porque está guardando um pouco para o futuro. Racionando. Você acredita no futuro agora. É fácil para você, porque ama o presente. E, também, porque agora você tem S.

Você ainda fica melancólico algumas vezes, especialmente quando pensa no passado, mas geralmente você é feliz.

É uma vida boa e estranha.

Somos uma pequena família feliz.

Eu entendo que você esteja passando por um momento difícil, Leonard. Conversamos sobre isso em detalhes durante as nossas noites insones, manejando o grande feixe de luz.

Seu passado — aquilo que você está experimentando atualmente — seria difícil para qualquer um suportar. Você teve de ser muito forte para conseguir

chegar tão longe. Admiro sua coragem, e espero que você possa aguentar mais um pouco. Vinte anos parecem muito tempo, aposto, mas vão passar mais rápido do que você pode imaginar.

Eu sei que você realmente quer matar aquele certo alguém. Que você se sente abandonado por seus pais. Desprezado na escola.

Sozinho.

Sem amigos.

Preso.

Com medo.

Eu sei que você só quer que tudo acabe, que não consegue ver nada de bom em seu futuro, que o mundo parece escuro e terrível, e talvez você tenha razão, o mundo pode ser, definitivamente, um lugar apavorante.

Eu sei que você mal está suportando.

Mas, por favor, aguarde mais um pouco.

Por nós.

Por si mesmo.

Você vai adorar a Estação 37.

Você vai ser o guardião da luz.

Meu primeiro-tenente.

Nosso feixe de luz é impressionante, mesmo que ninguém, exceto nós, o veja. Nós o projetamos todas as noites, religiosamente. E quando desligarmos o farol para economizar energia, você verá as estrelas como nunca viu.

Estrelas espantosas, cujas profundezas você jamais mapeará.

Um estranho, belo e novo mundo o aguarda, Leonard.

Nós encontramos um oásis em suas ruínas. De verdade.

Se você quiser conhecê-lo, apenas aguarde, está bem?

Com muita esperança no futuro (e de um homem que sabe com certeza!),
Comandante E

SETE

Minha escola tem o formato de uma caixa vazia sem tampa.

Há um pátio muito bonito no centro, com quatro quadrados gramados, bancos, calçadas de seixos que formam um enorme +, com colunas parecidas com as da Casa Branca ao fundo e uma torre com cúpula que se observa do alto todo o conjunto.

Antes da aula ou durante o almoço o pátio fica repleto de estudantes — como uma terrível infestação de baratas, só que com adolescentes. Mas durante as aulas é tranquilo, e nunca consigo resistir à vontade de me sentar em um banco e observar as nuvens e os pássaros voarem acima de mim.

Eu gosto de imaginar que sou um prisioneiro mantido em uma cela úmida e escura, a quem só são permitidos quinze minutos por dia no pátio, a fim de que eu me lembre de realmente gostar de olhar para cima. E é isso o que estou fazendo quando o vice-diretor Torres bate em meu ombro e diz:

— Eu odeio interromper este seu bom momento, mas você não deveria estar na sala de aula, Sr. Peacock?

Eu começo a rir, porque ele está agindo todo cheio de superioridade, como sempre faz. Ele não faz ideia de que eu estou com a P-38, de que eu poderia atingi-lo no coração e acabar com sua vida agora mesmo apenas puxando o gatilho e que, portanto, ele não tem qualquer poder sobre mim.

Ele pergunta:

— O que é tão engraçado?

E eu me sinto tão poderoso sabendo que a P-38 está dentro da minha mochila, que respondo:

— Nada de mais. Gostaria de se sentar? Está um lindo dia. *Lindo*. Você parece estressado. Talvez devesse descansar aqui ao meu lado. Olhar para o céu é muito saudável. Aprendi isso vendo televisão à tarde, programas femininos. Vamos conversar. Vamos tentar entender um ao outro. O que você acha?

Ele apenas me olha por um segundo e então diz:

— E esse chapéu?

Respondo:

— Andei assistindo a filmes do Bogie com meu vizinho. Eu me tornei um grande fã.

Quando ele não responde, acrescento:

— Você sabe: Humphrey Bogart? *Ele está olhando para você, garota?*

Ele diz:

— Eu sei quem é Humphrey Bogart. Agora, de volta para a sala de aula.

Eu cruzo as pernas para mostrar que não tenho medo dele, e então digo:

— Eu perdi a primeira aula e ainda não me apresentei à secretaria. Então, tecnicamente, estou por minha conta. Ainda não bati o ponto, por assim dizer, chefe. Ainda não estou sob a sua jurisdição. No momento, sou apenas um homem qualquer em um parque.

O rosto do vice-diretor Torres começa a ficar roxo como uma berinjela quando ele diz:

— Eu não tenho tempo para conversa fiada esta manhã, Leonard.

Então eu respondo:

— Mas eu estou falando muito sério. Respondi a todas as suas perguntas de forma honesta e precisa. Sempre sou direto ao me dirigir a você. Mas você não me escuta. *Ninguém escuta*. Por que não se senta? Isso vai fazer você se sentir melhor. Isso realmente pode...

— Leonard — diz ele. — Basta.

Eu digo:

— *Nossa!*

Porque eu realmente estava tentando fazer contato. Eu teria falado com ele aberta e honestamente — sem qualquer conversa fiada — se ele tivesse se sentado e tirado alguns minutos sendo humano.

O que seria tão importante a ponto de ele não poder perder cinco minutos comigo olhando para o céu?

Então o vice-diretor Torres faz aquele negócio pouco convincente e nada original, o que me deprime. Ele provavelmente também faz isso com o filho, Nathan, cuja foto¹⁷ do ensino fundamental fica sobre a mesa dele. O vice-diretor Torres diz:

— Sr. Peacock, eu vou contar até três, e caso você não esteja a caminho da sala de aula no momento em que eu disser três, você vai arranjar um grande problema.

— Que tipo de problema?

Ele levanta o dedo e diz:

— Um.

— Você não acha que devemos discutir as consequências da minha possível falta de ação para que eu possa decidir se fazer ou não o que você pediu é realmente do meu interesse? Gostaria de tomar uma decisão consciente. Eu quero pensar. Afinal, estamos em uma escola. Você não deveria nos encorajar a pensar? Ajude-me nesse aspecto.

Ele faz o sinal de paz, e diz:

— Dois.

Eu olho para o céu, sorrio e me levanto pouco antes de ele dizer três, só porque preciso atirar em Asher Beal. Essa é a única razão. Eu juro por Deus. Não quero tornar este dia mais difícil do que ele já será. Não tenho medo do vice-diretor Torres, de seus dedos, nem da merda da sua contagem. Isso eu lhe garanto.

Eu começo a caminhar até a secretaria, mas logo me viro e digo:

— Estou preocupado com você, vice-diretor Torres. Parece estressado. E isso está afetando o seu trabalho.

Ele diz:

— Estou com a agenda cheia hoje. Veja se me dá um tempo, está bem? Apenas vá para a sala de aula, Sr. Peacock. *Por favor.*

Concordo com um gesto de cabeça, caminho em direção à diretoria e ouço o vice-diretor Torres suspirar alto. Eu não acho que seu suspiro seja dirigido a mim, mas sim à sua vida — pelo fato de ele estar tão estressado e ocupado.

É como se todos os adultos que eu conhecesse odiassem completamente seus empregos e suas vidas. Eu acho que não conheço ninguém com mais de dezoito anos que não prefira estar morto, além de Walt¹⁸ e Herr Silverman, e saber disso faz com que eu me sinta confiante quanto ao que vou fazer mais tarde.

¹⁷ Suéter de gola rulê. Sorriso banguela. Cabelo de cuia. Garoto bonitinho.

¹⁸ Que, ironicamente, está morrendo.

OITO

Às vezes eu faço isso de vestir um terno preto que eu tenho para ocasiões formais, como enterros, e pegar uma pasta vazia que comprei em um brechó. Só que não vou para a escola.

Eu treino ser adulto, fingindo que estou indo para o trabalho.

Caminho em direção à estação de trem, e, a cerca de uns dois quarteirões dali, eu me junto às outras pessoas de ternos carregando pastas.

Estudei suas expressões mortas o suficiente para me misturar a eles.

Marcho como um soldado, imitando os passos, balançando minha maleta vazia do mesmo jeito — quase em passo de ganso.

Eu insiro moedas nas máquinas no lado de fora da estação e pego um jornal de papel à moda antiga, que enfio debaixo do braço, só para me confundir com a multidão.

Pago minha passagem na máquina.

Desço pela escada rolante.

Então fico parado como um zumbi esperando o trem chegar.

Eu sei que isso vai parecer errado, mas sempre que visto meu terno de enterro, vou para a estação de trem e finjo que tenho um emprego na cidade, isso sempre me faz pensar nos trens nazistas que levavam os judeus da Segunda Guerra Mundial para os campos de concentração. Herr Silverman nos ensinou sobre isso. Eu sei que é uma comparação horrível, talvez até ofensiva, mas aguardando ali na plataforma, entre os homens de terno, sinto que estou esperando para ir para algum lugar horrível, onde tudo o que é bom acaba e, em seguida, a miséria perdura para todo o sempre — o que me faz lembrar das terríveis histórias que aprendemos nas aulas sobre o Holocausto, seja isso ofensivo ou não.

Quer dizer, nós ganhamos a Segunda Guerra Mundial, certo?

E, no entanto, todos esses adultos — filhos, filhas e netos de nossos heróis da Segunda Guerra — continuam a entrar em trens da morte metafóricos, mesmo tendo derrotado os nazifascistas há muito tempo. Portanto, cada americano é livre para fazer o que quiser aqui neste grande país supostamente livre. Por que não usam sua liberdade para buscar a felicidade?

Quando o trem chega, o rebanho entra rapidamente — como se todos estivessem debaixo d'água há muito tempo e dentro dos vagões houvesse oxigênio.

Ninguém fala.

É sempre silencioso.

Sem música ou algo assim.

Ninguém diz: “Como foi a sua noite?” ou “Quais são os seus sonhos e aspirações?”. Ninguém conta piadas, assobia ou faz qualquer coisa para aliviar o clima e tornar a ida para o trabalho que partilham pela manhã em algo mais suportável.

Penso em como detesto todos os meus colegas de escola, mas ao menos eles pareceriam vivos caso estivessem no trem. Eles estariam fazendo piadas, rindo, brincando uns com os outros, planejando festas, falando sobre as porcarias que assistiram na TV na noite anterior, trocando mensagens de texto, cantando músicas pop, talvez rabiscando ou um milhão de outras coisas.

Mas esses adultos de terno só ficam ali sentados, ou de pé, de vez em quando lendo o jornal com uma expressão infeliz, clicando com raiva na tela de seus smartphones, tomando café de queimar a língua em copos descartáveis, e quase nem piscam.

Observá-los me deixa tão triste que me faz querer nunca me tornar um adulto. Faz com que eu acredite que usar a P-38 é o melhor a ser feito. Que estou fugindo de um destino terrível e que sou como os judeus que mataram seus filhos e filhas antes que os soldados nazistas pudessem levá-los para serem usados em experiências nos campos de tortura.

Certa vez, Herr Silverman nos mandou escrever uma redação em primeira pessoa sob o ponto de vista de um judeu durante o Holocausto. Eu escrevi sobre um pai judeu que matou a esposa e os filhos e depois se suicidou para evitar que fossem para os campos de concentração — o que foi um exercício bastante triste, embora tenha sido para mim, na verdade, uma redação fácil de escrever. O pai judeu sobre o qual escrevi era um bom homem que amava a família. Amava tanto que não permitiria que ela experimentasse os horrores nazistas. Minha redação era quase uma carta de desculpas. Meu narrador anônimo a escreveu como uma oração, pedindo o perdão de seu deus pelo que ele precisava fazer. A redação acabou ficando excepcionalmente autêntica. Herr Silverman chegou a ler partes em voz alta para a classe e disse que eu era muito “compreensivo” para a minha idade.

Ouvi outros garotos da turma sussurrando todo tipo de coisas a meu respeito depois disso, dizendo que eu tinha justificado o infanticídio e o suicídio, mas os meus colegas não entenderam porque são adolescentes mimados que vivem aqui nos Estados Unidos, no início do século XXI. Eles nunca precisaram tomar grandes decisões. Suas vidas são fáceis e sem graça. Eles não estão acordados.

Herr Silverman está sempre nos perguntando se percebemos o quanto nossas vidas são ditadas pelo fato de termos nascido nos Estados Unidos há dezoito anos, e o que realmente teríamos feito se fôssemos crianças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Juventude Hitlerista estava na moda.

Eu sou honesto o suficiente para admitir que não sei.

Todos os meus colegas idiotas dizem que desafiariam os nazistas, que assassinariam Hitler com as próprias mãos, mesmo não tendo coragem ou cérebros para desafiar nossos professores idiotas e nossos pais robôs.

Cordeiros.

Exemplo: Herr Silverman faz aquele negócio de fundir a cuca quando diz para os alunos:

“Vocês todos estão usando mais ou menos o mesmo tipo de roupa. Olhem ao redor e verão que é verdade. Agora, imagine que você é o único

que não usa uma marca legal. Como isso faz você se sentir? O raio da Nike, as três listras da Adidas, o jogadorzinho de polo em cima do cavalo, a gaiivota da Hollister, os símbolos dos times profissionais da Filadélfia, até mesmo o mascote da escola que vocês, atletas, usam quando jogam contra outras escolas; alguns de vocês usam o nosso Mustang na sala de aula, mesmo se não há nenhum evento esportivo programado. Esses são os seus símbolos, o que vocês vestem para provar que sua identidade tem a ver com a identidade dos outros. Muito parecido com os nazistas e sua suástica. Temos um código de vestimenta bem livre, e ainda assim vocês vestem praticamente a mesma coisa. Por quê? Talvez vocês sintam que é importante não se afastar muito da norma. Será que também não usariam um símbolo do governo se fosse importante e normal fazer isso? Se esse símbolo lhes fosse vendido do jeito certo? Se estivesse costurado nas grifes mais caras do shopping? Se fosse usado por astros do cinema? Pelo presidente dos Estados Unidos?”

Esse tipo de merda revolucionária que Herr Silverman diz faz os idiotas dos meus colegas de sala ficarem com raiva, o rosto vermelho, às vezes até mesmo prontos para bater nele, porque não percebem que nosso professor está apenas tentando fazê-los pensar. Ele não está realmente dizendo que usar roupas de marca é ruim. Ou que comprar roupas da Polo faz de você um nazista. Ou que você está a um passo do fascismo se usa um boné dos Phillies.

Mas isso me faz rir todas as vezes, porque eu não uso essas porcarias de marca, não jogo nem acompanho nenhum esporte popular, e jamais usaria o mascote de merda da nossa escola. Eu não sou um seguidor. Não sou sociável. Nem mesmo estou no Facebook.

Assim, sempre que Herr Silverman traz à tona a questão dos símbolos, posso assistir aos outros se contorcendo e se defendendo sem me sentir um maldito hipócrita.

Talvez eu tenha transcendido a minha idade, por assim dizer.

Meus colegas de classe são todos uns macacos, reprimidos.

NOVE

No trem, vestindo meu terno de enterros, fingindo ser um trabalhador comum, eu sempre escolho um alvo — a pessoa com a expressão mais triste que possa encontrar —, e então salto na parada onde o alvo saltou e o sigo.

Noventa e nove por cento das vezes o alvo está em estado tão vegetativo que não se dá conta da minha presença.

Sigo o alvo, caminhando alguns metros mais atrás, e o alvo sempre anda muito rápido, porque o alvo está sempre atrasado e com pressa de chegar a um trabalho que inevitavelmente odeia, o que eu simplesmente não entendo.¹⁹

Durante todo o tempo eu finjo ser telepata. E, apenas com a minha mente, eu digo — ou penso? — para o meu alvo: “Não faça isso. Não vá para esse trabalho que você odeia. Faça algo de que goste hoje. Ande de montanha-russa. Nade pelado no mar. Vá para o aeroporto e pegue o próximo voo para qualquer lugar apenas por diversão. Gire um globo terrestre, pare-o com o dedo e, em seguida, planeje uma viagem para aquele lugar. Mesmo que seja no meio do oceano, você poderá ir de barco. Coma alguma comida exótica da qual nunca ouviu falar. Pare um estranho e peça a ele para lhe explicar em detalhes seus maiores medos, suas esperanças e aspirações secretas, e em seguida diga-lhe que você se importa. Porque ele é um ser humano. Sente-se na calçada e faça desenhos com giz colorido. Feche os olhos e tente ver o mundo com seu nariz — permita que o olfato seja a sua visão. Ponha o sono em dia. Ligue para um velho amigo que você não vê há anos. Arregace as pernas da calça e entre no mar. Assista a um filme estrangeiro. Alimente esquilos. *Faça alguma coisa! Qualquer coisa!* Porque você inicia uma revolução, uma decisão de

cada vez, toda vez que respira. Só não volte para aquele lugar miserável para onde vai todos os dias. Mostre-me que é possível ser adulto e também ser feliz. Por favor. Este é um país livre. Você não precisa continuar fazendo isso caso não queira. Você pode fazer o que desejar. Ser quem quiser. Isso é o que eles nos dizem na escola, mas se você continuar entrando naquele trem e indo para o lugar que você odeia, vou começar a achar que as pessoas na escola são mentirosas, como os nazistas, que disseram aos judeus que eles estavam apenas sendo transferidos para trabalhar nas fábricas. Não faça isso conosco. Diga-nos a verdade. Se ser adulto significa trabalhar a vida inteira em algum campo de concentração que você odeia, se divorciar do marido criminoso, se decepcionar com seu filho, ficar estressada e infeliz, namorar um impostor²⁰ e fingir que ele é um herói quando, na verdade, ele é uma pessoa ruim, e qualquer um consegue ver isso só de apertar a sua mão pegajosa²¹ — se as coisas não forem melhorar mesmo, eu preciso saber agora. Apenas me diga. Poupe-me da porra de um destino terrível. Por favor.”

Faço essa telepatia por cerca de dez minutos, enquanto o alvo sai da estação de metrô, e caminha à sombra dos arranha-céus e finalmente desaparece, dentro de um edifício que geralmente tem um segurança para manter gente louca como eu do lado de fora.²²

Depois, eu apenas vou para o parque mais próximo, sento-me entre os pombos e olho para as nuvens até que meu dia de trabalho acabe e seja hora de eu voltar para casa com todos os outros Toms e Jennys exaustos, que parecem ainda mais miseráveis à noite, na viagem de volta.

O retorno para casa sempre aumenta minha depressão, porque essas pessoas são livres — estão voltando do trabalho para as famílias que eles mesmos escolheram e constituíram — e ainda assim não parecem felizes.

Eu sempre me pergunto se é assim que Linda fica quando dirige até em casa, vindo de Nova York: tão completamente miserável, com cara de zumbi, enganada.

Será que ela se parece com a mãe de um monstro?

¹⁹ Como Linda, que afirma AMAR AMAR AMAR desenhar suas roupas, mas que nunca perde a chance de reclamar e se estressar com o trabalho. Como ela pode amar algo que a faz tão infeliz, que a mantém longe do único filho? Será possível que estar estressada com o trabalho e reclamar o tempo todo seja um alívio bem-vindo do fardo de ser mãe de Leonard Peacock? Eu não sei. Mas pensar nisso me entristece. Especialmente por que ela se tornou estilista logo depois de eu tentar contar as coisas ruins que aconteceram com Asher. Era como se a minha tentativa frustrada de confissão a tivesse afastado de mim — me tornado repugnante.

²⁰ Que provavelmente transa com centenas de outras mulheres pelas suas costas, porque ele é um figurão do mundo da moda e, portanto, definitivamente, pode fazer isso. E, afinal de contas, pessoas que valorizam a moda acima de tudo geralmente não são humanitárias ou candidatas ao Prêmio Nobel da Paz.

²¹ Herr Silverman diz que as mulheres judias nos campos de concentração nazistas eram muitas vezes forçadas a manter relações sexuais com oficiais nazistas (talvez alguém como aquele que possuía a minha P-38?) apenas para continuarem vivas e obter privilégios para si e para os membros de sua família. Isso me fez pensar se Linda tem de fazer sexo com Jean-Luc para manter viva a sua carreira no mundo da moda. (Herr Silverman também nos disse que algumas escravas sexuais eram adolescentes como nós.)

²² Interessante que as empresas na cidade tenham seguranças, mas minha escola, não. Talvez venha a ter depois de hoje. Mas por que proteger os adultos e não as crianças?

DEZ

Pratiquei ser adulto dezenas de dias, segui muitos homens de terno, e apenas uma vez alguém me notou.

Era uma mulher bonita que usava óculos escuros enormes estilo anos 1970, embora a maior parte do percurso do trem seja subterrâneo. Eu podia ver o rímel escorrendo por seu rosto, mas ela era muito bonita ainda assim. Tipo, eu me senti meio que atraído.

Cabelo louro, comprido e brilhante.

Batom vermelho.

Meias pretas.

Tailleur cinza de risca de giz.

Dava para ver que ela era alguém importante apenas pelo modo como se sentava e desafiava qualquer um a dizer alguma coisa sobre o rímel escorrendo. A vibração que ela lançava era ameaçadora e, definitivamente, avisava: “Não se meta comigo.”

Independentemente disso, naquele dia, aquela mulher era, de longe, a pessoa mais miserável no trem. Dava para ver que estava chateada, mas também parecia poder arrancar fora a sua cara caso você lhe dirigisse a palavra.

Todos os outros adultos fingiam não notar, o que me pareceu uma atitude covarde.

Como ela era o alvo óbvio do dia, eu a segui quando saiu do trem.

Lembro-me do som de seus saltos altos estalando no concreto como tiros de espoleta.

Ela caminhou até a escada rolante e eu também, tentando acompanhá-la.

Quando passamos pela roleta, eu comecei a telepatia, dizendo (ou pensando?): “Não faça isso. Não vá para o trabalho que você odeia. Vá saltar de paraquedas. Compre uma estrela pela Internet. Adote um gato.” E continuei com minha rotina por um quarteirão mais ou menos. A mulher entrou em um beco e, quando estávamos na metade dele, ela se virou como um tornado e apontou uma lata de gás de pimenta para o meu nariz.

— Quem é você e por que está me seguindo? — perguntou. — Vou acabar com o seu dia. Esse troço é do bom. É ilegal nos Estados Unidos. Eu vou apertar isso aqui e você vai passar meses sem conseguir enxergar. Pode até ficar cego.

Eu não sabia o que dizer, então ergui as mãos, como fazem os criminosos nos filmes sempre que querem se render, quando algum sujeito durão tipo o Bogart aponta uma arma e diz: “Mãos ao alto.”

Ela se surpreendeu, deu um passo atrás, mas não jogou spray em mim.

— Quantos anos você tem? — perguntou.

— Tenho dezessete anos. — eu disse.

— Qual é o seu nome?

— Leonard Peacock.

— Certamente é um nome falso.

— Eu posso mostrar a minha carteira de estudante. — eu disse.

— Vamos lá, mas devagar. Se você tentar qualquer gracinha, eu acerto sua córnea.

Eu abaixei as mãos muito lentamente e disse:

— Está no bolso da minha jaqueta. Posso pegar?

Ela assentiu, então eu peguei a carteira de estudante.

Ela a tomou, olhou meu nome e disse:

— Bem, droga. Você realmente é Leonard Peacock. Que nome idiota.

— Por que você está chorando? — perguntei.

Eu a vi contrair o dedo no spray e pensei que estava prestes a levar um jato na cara, mas em vez disso ela guardou a minha carteira de estudante em sua bolsa e disse:

— Por que está me seguindo? Alguém está pagando você? O que eles querem?

— Não. Não é nada disso.

Ela aproximou a lata mais alguns centímetros do meu rosto, apontou para o meu olho esquerdo e disse:

— Não se meta comigo, Leonard Peacock. Foi o Brian quem o mandou fazer isso? *Hein?* Diga!

Voltei a erguer as mãos:

— Não conheço nenhum Brian. Eu sou apenas um garoto idiota. Eu me visto como gente grande de vez em quando e mato aula para ver como é ser adulto, está bem? Eu quero saber se crescer vale a pena. Só isso. Então eu sigo o adulto que me parece mais infeliz até o trabalho dele, porque tudo o que sei é que algum dia também vou ser o adulto mais infeliz no trem. Preciso saber se aguento.

Ela perguntou:

— Aguentar o quê?

Respondi:

— Ser um adulto infeliz.

Ela baixou a lata.

— Sério?

Voltei a menear a cabeça.

Ela disse:

— Você é completamente louco, não é?

Meneei a cabeça novamente.

— Mas não é perigoso, certo? Você é um cordeiro.

Balancei a cabeça em negativa, porque eu não era perigoso na época. E então assenti, porque eu não era lobo, leão, nem nenhum outro tipo de predador naquela época. Ela disse:

— Certo. Você toma café?

ONZE

Ela me levou para uma cafeteria perto do beco onde tinha roubado a minha carteira de estudante. Estava repleto de gente idosa comendo *bagels* e tomando café.

Ela começou a falar sobre como estava estressada, e que havia um sujeito chamado Brian em seu trabalho com quem tinha transado uma vez e que agora estava usando isso contra ela, porque os dois estavam atrás da mesma promoção. A mãe dela estava morrendo em algum asilo em Nova Jersey, que era onde tinha passado a noite anterior. Ela realmente queria ficar lá, porque a mãe estava perto do fim, mas aquela mulher sabia — embora ninguém fosse dizer que ela não poderia ficar lá para acompanhar a morte da mãe — que Brian usaria a falta ao trabalho como uma forma de roubar sua promoção.

Ou ao menos foi isso o que eu entendi.

Ela estava divagando e balbuciando como se estivesse bêbada, e ficava agitando as mãos e não tirava os óculos de sol, mesmo dentro da cafeteria. Falou por uma hora mais ou menos, e eu estava começando a pensar que ela era uma grande mentirosa, porque, se tinha abandonado a mãe morrendo para não se atrasar no trabalho, por que diabos estava perdendo tempo comigo no café? Brian não ia usar a falta ao trabalho — qualquer que fosse o motivo — contra ela?

Eu estava pensando nisso tudo quando ela disse:

— Então, o que você aprendeu seguindo os adultos? Espionando-nos?

Respondi:

— Eu não sei.

— Não minta para mim. Você me deve uma explicação, Leonard Peacock.

Engoli em seco e disse:

— Ainda não terminei a pesquisa, motivo pelo qual eu a segui hoje.

— O que você aprendeu sobre mim hoje?

— De verdade?

Ela assentiu com a cabeça.

Então eu disse:

— Você me parece muito infeliz. E a maioria das pessoas que eu sigo é assim. Parece que não gostam de seus empregos, mas que também não gostam de voltar para casa. É como se odiassem todos os aspectos de suas vidas.

Ela riu e disse:

— Você precisa seguir pessoas no trem para descobrir isso?

E eu disse:

— Tinha a esperança de ter entendido errado.

E ela disse:

— Os seus colegas de escola também não lhe parecem miseráveis? Eu odiava a escola. *ODIAVA!*

E eu disse:

— Sim, a maioria deles parece infeliz. Apesar de tentarem disfarçar o melhor que podem. Jovens fingem melhor do que adultos, certo? Minha teoria é a de que perdemos a capacidade de ser feliz à medida que envelhecemos.

Ela sorriu.

— Então, se já sabe tudo isso, por que segue adultos como eu?

— Como disse antes, eu esperava estar errado, esperava descobrir que a vida fica melhor para algumas pessoas quando elas envelhecem, e que até mesmo as mais infelizes, como você e eu, poderiam ser capazes de gostar de ao menos algum aspecto da vida adulta. Como naqueles anúncios em que os gays dizem que eram atormentados no colégio mas que, depois de crescerem, descobriram que a vida adulta era como o paraíso. Eles dizem

que melhora. Eu gostaria de acreditar que a felicidade na vida de pessoas propensas à tristeza pode ser pelo menos possível mais tarde.

Ela deu um tapa no ar, como se atirasse minhas palavras longe, e falou:

— Todos os anúncios são mentirosos. A vida não fica melhor de jeito nenhum. Ser adulto é o inferno. E tudo o que eu lhe disse sobre mim também era mentira. Eu inventei tudo aquilo só para ver quem você era, porque pensei que estivesse sendo pago para me espionar. Mas eu estava enganada, porque você realmente é apenas um estudante triste e desnutrido que segue pessoas aleatoriamente. Isso é doentio. Perverso. Vou ficar com a sua carteira de estudante e, se voltar a vê-lo, vou dar queixa e pedir uma ordem restritiva.

Ela se levantou e olhou feio para mim através dos enormes óculos de sol.

— Esse babaca segue mulheres em becos escuros e fica fazendo perguntas íntimas. É um verdadeiro perverso. Façam o que quiserem com ele — disse ela em voz alta para todos que estavam na cafeteria e, em seguida, saiu batendo os saltos.

POW! POW! POW! POW!

Senti que todo mundo estava olhando para mim e então dei de ombros e disse “Mulheres!”, também em voz alta. Era para ser uma piada, para quebrar a tensão, mas não funcionou. Todos²³ no café franziram a testa.

Eu percebi que a mulher era realmente desequilibrada — eu simplesmente escolheu seguir uma *femme fatale*, certamente haveria objetos de estudo melhores, adultos mais felizes propensos à tristeza, e ela era apenas uma infeliz casualidade —, mas o problema foi que ela meio que me lembrou Linda, que também acha que eu sou um perverso.

E o que a mulher com óculos de sol anos 1970 disse foi tão maldoso, tão público e, talvez, tão verdadeiro que comecei a chorar ali mesmo, o que me fez realmente *PARECER* um perverso.

Não me debilitei em lágrimas.

Eu consegui esconder o fato de que estava chorando, mas meus lábios tremiam e meus olhos se encheram de água antes que eu pudesse enxugá-los com a manga da camisa.

— EU NÃO SOU UM MERDA DE UM PERVERTIDO! — gritei para as pessoas que me olhavam, embora eu não estivesse certo do porquê.

As palavras apenas saíram da minha boca.

EU!
NÃO!
SOU!
UM!
MERDA!
DE!
UM!
PERVERTIDO!

Todos estremeeceram.

Algumas pessoas enfiaram o dinheiro embaixo da louça na mesa e foram embora, mesmo ainda sem terem acabado de comer.

Um cozinheiro enorme, musculoso e tatuado saiu da cozinha e disse:

— Por que você não paga a sua conta e vai embora, garoto? Está bem?

Como sempre, percebi que eu era o problema, que a cafeteria ficaria melhor assim que eu não estivesse mais lá, de modo que peguei minha carteira e entreguei todo o meu dinheiro a ele, mesmo só tendo pedido dois cafés, e, em um tom de voz normal, falei:

— Eu não sou um pervertido.

Ninguém fez contato visual comigo, nem mesmo o cozinheiro, que estava olhando para o dinheiro agora, talvez para se certificar de que não era falso, e foi quando eu percebi que, na maioria das vezes, a verdade não importa, e quando as pessoas fazem uma ideia terrível de você, é assim que você será visto, não importa o que faça.

Então eu não esperei pelo troco.

Dei o fora dali.

Fui para o parque e observei os pombos balançando a cabeça, e me senti tão solitário que desejei que alguém enfiasse uma faca nas minhas costas para levar minha carteira vazia.

Imaginei todo o meu sangue fluindo de mim, para a neve, e eu vendo aquilo se transformar em uma bela cor carmim enquanto os cidadãos da

Filadélfia passavam apressados, sem nem mesmo parar para admirar a beleza da neve vermelha, e muito menos registrando o fato de que um garoto do ensino médio estava morrendo diante de seus olhos.

O pensamento foi reconfortante, de certo modo, e me fez sorrir.

Também me vi oscilando entre querer que a mãe daquela maluca de óculos de sol anos 70 tivesse uma morte horrivelmente dolorosa e querer que a mãe vivesse e começasse a melhorar — até mesmo rejuvenescer, como se as duas pudessem voltar à infância —, mesmo sabendo que provavelmente a *femme fatale* inventara toda a história da mãe morrendo só para mexer com a minha cabeça. Mas ela certamente tinha uma mãe, morta ou idosa, então foi bom pensar nelas ficando cada vez mais jovens juntas, em vez de mais velhas, independentemente do fato de merecerem ou não.

Era um dia confuso, e eu me sentia como se estivesse em um filme em preto e branco de Bogart, em que as mulheres eram loucas e os homens pagavam caro emocionalmente por se envolverem com o “sexo frágil”, como diz Walt.

Lembro que matei quatro dias de aula depois do meu encontro com a mulher dos óculos de sol anos 70, de modo que Walt e eu pudemos ver o bom e velho Bogie mantendo a ordem na terra de Hollywood em preto e branco.

Minha escola ligou umas cem milhões de vezes antes que Linda verificasse a secretária eletrônica²⁴ de sua casa lá em Nova York, e, para ser justo, ela chegou a contratar um motorista para trazê-la de volta naquela noite e ficou comigo um dia ou dois, porque eu estava mal mesmo — sem falar e realmente deprimido —, olhando para as paredes e esfregando a base das mãos contra os olhos até sentir que estavam a ponto de estourar.

Qualquer mãe normal teria me levado a um terapeuta ou, pelo menos, a um médico, mas Linda, não. Eu a ouvi falando ao telefone com o namorado francês, dizendo: “Eu não vou deixar que um terapeuta qualquer me culpe pelos problemas do Leo.”

E foi então que percebi que eu estava por minha conta, que não podia contar com Linda para me salvar.

Mas, de algum modo, eu me recuperei.

Comecei a falar de novo, voltei para a escola, e uma Linda extremamente aliviada me abandonou mais uma vez.

O mundo da moda a chamava.

Havia *négligés*²⁵ a serem criados, de modo que eu, claro, compreendi a sua necessidade de voltar para Nova York.

E a vida foi em frente.

²³ Todos adultos.

²⁴ Secretária eletrônica em 2011? *O quê?* É triste, mas é verdade. Linda não gosta de dar o número de seu celular para “pessoas que não são do ramo”, gente como os funcionários da diretoria da minha escola, porque ela se acha a Donatella Versace.

²⁵ Como é que um menino adolescente conhece o termo *négligé*? Quatro palavras: *mãe estilista de moda*.

DOZE

Entro no meio da aula de inglês avançado e a Sra. Giavotella olha para mim por cerca de sete minutos antes de dizer:

— Que bom que se juntou a nós, Sr. Peacock. Veja-me depois da aula.

Minha professora de inglês para os A.P. Exams se parece com uma bala de canhão. Ela é pequena e redonda e tem membros curtos e gorduchos que me fazem pensar se ela consegue tocar o topo da própria cabeça. Ela nunca usa vestido ou saia e está sempre com calças apertadas demais, prestes a explodir, e uma blusa enorme que desce quase até os joelhos, escondendo a barriga. E tem sempre uma linha de gotas de suor acima do lábio superior.

Faço que sim com a cabeça e sento em meu lugar.

O jogador de futebol troglodita que nem mesmo está matriculado na aula de inglês avançado, mas que está sentado bem atrás de mim, derruba meu chapéu de Bogart e todos veem meu novo corte de cabelo horroroso antes que eu consiga cobrir de novo a cabeça.

— *Mas que...* — murmura Kat Davis, me fazendo perceber que meu cabelo está pior do que eu imaginava.

A Sra. Giavotella me lança um olhar, como se de repente estivesse realmente preocupada comigo, e eu a observo com uma expressão de *por favor volte à aula para que todos parem de olhar para mim, porque se você não fizer isso eu vou puxar a P-38 da minha mochila e começar a atirar*.

— Sr. Adams — diz a Sra. Giavotella para o garoto sentado atrás de mim. — Se você fosse Dorian Gray, se houvesse um retrato seu que mudasse de acordo com seu comportamento, como estaria essa imagem agora?

— Eu não derrubei o chapéu de Leonard, se é isso que está insinuando. Ele mesmo derrubou. Eu o vi fazer isso. Eu não fiz nada de errado.

A Sra. Giavotella olha para ele por um segundo, e percebo que ela acreditou. Então olha para mim, como se estivesse me perguntando se eu mesmo tirei meu chapéu, por isso eu digo:

— Por que eu faria isso? Com que finalidade?

— Por que você interromperia a minha aula chegando atrasado? — perguntou ela.

Em seguida, me lançou um olhar pouco convincente que deveria me intimidar e me controlar, o que provavelmente funcionaria em qualquer outro dia. Mas eu tenho a P-38 na mochila e, portanto, sou incontrolável.

A Sra. Giavotella diz:

— Então. Voltando ao Sr. Dorian Gray.

Eu realmente não ouço a discussão da aula, que trata de uma pintura que fica cada vez mais feia à medida que seu personagem envelhece e se torna cada vez mais corrupto, embora ele, magicamente, nunca envelheça. Parece um livro interessante, e eu provavelmente o teria lido caso não estivesse tão obcecado com minhas muitas releituras de *Hamlet*. Se esta tarde eu não fosse atirar em Asher Beal e me matar, provavelmente leria *O retrato de Dorian Gray* em seguida. Eu gostei de tudo o que li na aula da Sra. Giavotella este ano, embora ela sempre fique falando da droga do A.P. Exam e acenando mais do que deveria com a recompensa dos créditos para entrar na faculdade. É quase obsceno.

Na maioria das vezes, enquanto estou aqui, sentado na aula de inglês do A.P., penso no modo como meus colegas estão sempre levantando a mão e puxando o saco da Sra. Giavotella para ganharem notas A, que eles enviarão para Harvard, Princeton, Stanford ou qualquer outra merda, junto das mentiras sobre quanto serviço comunitário supostamente fizeram e de ensaios sobre o quanto se preocupam com as crianças das minorias pobres que eles nunca conhecerão na vida real, ou como salvarão o mundo armados com nada além de um grande coração e a formação na Ivy League.

A Sra. Giavotella gosta de dizer “Salvem o mundo em seus textos de candidatura à faculdade”.

Se meus colegas de turma se esforçassem em melhorar a nossa comunidade do jeito que se esforçam para entrar em uma faculdade, este lugar seria uma utopia.

Aparências, aparências.

A grande fachada.

Como Viver Cegamente em um Mundo de Cegos 101.

É tanta besteira dita por aqui, o fedor fica tão forte, que mal dá para respirar. A melhor coisa a respeito de me matar será nunca ter que ir para uma universidade de araque e usar um daqueles moletons todos iguais, que supostamente servem para provar que sou inteligente ou algo assim. Estou muito orgulhoso do fato de que vou morrer sem oficialmente fazer os exames de seleção. Apesar de a Linda e todos aqui na escola terem pedido que eu fizesse esses exames idiotas só porque me saí muito bem no simulado, há alguns anos.

Ilógico.

Falha épica.

A aula acaba e eu me lembro de que tenho de falar com a Sra. Giavotella, então fico onde estou quando todos se precipitam porta afora.

Ela caminha lenta e teatralmente em minha direção, senta-se na mesinha à minha frente e apoia os pés no assento, os joelhos bem unidos para que eu não tenha uma visão direta de seu zíper a ponto de estourar — fico muitíssimo grato —, e diz:

— Pois bem, você quer falar sobre o que aconteceu com seu cabelo?

— Não, obrigado.

— Tem certeza?

— Sim.

— O.K., então. Por que exatamente você chegou atrasado na minha aula?

— Eu não sei.

— Não é uma resposta boa o bastante.

— Estou pensando descer um pouco no quadro de honra. Daí não terá de se preocupar comigo.

— Nem pense nisso.

Eu não estou realmente certo do que ela quer de mim, então olho para as poucas folhas agarradas ao pequeno bordo japonês do lado de fora da janela.

Ela diz:

— Eu corrigi a sua prova sobre *Hamlet*. Como acha que se saiu?

Dou de ombros.

— A redação estava muito interessante.

Eu continuo olhando para as poucas folhas agarradas aos galhos, que parecem tremer sempre que o vento sopra.

— É claro que você ignorou completamente a pauta.

— Você fez a pergunta errada — digo.

— Perdão?

— Sem querer ofender, mas eu acho que você fez a pergunta errada na prova.

Ela força uma risada incrédula e rebate:

— Então você me mostrou a pergunta certa.

— Sim.

— Que é?

— Você leu minha redação, certo?

— Você realmente acha que Shakespeare tenta justificar o suicídio? Que toda a peça é uma apologia ao suicídio?

— Sim.

— Mas Hamlet não comete suicídio.

— Você *leu* minha redação, certo?

A Sra. Giavotella alisa as pernas da calça esfregando a palma das mãos pelas coxas e diz em seguida:

— Percebi que você não trouxe a sua cópia do texto, e o teste era com consulta. No entanto, você citou bastante o livro. Você realmente memorizou todas aquelas citações? Isso é possível?

Dou de ombros porque, afinal, isso realmente importa? É como se minha professora de inglês gostasse de ter pessoas supostamente inteligentes em sua sala de aula, e, no entanto, não percebesse o que é

importante nos livros e peças de teatro que lemos. Ela também não entende o que é importante a meu respeito.

— Sua redação foi brilhante, Leonard. Talvez a melhor que já li em todos os meus dezenove anos de ensino. Eu a li diversas vezes. Você tem muito jeito com as palavras. E seus argumentos... Poderia ser um ótimo advogado, se quisesse.

Eu continuo olhando para as poucas folhas agarradas aos galhos, esperando que ela transforme o elogio em desprezo, como sempre faz.

Quem diabos gostaria de ser advogado? Ser forçado a argumentar por dinheiro, apoiando causas em que você nem acredita.

Depois de uma pausa dramática, ela diz:

— Mas você não respondeu nenhuma das questões simples de múltipla escolha. Por quê?

— Você só fez aquelas perguntas para se certificar de que todos leram a peça — respondo. — Minha redação demonstra claramente que eu li, não é mesmo? Demonstrei competência, certo?

— Aquelas perguntas valem trinta pontos. Você não demonstrou competência na habilidade de seguir instruções simples. Isso conta na minha aula, e na vida também. Não importa quão inteligente você seja, terá de seguir instruções quando deixar esta escola.

Eu rio, porque estamos falando de notas e pontos como se fossem coisas reais ou algo assim. Saber que estou prestes a matar Asher Beal e, em seguida, a mim mesmo torna essa conversa ainda mais absurda e irrelevante.

— Eu realmente não ligo para a nota. Você pode me reprovar. Não me importo.

— Isso é muito nobre de sua parte, mas você precisa pensar no futuro, Leonard.

— Você acredita que Hamlet teria seguido as instruções se tivesse feito esta prova? Acredita?

— Esse não é o ponto.

— Então por que nos faz estudar personagens como Hamlet, heróis, se não devemos agir como eles? Se devemos nos preocupar com pontos e

cartas de candidatura à faculdade e tudo mais? Fazer o que todo mundo está fazendo?

— Hamlet foi para a faculdade — diz ela sem muita convicção, porque sabe que eu estou certo.

Ela sabe que está lutando do lado errado.

Eu sorrio e continuo olhando para a árvore. Ela não faz ideia. Nem em seus sonhos mais loucos ela imaginaria que tenho uma arma nazista comigo. Sua imaginação é tão limitada! Ela tem uma imaginação de prova de múltipla escolha. Isso me faz rir. Como nossa professora é burra!

Ela diz:

— Eu tentei entrar em contato com a sua...

Eu uso a minha voz de ator para dizer:

— Responder razoavelmente. Eu perdi a razão. Mas a resposta que posso dar, essa eu ponho ao seu dispor, ou, como diz, da *senhora minha mãe*. E basta de coisa e vamos ao fato. Minha mãe, a senhora dizia...

A Sra. Giavotella me olha como se estivesse com medo, então eu digo:

— Você deveria entrar com a fala de Rosencrantz — e, com minha voz de ator, completo: — “Daí ela externou que o seu comportamento a tinha mergulhado em espanto e estupor.” Viu, eu estou citando *Hamlet*. Você sabe disso, certo? Não pode ser uma professora tão ruim... *Vamos lá!*

Seu rosto fica inexpressivo e sua boca se torna um O, como se eu tivesse lhe dado uma bofetada.

Finalmente, ela se levanta e caminha até sua mesa.

Eu a observo preencher uma advertência.

Ela a entrega a mim e com uma voz severa, distante e imparcial, diz:

— Estou aqui para ajudar, Leonard. Fico feliz que você tenha achado *Hamlet* tão estimulante. Eu não vou fingir que sei o que está acontecendo com você, e preciso relatar seu comportamento bizarro para a diretoria. Só quero que você saiba disso. Não entendi o que você pretende, mas eu me esforço muito para ser uma boa professora. Dedico muito tempo e energia aos meus testes e planos de aula. Eu me preocupo com todos os meus alunos, muito obrigada. — E em um sussurro: — *Se quiser jogar isso na minha cara, então vá para o inferno.* — Com a voz muito mais alta,

prosegue: — Quando você estiver disposto a falar direito comigo, estarei disposta a ouvir. Mas se chegar atrasado em minha aula outra vez, mesmo que seja apenas um segundo, não permitirei sua entrada. *Você entendeu?*

Eu olho nos olhos da Sra. Giavotella e suas pálpebras estão trêmulas, então percebo que ela vai chorar assim que eu sair. E essa será a última lembrança que terá de mim. Não sei bem por que, mas de repente me sinto muito mal. Como se quisesse sacar a P-38 e acabar logo comigo no banheiro. Se eu não tivesse que entregar os outros três presentes e dar um tiro na cara de Asher Beal, provavelmente terminaria com tudo agora mesmo.

Estou segurando a advertência e a Sra. Giavotella está olhando para o bordo japonês quase completamente pelado do lado de fora da janela da sala de aula.

O que faz as pessoas tristes terem vontade de olhar para aquela árvore?

A gordura dela fica sobrando nas costas marcadas pelo sutiã, e me faz pensar se não implicavam muito com ela no ensino médio por ser tão baixa, gorda e flácida. Provavelmente sim, o que me faz sentir ainda pior.

— Você é uma boa professora — digo. — Fui eu que derrubei o meu chapéu. Eu sou um babaca, tá? Um GRANDE babaca. Eu não mereço ter uma professora tão boa quanto você. *Está bem?* Não se preocupe com as idiotices que eu falei. Sinto muito por ter interrompido sua aula hoje. Minha cabeça não anda bem. No futuro, vou responder as questões de múltipla escolha, se isso a faz feliz. Eu sei que você se esforça para elaborar seus planos de aula e...

Sem me olhar de frente, ela diz:

— Apenas vá embora, Leonard. *Por favor.*

— Você está bem?

— *Eu gostaria que você fosse embora agora* — diz ela com a voz trêmula. Então eu saio.

TREZE

CARTA DO FUTURO NÚMERO 2

Meu querido Hamlet,

Tenho 1,65m, cabelo curto (pense em um corte tipo “joãozinho”), uma bunda bonitinha (ao menos é o que você diz, e eu acredito porque você não consegue tirar as mãos dela!) e seios (empinados) tamanho 36. Você me acha irresistível e fazemos amor ao menos uma vez por dia, mas geralmente conseguimos fazer várias vezes, em todos os tipos de posições criativas, inclusive. Isso vai pirar esse seu cérebro adolescente cheio de tesão.

Consegue imaginar sexo todos os dias com outro ser humano?

Você me disse que, quando era adolescente, acreditava que nunca faria sexo consensual com alguém, que você morreria um virgem consensual, o que teria sido uma pena, porque, vou lhe dizer uma coisa: você ADORA sexo.

Às vezes eu o faço implorar. E você implora.

E se você chamasse uma garota para sair, Sr. Rei da Masturbação, certamente se surpreenderia, e talvez tivéssemos menos problemas para resolver assim que nos conhecemos. Não que eu queira que você ande por aí com essas galinhas do ensino médio antes de nos conhecermos! Rá!

No futuro, você vai fazer amor comigo centenas (milhares?) de vezes!

Isso não faz você querer ser adulto?

Eu não basto?

Piadas à parte, para um casal que vive com uma criança pequena e um velho em um farol, nossa vida sexual é alucinante.

Trabalhamos o dia inteiro do lado de fora, fazendo rondas de rotina, escavando edifícios, verificando nossos dispositivos de flutuação, testando os

níveis de radioatividade da água, e então nadando por horas e horas, e por isso nossos corpos são firmes, bronzeados e bonitos, ao contrário da massa de gordura em que teríamos nos transformado caso tivéssemos ido para as cidades fechadas ficar fazendo trabalho burocrático em lugares onde ninguém nunca vê o sol.

Temos muita, muita sorte.

De certo modo, evitamos a idade adulta.

A Estação 37 é nossa própria utopia particular.

Você a chama de “segunda infância”.

Quer saber como nos conhecemos?

Devo estragar a surpresa?

Creio que é melhor seduzi-lo mesmo. Seria uma pena você não conseguir chegar até aqui, até a melhor parte da sua vida.

Depois da guerra, quando as coisas se ajeitaram e a Terra Coletiva da América do Norte foi formada, milhares de nômades foram compulsoriamente repatriados para campos instalados ao longo das novas fronteiras controladas, que começavam no estado que hoje você chama de Ohio, mas que desde então foram empurradas para muito mais longe, a oeste, devido à subida da água, aos terremotos e à instabilidade geral. Aqueles que foram repatriados acabaram absorvidos por alguma das muitas cidades fechadas que foram e continuam a ser construídas verticalmente. Quem se recusou a ser repatriado foi considerado uma ameaça à nova ordem e, portanto, foi caçado, e uma vez capturado teve de escolher entre a morte e os trabalhos forçados nos campos de concentração ao ar livre.

Pelo que você me disse, os caçadores de recompensas contratados pelo Ato de Repatriação de 2023 o encontraram dormindo em uma caverna. Você vinha sobrevivendo de frutos silvestres e dos pequenos roedores que conseguia matar, principalmente ratos. Não era uma vida boa, e, lamento dizer, você não estava muito bom da cabeça. Na verdade, estava comprovadamente louco.

Você serviu no exterior, durante a Grande Guerra de 2018. Você não fala sobre o tempo no serviço militar, mas às vezes tem pesadelos nos quais grita, falando de mortes. Contudo, repito, você não fala sobre isso, de modo que não sei mais detalhes.

Você diz: “Aquela era a vida de antes. Vamos viver a vida de agora.”

E já que você geralmente é feliz quando está acordado e é um bom marido, eu não faço perguntas sobre o passado nem sobre seus terrores noturnos.

Mas vamos voltar à história de como nos conhecemos. Você foi levado para um campo de trabalho ao ar livre, e se recusou a trabalhar ou a falar, mesmo quando retiraram sua comida e sua água e, finalmente, o torturaram quase até a morte.

Quando decidiram que você era dispensável e que tinha sido um erro mantê-lo vivo, você foi salvo por uma requisição de cobaias do centro do continente e enviado para uma instalação de pesquisas do governo. Acontece que eu era uma operadora administrativa naquela época, e você foi designado a mim.

Eu era cientista e estava trabalhando em uma droga para ajudar os adultos a se conformarem com o novo mundo fechado. A ideia era livrar o planeta de rebeldes e conseguir refrear a tendência humana à discórdia que nos levou a uma guerra nuclear e a tudo o que se seguiu.

A Mãe Terra estava furiosa com a gente, e, por isso, nós tivemos de “aprender a ser filhos melhores”, que era o *slogan* que pregava o novo governo da Terra Coletiva da América do Norte.

A princípio, você também não quis falar comigo. Eu o mantive em uma cela de paredes acolchoadas e falava com você por alto-falantes. Mas você só ficava sentado no canto, com a cabeça entre os joelhos, e estava cada vez mais magro.

À noite, nós jogávamos gás, e então meus ajudantes lhe davam injeções repletas de vitaminas, nutrientes e drogas experimentais.

Não lembro por que decidi ler para você, mas começamos com *Hamlet*, de Shakespeare, o que foi muita sorte para nós dois. Isso me fez acreditar de novo em destino, se você me permite ser mística.

Eu li: “Ato I. Cena I. Esplanada do castelo de Elsinore. Francisco de sentinela. Bernardo entra. *Quem está aí?*”

Foi quando você levantou a cabeça e disse: “Não, responde-me: pare, e diga o nome.”

Fiquei chocada. Você ainda não tinha dito uma única palavra e estava lá, recitando a fala seguinte de *Hamlet*. Foi como se eu tivesse encontrado a chave

para a sua boca. Então continuei a ler: “Vida longa ao rei!”

“Bernardo?”, você disse.

“Ele mesmo”, respondi.

“Vindes exatamente na vossa hora”, você respondeu, e então declamamos as falas de *Hamlet* durante todo o dia.

Algumas vezes, tentei interromper a leitura e lhe fazer perguntas, mas você só dizia: “Mais palavras! Palavras, palavras, palavras!”

Por uma semana mais ou menos jogamos esse jogo — apenas nós dois recitando a peça pelos alto-falantes.

Você parecia tão apaixonado por aquilo, e era tão bom ator – na verdade, recitava os monólogos de *Hamlet* com tal zelo e convicção que eu comecei a pensar que talvez, em outros tempos, você tivesse sido um promissor astro de cinema.

Finalmente, quebrei o protocolo e entrei na cela para que pudéssemos ler a peça juntos, cara a cara. Para você ver como eu estava impressionada com sua capacidade de dar vida às falas de Shakespeare.

Representamos *Hamlet* por semanas, e as drogas que lhe demos começaram a fazer efeito, você perdeu a expressão selvagem de seus olhos e, finalmente, começou a falar como um ser humano normal. Só que você não era nem um pouco normal. Era cheio de magia.

Também me lembro da primeira coisa que você disse, quando finalmente saiu do personagem. “Posso levá-la para jantar algum dia?”

Era algo ridículo de se dizer, uma vez que você estava preso.

Mas eu ri, e você sorriu.

Você começou a me contar a história de sua vida e eu quebrei o protocolo mais uma vez, contando-lhe a minha.

Comecei a deixá-lo sair da cela — em parte, para mostrar para os meus superiores como eu tinha domado aquele homem selvagem com minha ciência, recuperando sua mente para o bem da sociedade, mas principalmente porque eu estava apaixonada por você.

Como você virá a saber, meu pai era um militar de alta patente durante a Grande Guerra e muitos dos líderes da Terra Coletiva da América do Norte lhe

devem favores. Não foi muito difícil conseguir que nós dois fôssemos transferidos para a Estação 37, sob o comando dele.

Quando a papelada ficou pronta, depois de eu ter terminado minha pesquisa com drogas e a vitamina Z ter sido introduzida com sucesso na população controlada, fomos levados de helicóptero para a Estação.

Meu pai abriu os braços e disse: "Bem-vindos ao lar."

Você e papai logo se deram bem, e ele presidiu nosso casamento algumas semanas mais tarde, quando descobrimos que eu estava grávida.

Isso mesmo, Leonard. Vou falar de nossa filha a seguir. Você ama S ainda mais do que a mim, e eu não me importo nem um pouco, porque amo muito vocês dois.

Você é um pai fantástico.

Fantástico!

E eu sei que sua infância não foi tão boa assim, que você sofreu muito e que está sofrendo muito agora. Mas talvez precise passar por tudo isso para aprender quão importante é ter uma infância feliz, de modo que possa oferecer isso a nossa filha.

Eu gostaria de poder enviar um vídeo ou uma foto de você e S brincando na água com Horácio, o golfinho. Se você pudesse ver isso, saberia que toda a dor que terá de suportar para chegar até aqui, no futuro, onde você é feliz, definitivamente, terá valido a pena.

Mesmo estando crescida demais para continuar dormindo conosco, ela ainda adormece com a cabeça no seu peito todas as noites. E você lhe dá um beijo no alto da cabeça antes de ir se juntar a mim e meu pai no farol.

Ligamos o feixe de luz por vinte minutos, então economizamos energia por vinte minutos, repetindo esse ciclo de quarenta minutos a noite inteira. Cerca de três minutos antes de voltarmos a acender a luz, quando nossos olhos começam a se ajustar à escuridão, você e eu sempre saímos à plataforma de observação para ver as estrelas cadentes. Há muitas ultimamente e estamos disputando quem vê mais. Este ano, eu estou vencendo por 934 a 812. Esperamos chegar a mil antes do fim do ano, e estamos nos saindo bem.

E nos beijamos todas as vezes que vislumbramos uma estrela cadente.

Então, só este ano, já nos beijamos 1.746 vezes na plataforma de observação, e nos beijamos muitas outras vezes em outros lugares.

Eu gosto de você sendo tão carinhoso comigo. Você sempre diz que está recuperando o tempo perdido e que gostaria de ter me conhecido mais cedo, para que tivéssemos passado mais tempo juntos.

É uma boa vida, Leonard.

Agente firme.

O futuro é melhor.

Fazemos muito sexo!

Sua filha é linda.

E meu pai também se tornou um pai para você — como você sempre quis.

Apenas agente firme, está bem?

Por favor.

Com amor,

Não-ouse-me-chamar-de-Ofélia,

A

QUATORZE

Meu amigo Baback é descendente de iranianos, mas quando eu o conheci, ele costumava dizer para todo mundo que era persa, porque a maioria dos adolescentes americanos não sabe que o Irã é a antiga Pérsia, e os adolescentes americanos assistiram a notícias suficientes para odiarem o Irã.

Se na época em que era calouro, Baback tivesse algumas rugas e cabelo grisalho, ficaria idêntico ao presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad, o que poderia lhe causar problemas, especialmente em datas patrióticas, como os aniversários do 11 de Setembro, ou todas as vezes que Ahmadinejad fazia comentários antissemitas, anti-Israel ou antiamericanos, isto é: sempre.²⁶

No mínimo, daria para pensar que Baback era parente de Ahmadinejad, pois ele se parecia muito com o presidente iraniano.

Conheci Baback durante a palestra para recepção dos calouros, logo depois que ele veio para os Estados Unidos e acabou na nossa escola. Durante um ano eu o vi pelos corredores, parecendo pequeno e amedrontado, vestindo roupas muito formais – do tipo que, se você lhe desse uma gravata, ele pareceria um aluno de uniforme. Tinha uma mochila maior do que ele e sempre levava um estojo de violino para todos os lugares aonde ia. Ele não o deixava no armário, exceto durante a aula de educação física, porque era obrigado — eu sei por que fazíamos essa aula juntos no segundo ano.

Certa aula em que estávamos jogando hóquei, nosso professor, o Sr. Austin, teve de se ausentar por dez minutos. Baback e eu estávamos no mesmo time, e não participávamos muito da partida. Estávamos meio que

de pé no centro da quadra, segurando os tacos, observando os outros perseguindo e batendo em uma pequena bola laranja.

Asher Beal estava no outro time, e assim que ele viu que o Sr. Austin não estava mais no ginásio, atirou a bola em Baback. Bateu bem no meio dos olhos dele. Baback piscou algumas vezes de um modo realmente engraçado, o que fez todo mundo rir, mas dava para ver que ele estava machucado, então eu não ri. Lembro-me de me sentir esquentar, como se meu rosto estivesse pegando fogo, porque eu já queria matar Asher Beal naquela época, mas ainda achava que poderia querer ter um futuro, então não estava planejando ativamente a sua execução — bem, ao menos não de maneira consciente.

Eu vi todos os superidiotas com quem Asher agora anda trocando olhares e, em seguida, todos começaram a sorrir de um modo realmente assustador. Era como se fossem um bando de pássaros ou um cardume de peixes predadores, porque eles reagiram em uníssono, instintivamente, sem trocar uma palavra.

Será que superidiotas excretam feromônios?

Todo mundo começou a passar a bola para Baback, e tão logo seu taco tocava na bola, Asher ou um de seus comparsas superidiotas chocavam-se contra Baback com tanta força que ele chegava a voar. Rapidamente, Baback tentava passar a bola laranja, como se isso pudesse protegê-lo, mas eles continuavam a derrubá-lo, estivesse com a bola ou não. Ele estava sendo massacrado, e eu queria mandá-lo ficar no chão ou correr para a arquibancada, mas era como se Baback não quisesse acreditar que estava sendo alvo de violência. É como se ele nos achasse melhores que isso aqui nos Estados Unidos. Talvez porque tenha sido isso que seus pais lhe disseram quando deixaram o Irã: nos Estados Unidos é melhor.

Várias pessoas derrubaram Baback até Asher lhe dar um encontrão que arremessou o pequeno menino iraniano em direção à arquibancada. Seus pés ergueram-se acima de sua cabeça e eu ouvi seu crânio se chocar contra as ripas de madeira.

Quase todo mundo²⁷ estava rindo muito, porque o corpo de Baback rodou como um moinho de vento e, agora, seus pés estavam para o alto e o

tronco, preso na arquibancada.

Mas Baback dessa vez não se levantou.

— Vamos lá — disse Asher para Baback, como se fossem amigos. — Você está bem.

Asher deu uma espécie de puxão em Baback para tirá-lo da arquibancada, e era visível que Baback estava tonto, porque ele balançava como um campo de trigo em um comercial de cerveja.

— Bem-vindo à América — disse Asher, embora Baback estivesse em nossa escola havia mais de um ano, e em seguida deu dois tapinhas nas costas de Baback.

Sempre que me lembro disso eu me vejo correndo e, antes que eu possa notar, estou me atirando contra Asher. Dentro da minha cabeça, meu bastão de hóquei se transforma em uma espada de samurai e eu decapito Asher com um golpe incrível, de modo que sua cabeça voa pelos ares e cai na cesta de basquete.

Dois pontos!

Mas, na vida real, eu apenas fiquei ali, parado.

No vestiário, voltaram a implicar com Baback enquanto ele se trocava.

— O que é isso? — perguntou Asher enquanto arrancava o estojo do violino de dentro do armário.

Baback estava tentando vestir a calça e chegou a cair. Seu tórax nu e moreno era côncavo. Seus mamilos eram roxo-escuros.

— Isso é o violino do meu avô. Cuidado. *Por favor*. Está na minha família há gerações! — Os olhos de Baback estavam arregalados e ele parecia aterrorizado.

Ninguém estava realmente prestando atenção em mim, então me esgueirei sorratamente por trás de Asher e arranquei o violino de suas mãos antes que ele percebesse o que estava acontecendo.

— Peacock? — disse Asher.

Eu entreguei o violino para Baback, e ele o apertou contra o peito como se aquilo fosse um bebê.

— Se você voltar a tocar nele ou no violino eu conto seu segredo para todo mundo — ameacei. As palavras saíram da minha boca sem que eu

pensasse. De repente, senti meu coração bater forte e minha língua secar. Mas acrescentei: — Eu juro por Deus. Vou contar para todo mundo. Todo mundo!

Os olhos de Asher ficaram muito pequenos, porque ele sabia exatamente a que eu estava me referindo, mas ele disse:

— Eu não tenho ideia do que você está falando, Peacock. Você é estranho pra cacete.

Asher riu e, em seguida, deu as costas para mim e para Baback.

Deu para ver que alguns dos amigos de Asher ficaram, tipo: *Que segredo?* — e esse era o meu poder sobre Asher Beal naquela época.

Ele recuou diante de mim, e isso lhe custou caro.

Baback acabou de se vestir e deixou o vestiário sem nem mesmo me agradecer ou coisa assim, o que me deixou um pouco deprimido, verdade seja dita.

Só para ter certeza de que ele estava bem, eu procurei no período seguinte, na hora do almoço, mas ele não estava lá, o que era estranho, porque todos os alunos do segundo ano tinham o mesmo horário no refeitório.

No dia seguinte, durante a educação física, fiquei de olho para me certificar de que Asher e seus comparsas superidiotas iriam deixar Baback em paz, e eles deixaram. Então, no meio da aula, enquanto nós dois fingíamos jogar hóquei, eu me aproximei de Baback e perguntei:

— Por que você não estava no almoço, ontem? Precisou ir para a enfermaria?

— Eu não quero nenhum problema — disse Baback sem olhar para mim. Seus olhos seguiam a bolinha laranja que o restante da turma perseguia e acertava. — Apenas me deixe em paz.

Ninguém mexeu com Baback no vestiário também, o que me deixou um pouco orgulhoso.

Decidi seguir Baback quando a aula acabou e o vi se encontrar com o zelador do auditório. O homem deixou Baback entrar e então se foi. O auditório fica em uma parte da escola que não é muito frequentada, então, geralmente não há ninguém ali por perto. Olhei pelo quadrado de vidro da

porta e vi Baback tirar o violino da caixa, afiná-lo e, em seguida, começar o ensaio.

Dizer que ele era incrível seria um eufemismo.

Aos quinze anos, ele era um violinista de nível mundial, melhor do que qualquer um que você venha a ouvir tocar.

Um mago da música.

Eu olhei através do vidro e ouvi aquele garoto tão pequenininho fazendo escalas gigantescas para cima e para baixo, o que fez meu peito doer.

Era tão lindo.

A melhor parte foi que ele fechou os olhos e ficou balançando a cabeça no ritmo dos movimentos do arco, e dava para ver que quando tocava o violino ele não era um menininho iraniano deslocado, vivendo em uma cidade secretamente racista. Não, ele era um deus com total controle de seu mundo.

Era como se o arco do violino fosse uma varinha mágica, e as vibrações que saíam daquele pequeno instrumento de madeira fossem uma força que poucos poderiam enfrentar.

Ele pareceu se agigantar diante de mim.

Então eu entendi por que ele não precisava de amigos nem de ser aceito na merda do nosso colégio racista, porque ele tinha sua música, o que era muito melhor do que qualquer coisa que tivéssemos a oferecer.

— Você é um gênio — exclamei quando ele saiu do auditório.

Baback apenas piscou da mesma forma que fez quando foi atingido entre os olhos com a bola de hóquei laranja.

— Você estava me espionando?

— Como aprendeu a tocar assim?

— Eu não quero nenhum problema — repetiu ele, e então se afastou.

No dia seguinte, fiz questão de estar lá quando o zelador o deixou entrar.

Baback disse:

— Preciso ensaiar.

— Eu só quero ouvir. Eu me sento no fundo do auditório e não vou interromper.

Baback suspirou, subiu ao palco e começou a tocar.

Sentei-me na última fileira, fechei os olhos, e fui transportado de nossa escola horrível para um lugar novo, melhor.

Quando a música parou, abri os olhos e gritei por sobre as costas das muitas fileiras de assentos:

— Você compôs essa música?

Ele piscou outra vez e gritou de volta:

— É Paganini. Concertos para violino. Pedços dos solos que eu não consigo fazer direito. *Nunca*.

— Estavam perfeitos! Eu adorei. Esse é um grande segredo. Algo milagroso acontece todos os dias nesta escola, e eu sou o único aluno que sabe disso.

— Não conte para ninguém, por favor! — gritou Baback de volta. — Que eu estou usando o auditório. Eu não posso deixar ninguém saber. Meus pais tiveram de pedir permissão. Se outros alunos também pedirem para usar o auditório, não poderei mais ensaiar aqui sozinho. *Por favor!*

Dava para ver que ele estava realmente preocupado com aquilo, então eu atravessei o corredor e disse ao chegar perto dele:

— Deixe-me ouvir e não contarei para ninguém. Prometo. Também não vou interromper. Jamais pretenderia mudar o que acontece aqui. Nunca. Pense em mim como um fantasma.

Ele assentiu com relutância.

Assim, durante o restante do ano letivo, eu o ouvi tocar.

Era meio estranho, porque nós nunca conversamos.

Ele não parecia nem um pouco interessado em mim.

Dava para ver que ele realmente não queria ser meu amigo, que só queria ser deixado em paz com sua música, e eu respeitei isso.

Eu também queria ser deixado em paz. Então, compartilhávamos um grande espaço onde ficávamos a sós juntos, se é que isso faz algum sentido.

Mas, no último dia do segundo ano, eu quebrei o protocolo: levantei-me, aplaudindo Baback de pé, e gritei “Bravo!” quando ele terminou de

tocar.

Ele sorriu, mas não disse nada.

— Até mais ver, maestro! — gritei no mar de cadeiras vermelhas vazias, e então fui embora.

No ano seguinte, Baback estava mudado.

Voltou treze centímetros mais alto e cheio de músculos. Ele deixara crescer o cabelo preto e grosso e começou a prendê-lo em um rabo de cavalo. E ele tinha maçãs do rosto fantásticas, que todas as meninas notavam. Já não parecia um garoto com quem alguém pudesse implicar ou de quem ter pena.

Quando fui até o auditório durante o almoço, ele quebrou o silêncio e perguntou:

— Eu estive pensando sobre você, Leonard. Por que vem aqui todos os dias para me ouvir tocar?

— É a melhor coisa que acontece nesta escola todos os dias. Eu não perderia isso por nada.

— Você tem que pagar para ouvir — disse ele. — Estou lhe fornecendo um serviço. Os artistas precisam ser recompensados. Se você oferece de graça, as pessoas deixam de apreciar a arte. A arte perde seu valor.

— O que aconteceu com você?

— Como assim?

— Você está diferente. Está falando agora. Parece confiante.

Ele riu e disse:

— Passei o verão no Irã, estudando música. Eu cresci um pouco, acho. Literal e metaforicamente. Mas ou você paga para ter o privilégio de me ouvir tocar, ou terá de sair.

— Quanto você quer?

— Eu não sei — respondeu ele de uma maneira que sugeria que estava esperando que eu desistisse. — Pague o que quiser. *Mas pague alguma coisa.* Eu não toco mais de graça.

— Por que você não deixa o estojo do violino aberto e eu ponho algo ali dentro todos os dias em que vier ouvi-lo? Já vi músicos fazerem isso nas

ruas da Filadélfia.

— Tudo bem — disse ele.

E começou a tocar.

Quando terminou, fui até o palco e joguei uma nota de cinco dólares no estojo do violino. Ele meneou a cabeça, o que entendi significar que estava satisfeito com a quantia.

Então, todos os dias durante o resto do ano, eu lhe dei o dinheiro do meu almoço, com exceção de algumas poucas vezes, quando ele ou eu faltávamos, ou quando o clube de teatro estava no auditório montando cenários para as peças e Baback não podia ensaiar.

No fim do ano, minhas doações diárias somaram mais de oitocentos dólares. Sei disso porque Baback me revelou o número exato nos últimos dias de aula, dizendo:

— Enviei cada centavo para a Verdadeira Democracia no Irã, uma organização sem fins lucrativos que luta por, bem, uma *verdadeira democracia no Irã*.

Achei que era uma boa causa para apoiar, então assenti.

Vi Baback no corredor no último dia de aula e, quando acenei, antes que eu pudesse explicar o que queria, ele me disse:

— Você quer sair um dia desses, Leonard? Talvez assistir a um filme ou algo assim? Nós realmente não nos conhecemos, certo? É um tanto esquisito, você não acha?

Pensei a respeito e disse:

— Espero que você não leve isso a mal, mas ouvi-lo tocar seu violino é de longe a melhor parte do meu dia. E eu acho que parte da magia é que eu realmente não o conheço como pessoa, apenas como um músico. E eu tenho medo de que, caso eu passe a considerar você um amigo ou algo assim, sua música deixe de parecer tão mágica. *Isso já aconteceu com você?* Considerar alguém realmente importante e diferente, mas então você começa a conhecer a pessoa e isso estraga tudo? *Entende o que eu estou falando?*

Ele riu e disse:

— Não. Não mesmo.

— Posso ouvi-lo ensaiar de vez em quando durante o verão? Eu lhe pago cinco dólares.

— Bem, eu não sei muito bem se é uma boa ideia. Meus pais certamente achariam estranho você ali sentado no lugar onde eu ensaio, apenas olhando para mim. E eu vou para o Irã no fim do mês, para visitar meus parentes e continuar minha formação musical com meu avô, então não vou ficar muito tempo por aqui — respondeu ele, obviamente voltando atrás, talvez porque tenha estranhado a minha explicação.

— Muito bem, então. Vejo você no ano que vem — disse, e entreguei-lhe um envelope no qual estava escrito VERDADEIRA DEMOCRACIA NO IRÃ!

Eu convencera Linda a doar quinhentos dólares para que ela pudesse abater do imposto de renda. Ela precisa disso em seu negócio e está sempre ansiosa para me comprar/aliviar sua consciência culpada de mãe ausente com dinheiro. O cheque estava lá dentro, mas eu não queria que ele o abrisse na minha frente, de modo que falei:

— Isso é para mais tarde. Espero ansiosamente poder ouvi-lo no ano que vem. Divirta-se no exterior.

*

Este ano, quando encontrei Baback no auditório durante o almoço dos veteranos, ele estava ainda mais alto e parecia ainda mais confiante. Ele sorriu e disse:

— Conte para minha avó sobre você e sua doação. Ela lhe preparou um *tasbih*. Contas de reza persas. Mas algumas pessoas as usam para passar o tempo, manuseando-as. Tome.

Ele me entregou um longo cordão de contas de madeira marrom-avermelhadas com um pingente de franja.

— Obrigado — falei, e pus o cordão no pescoço.

Ele sorriu.

— Você não precisa mais pagar para ouvir minha música. Pode ouvir de graça. Meu avô diz que a música é um presente que alguém dá aos

outros quando pode. Eu contei a ele sobre você e sobre as doações. Ele me disse que eu deveria tocar sem cobrar. Então, não cobrarei.

Eu assenti com a cabeça e me sentei no lugar de sempre, no fundo do auditório.

Baback tocou sua música.

Eu não achava que fosse possível, mas ele estava melhor, mais mágico do que no ano anterior.

Fechei os olhos, ouvi, e desapareci.

²⁶ Herr Silverman diz que Ahmadinejad nega o Holocausto. Walt Disney também foi acusado de ser simpatizante do nazismo, de acordo com Herr Silverman. Walt Disney realmente chegou a frequentar reuniões nazistas, inseriu imagens antissemitas em seus desenhos animados e fez parte de um grupo que discriminava os judeus na indústria de entretenimento. Walt Disney! É incrível como tanta gente é secretamente racista. Quer dizer, milhões de boas criancinhas em todo o mundo vão à Disney World e se divertem com sua família – tudo orquestrado por um suposto simpatizante nazista. Por que as pessoas não falam sobre isso? Herr Silverman diz que Disney queria criar uma utopia tão atraente, tão convincente, que ninguém ousaria se opor a ela. “De quem isso faz vocês se lembrarem?”, perguntou Herr Silverman, e todos entenderam que a resposta era Hitler. O que deixou um monte de gente furiosa em minha classe. Lori Sleeper disse: “Por que você está tentando arruinar a nossa infância?” E Herr Silverman respondeu: “Você preferia não saber que Walt Disney é muitas vezes acusado de ser um simpatizante do nazismo?” E Lori: “SIM!” Isso me deprimiu um pouco, porque dava para ver que ela estava falando sério. A lógica do avestruz é muito popular em minha escola. É como se as pessoas em todos os EUA fossem continuar a levar os filhos à Disney World mesmo se soubessem que o parque funcionava com energia gerada por escravos trazidos clandestinamente da África, gente que era acorrentada e forçada a pedalar bicicletas ergométricas ligadas a geradores, gente que era açoitada e passava a noite em gaiolas e que não recebia comida suficiente. Contanto que ninguém visse os escravos sendo chicoteados. Oculte as atrocidades e a maioria dos americanos continuará sendo muito feliz. Deprimente.

²⁷ Havia alguns garotos que pareciam tão enojados quanto eu com o comportamento dos superidiotas, mas não deixaram que Asher percebesse a sua repugnância. Ninguém queria ser o próximo alvo, e é assim que os superidiotas gostam que seja — esse é o segredo de seu poder.

QUINZE

A música de Baback é uma das poucas coisas por aqui que realmente fazem eu me sentir melhor, e uma vez que estou decidido a atirar em Asher Beal e me matar, não quero correr o risco de ouvir Baback tocando violino. Tenho medo de que sua música possa me seduzir, me iludir a viver outro dia — como ocorreu tantas vezes anteriormente. Então, quando entro no auditório, eu digo:

— Baback, eu não vou ouvir você tocar hoje.

— O quê? — exclama ele fingindo uma expressão de horror.

Baback está com uma calça jeans xadrez e escura da Vans e uma camiseta Harold & Kumar, e eu penso no quanto ele mudou, no quanto se americanizou, mesmo ainda sendo diferente dos outros alunos daqui.

— E por que vai quebrar a tradição, posso saber?

Em vez de responder a pergunta, tiro seu presente da mochila — um envelope embrulhado em papel cor-de-rosa — e digo:

— Isto é para você. — Minha voz ecoa no imenso auditório vazio.

Ele me olha nos olhos e diz:

— O que é isso?

— Eu só quero que você saiba que eu gosto muito, muito mesmo, de ouvir você tocar violino e que os almoços que eu passo perdido em sua música... bem, vamos dizer apenas que você não faz ideia do quanto seu violino me salvou nos últimos anos. Houve vários dias em que eu não teria conseguido ir adiante caso não o ouvisse tocar. Você é um músico muito talentoso. Eu espero que nunca pare de tocar. E quero lhe dar algo para expressar minha gratidão, para que você saiba que eu valorizo sua música mais do que imagina. Pode parecer que eu apenas fico sentado no fundo do

auditório dormindo, mas é muito mais do que isso: sua música me dá motivo para seguir em frente a cada dia, e é como uma amiga para mim. Talvez minha melhor amiga na nossa escola. Eu só quero dizer obrigado.

Sinto que meus olhos estão se enchendo de água, então olho para os meus pés e estendo o retângulo cor-de-rosa para Baback.

Ele pega o envelope e diz:

— Por que você está me dizendo isso *hoje*, Leonard?

— Eu só precisava dar isso para você. É um presente.

— Por que o embrulho é cor-de-rosa?

— A cor não importa.

— Tem alguma coisa aqui que eu não esteja entendendo? — pergunta ele.

Eu meio que torço para que ele descubra que é meu aniversário, mas não tenho certeza do porquê. Ainda assim, fico animado pensando que ele talvez adivinhe.

Ele rasga o papel do embrulho, abre o envelope, vê o cheque que eu preenchi para a Verdadeira Democracia no Irã, e pergunta:

— Isso é algum tipo de piada?

— *O quê?* Não. É um cheque para ajudar os combatentes da liberdade em seu país.

— Você realmente espera que eu acredite que isso é sério?

— É o meu fundo da faculdade. Eu não vou para a faculdade. Não vou nem mesmo fazer os exames de seleção.

— Por que você está brincando assim? Sabe como é a vida das pessoas que vivem no Irã? Isso não é uma piada, Leonard. Existem certas coisas com as quais não se deve brincar.

— Eu sei. O cheque é real. Juro por Deus. Use-o para a sua causa. Você vai ver. Espero que o dinheiro ajude sua luta. É todo o meu fundo de faculdade. Meus avós me deixaram muito dinheiro.

— O que tem de errado com você?

— Eu achei que você fosse ficar feliz.

Ele suspira e passa as mãos pelo cabelo, que hoje está solto, caindo nos ombros.

— Olha, eu agradeço por você ter tomado o meu partido quando éramos do segundo ano, e eu agradeço seu... *apoio*. Entendo que você é um tanto deslocado. Que você dança conforme a sua própria música ou algo assim. Por mim, tudo bem. Mas eu nunca fiz nada para você, nunca fui mau, e ainda assim você entra aqui e me insulta com esse cheque falso de *seis dígitos*. Meus avós sofreram inúmeras... você não tem ideia de como foi difícil para minha família e... *quer saber?* — diz ele, enquanto afasta o violino. — Acho que não vou tocar hoje. E acho que não quero que você continue a ouvir minha música. O fato de você ficar no fundo do auditório, apenas sentado ali todos os dias, está realmente começando a me assustar.

— O cheque é verdadeiro — digo.

— Tudo bem, Leonard.

— Estou falando sério, porra. Esse cheque é real! Você está sendo um idiota. Vá ao banco agora mesmo e vai ver o idiota que está sendo.

— Por que você está usando esse chapéu? — pergunta ele. — Você cortou o cabelo?

Olho para ele e vejo que Baback realmente não gosta de mim.

Eu estava certo; assim que você toma a iniciativa de conhecer alguém da sua idade, tudo o que você achava mágico a respeito dessa pessoa vira merda bem diante dos seus olhos.

Ele está olhando para mim como se me detestasse, como se meu rosto lhe causasse repulsa, e eu só quero que ele pare.

— Talvez você deva conversar com alguém — diz ele. — Alguém da diretoria.

— Eu tentei falar com você e veja aonde chegamos.

— Escuta, você obviamente tem problemas, Leonard. Sinto muito por isso. Realmente sinto. Mas existem pessoas com problemas piores que os seus, isso eu posso garantir. Saia da cidade de vez em quando e verá que eu estou certo. Problemas de Primeiro Mundo. É isso o que você tem.

Ele sai pelas portas e eu percebo que realmente devo tê-lo irritado, porque é a primeira vez que ele não ensaia com o auditório disponível durante o almoço. A primeira vez em três anos letivos.

Eu pego o cheque que ele deixou para trás, sento-me em uma das velhas cadeiras, que rangem, e penso no que ele disse sobre existirem pessoas com problemas piores do que os meus. Levo apenas três segundos para concluir que isso é uma idiotice. Como se as pessoas no Irã fossem mais importantes do que eu porque seu sofrimento supostamente é maior.

Bobagem.

Gosto de pensar sozinho no auditório, mesmo sem música de violino.

Para começo de conversa, talvez eu nem precisasse de Baback.

Talvez ele seja como todos os outros.

Este lugar fica melhor quando estou sozinho.

Mais seguro.

Como medir o sofrimento?

Quer dizer, o fato de eu viver em um país democrático não garante que minha vida seja livre de problemas.

Longe disso.

Eu entendo que sou relativamente privilegiado do ponto de vista socioeconômico, mas Hamlet também era, assim como um monte de gente infeliz.

Eu aposto que existem pessoas no Irã que são mais felizes do que eu — que querem continuar a viver lá, independentemente de quem esteja no poder, enquanto eu sou infeliz aqui neste país supostamente livre e tudo o que quero é deixar esta vida a qualquer custo.

Eu me pergunto se Baback vai se arrepender por ter subestimado meu sofrimento quando assistir ao noticiário hoje à noite.

Eu meio que espero que ele se sinta responsável de algum modo, que se sinta tão arrependido que chegue a passar mal.

DEZESSEIS

Vejo Asher Beal no corredor. Faço uma arma com a mão e atiro quando ele passa.

Erro duas vezes, mas, na terceira, acerto o tiro na cabeça dele.

— Morto!

— Qual é o seu problema? — pergunta ele, balançando o crânio, que está prestes a ser perfurado.

— Tudo! — grito. — Nada! Você escolhe!

As pessoas no corredor olham para mim como se eu fosse louco, como se desejassem que eu sumisse.

Asher Beal simplesmente vai embora.

— Eu sei onde você mora! — grito para ele.

Sei que tudo isso vai acabar hoje à noite, que eu vou deixar de existir — o que torna o dia de hoje muito mais fácil. É como se eu estivesse em um sonho, flutuando por algum mundo etéreo.²⁸

Faltam dois presentes para serem entregues, e então vou poder sacar a P-38 e ir embora desse mundo no mesmo dia em que cheguei.

Feliz aniversário para mim!

Deus, eu mal posso esperar.

— Leonard? — diz a Sra. Shanahan.

Minha orientadora está usando um vestido amarelo-limão e seu cabelo ruivo está preso em um coque. Ela tem um par de óculos com armação azul-celeste que fica pendurado no pescoço por uma corrente de prata, o que é loucamente irônico, porque ela é jovem demais para usar óculos pendurados em correntes. Eu me pergunto como ela se veste quando não está na escola e a vejo como uma roqueira punk, quem sabe. Ela é mais

jovem do que a maioria dos membros do corpo docente, provavelmente da mesma idade que Herr Silverman.

— Estou ouvindo relatos de que você está agindo de forma estranha hoje. Isso é verdade? — pergunta ela no corredor enquanto passam toneladas de alunos.

— O quê? Eu sempre sou estranho, certo? Mas, fora isso, estou bem — respondo, principalmente porque não quero perder a aula sobre Holocausto de Herr Silverman, que é para onde estou indo agora.

Geralmente não me importo de ir para a sala da Sra. Shanahan, porque ela tem um pote de pirulitos em sua mesa e eu sempre apreciei pirulitos de caramelo no meio do dia, mas preciso me despedir de Herr Silverman antes de deixar o planeta e não quero perder sua aula. É a única aula de que realmente gosto. Então, decido fazer um teatrinho para minha orientadora.

— O que tem debaixo desse chapéu? — pergunta ela.

— Só um corte de cabelo.

— A Sra. Giavotella me disse que...

— Acho que infelizmente não sou um bom barbeiro — digo, sorrindo e olhando em seus olhos, todo hollywoodiano. Sou um ator convincente quando preciso. — Eu lhe mostraria meu novo visual agora, mas estou meio constrangido, daí o chapéu. Posso passar na sua sala no oitavo tempo? Ficaria feliz em lhe mostrar o meu novo corte e conversar sobre o que você quiser.

Ela me olha nos olhos por um longo tempo, como se estivesse tentando ver se estou de sacanagem.

No fundo, ela sabe que eu estou mentindo, tenho certeza. Mas ela tem um milhão de problemas a resolver, centenas de alunos que precisam de sua ajuda, uma lista interminável de pais babacas com os quais lidar, montanhas de trabalho burocrático, reuniões naquela sala horrível, com a mesa redonda e o ar-condicionado na janela ligado mesmo no inverno, porque a sala de reuniões fica bem em cima da tropicalmente quente sala do aquecimento central, e assim a Sra. Shanahan está ciente de que o melhor a fazer é acreditar em mim.

Ela cumpriu sua obrigação, aliviou a consciência ao me encontrar no corredor e me dar a chance de pirar, e eu também fiz meu papel, mantendo a calma, fingindo estar tudo bem e, portanto, dando-lhe permissão para me tirar de sua lista de afazeres. Agora ela pode seguir em frente. E eu também.

Assim que você compreende como os adultos são controlados pelo sistema, fica fácil manipulá-los.

— Separei alguns pirulitos de caramelo para você, porque estavam acabando — diz ela, e sorri para mim.

Se fosse possível resolver todos os problemas com doces, penso, a Sra. Shanahan seria alguém importante.

— Conversaremos no oitavo tempo de aula, então? Prometa para mim que virá me ver. Adoro receber a visita de Leonard Peacock.

Ela diz essa última parte quase como se estivesse flertando comigo, como se fôssemos ter relações sexuais em sua sala caso eu apareça. Muitas professoras fazem isso, flertar com estudantes do sexo masculino. Eu me pergunto se esse é o único modo que elas conhecem para interagir com os homens. Como se usassem sua sexualidade para conseguir o que querem. E eu devo admitir que funciona, porque realmente desejo ver a Sra. Shanahan agora, e se eu já não estivesse decidido a me matar, certamente iria ao escritório dela mais tarde, nem que fosse apenas para pegar meu pirulito de caramelo e fantasiar.

— Com certeza — minto. — Esta tarde, certamente visitarei minha mais bela, astuta e favorita orientadora.

Ela meio que enrubesce e então sorri, toda satisfeita consigo mesma. Quando se vira para ir, não consigo evitar e digo:

— Sra. Shanahan?

— Sim, Leonard — diz ela, voltando-se, toda Marilyn Monroe. Seu vestido chega a esvoaçar e a subir um pouquinho.

— Obrigado por verificar como estou. Você é uma boa conselheira. Uma das melhores.

— De nada — diz ela, e se ilumina como o sol do meio-dia, porque não entende o que eu realmente estou dizendo.

Afinal, ela é apenas uma orientadora do ensino médio. Ela pode lhe dizer qual é a média de pontos que você precisa para entrar na Universidade da Pensilvânia, mas esperar mais do que isso é querer demais. Tive a sorte de ter ganhado tantos pirulitos.

Logo antes de sair, quase como se quisesse reforçar o fato de que estamos jogando um jogo — com regras —, ela acrescenta:

— Você vai *mesmo* me ver no oitavo tempo, certo?

— Sabe que vou — minto.

Eu penso que, provavelmente, a Sra. Shanahan tem meu aniversário escrito em algum arquivo, mas lida com tantos alunos que realmente não posso ficar bravo com ela por ter se esquecido.

No ensino fundamental, os professores sempre se lembravam do seu aniversário, e era mais agradável. Havia bolinhos ou brownies, ou, pelo menos, biscoitos, e todos cantavam de um modo que o fazia se sentir realmente especial, parte de alguma coisa, mesmo que você, no fundo, odiasse muito todos os seus colegas. Existe uma razão para os professores do ensino fundamental fazerem isso. Não era apenas por diversão. Era importante.

Eu me pergunto qual a idade apropriada para a gente parar de se lembrar dos aniversários dos outros. Quando paramos de precisar que as pessoas ao nosso redor reconheçam o fato de que estamos envelhecendo, mudando e ficando cada vez mais perto da morte? Ninguém diz isso para você. É como se todo mundo se lembrasse do seu aniversário todo ano e, de repente, você não soubesse mais quando foi a última vez que alguém cantou parabéns para você, nem quando pararam de cantar. Você deveria lembrar, certo?

Mas eu não consigo determinar um ano exato. A coisa toda meio que escapou de mim, sem que eu percebesse, o que me deixa triste.

Observo a Sra. Shanahan atravessar o corredor. Parece saltitante, como se meus elogios tivessem estimulado sua autoestima e a feito sentir que sua profissão é realmente importante.²⁹

Então, ela se vai.

28 Desconectado do meu terrível futuro.

29 Tento imaginar como é ser casado com a Sra. Shanahan, comer pirulitos de caramelo em todas as refeições. Ter uma orientadora educacional como esposa. Ela provavelmente cuidaria bem de mim em termos emocionais, ou talvez estivesse tão cansada de cuidar dos outros durante o dia que, quando voltasse do trabalho para casa, ela se tornasse uma megera egoísta. Eu não consigo escolher no que acreditar. Provavelmente na última hipótese, acho.

DEZESSETE

CARTA DO FUTURO NÚMERO 3

Oi, papai!

É S, a sua filha. Isso é tão estranho! Eu não entendo por que preciso escrever para você, porque você acabou de sair de barco com Papa, e Horácio, o golfinho, estava lá, como sempre, para lhe fazer companhia.

Mamãe diz que você está triste, mas ela também diz que estamos escrevendo para você quando você era menino, o que eu realmente não entendo. Ela me obriga a fazer um monte de tarefas escolares estranhas, então acho que isso é apenas mais uma delas. Você me diz para obedecer a mamãe, então eu obedeço. Ela está me ajudando a escrever a carta. Falou que eu deveria lhe dizer coisas que você já sabe a meu respeito, o que parece idiota, mas lá vai.

Minha cor favorita é cinza-golfinho. Minha constelação favorita é Cassiopeia, porque é um nome muito divertido de se dizer!

Minha comida favorita é sopa de milho com bacon. (Hahaha! Brincadeira!)

O meu jogo favorito é *Quem morou aqui?*. Eu adoro ouvir as histórias que você inventa sobre como era viver na cidade submersa que você chama de Filadélfia.

Certa vez encontramos um apartamento em um antigo arranha-céu que você chamou de Liberty Place, e você me disse que algumas pessoas viviam como reis e rainhas no céu, olhando com desprezo para todas as pessoas que tinham de viver junto ao chão, mas, atualmente, é preciso ser muito rico para se viver junto ao chão, o que você disse que é irônico.

Entramos no apartamento e encontramos vestidos que provavam que uma rainha morava ali. Os vestidos eram brilhantes e coloridos. Havia tantos! E você disse que sua mãe havia desenhado um deles, o que foi legal, porque você nunca fala sobre a sua mãe.

Também encontramos um cofre de joias de ouro no quarto. Você me deixou ficar com o ouro. Temos encontrado ouro em cofres em toda a Estação 37. Eu o guardo debaixo da minha cama, nas embalagens usadas de alimentos policongelados, embora eu realmente não entenda por que as pessoas no passado gostavam tanto de ouro, além do fato de ser brilhante. Você me chama de princesa e às vezes usamos todo o ouro que conseguimos colocar, e você me chama de "Jay-Z", e então rimos muito.

Minhas histórias de ninar favoritas são da Philadelphia Phyllis, uma menina da virada do século que costumava solucionar crimes misteriosos. Você me conta muitas histórias dela, e a de que mais gosto é aquela em que ela faz um valentão parar de implicar com as crianças na escola quando encontra uma arma mágica que lhe dá poder. Eu bem que gostaria que houvesse outras crianças aqui, mas suas histórias sobre valentões me faz pensar se não tenho sorte por ser apenas eu.

Minha música favorita foi composta pelo seu pai, "Underwater Vatican", que você canta para mim algumas vezes, porque sente falta dele. (Mamãe me ajudou a escrever a palavra Vatican, e disse que era o lugar onde morava um sujeito importante, mas ela não conseguiu explicar por que ele era importante. Ela diz que não há mais gente como ele atualmente.)

Papai, eu não consigo pensar em mais nada para escrever.

Eu amo você.

Sinto muito que você tenha sido uma pessoa triste quando era um garotinho, mas atualmente você quase nunca está triste, o que é bom, certo?

Mamãe falou que eu tenho que lhe dizer para aguentar firme.

Aguentar firme o quê?, perguntei.

Eu não sei.

Mas aguente.

Aí está, escrevi. É bom que a mamãe me dê uma boa nota por esse trabalho.

Mal posso esperar para vê-lo no jantar. Acho que comeremos sopa de milho com bacon *DE NOVO*, porque isso é o que mais temos, e precisamos guardar os outros alimentos para ocasiões especiais como aniversários, e o meu será daqui a mais ou menos uma semana. Você disse que tem uma surpresa muito especial para mim.

Fico pensando o que será!

Você nunca se esquece do meu aniversário e você sempre o torna especial.

É verdade que você não faz aniversário, como me disse?

Eu queria saber quando é o seu aniversário, porque eu lhe daria o melhor presente de aniversário de todos. Horácio me ajudaria a procurar pela Estação 37 até encontrarmos o presente perfeito.

Por que você não me diz quando é o seu aniversário?

Mamãe diz que tem a ver com lembranças ruins.

“Por que eu não tenho nenhuma lembrança ruim?”, pergunto para ela, e ela responde que é porque eu tenho um pai muito bom.

Isso me faz sorrir.

Você é um bom pai!

Eu amo vc!

S, sua Princesa “Jay-Z”.

(O que é uma “Jay-Z”? Você nunca me disse!)

DEZOITO

Herr Silverman mede um metro e noventa ou mais. Seu tipo físico seria melhor descrito como magro. O cabelo é prematuramente grisalho e, em dez anos ou mais, ficará inteiramente prateado, momento em que seu sobrenome, que em inglês significa “homem prateado”, será apropriado. Ele sempre usa gravata de uma só cor; camisa branca de mangas compridas; calça verde, marrom ou preta sem pregas; sapato de amarrar de camurça preto ou marrom com salto quadrado, e cinto de couro combinando com o sapato. Simples, mas elegante. Na maioria dos dias, ele parece um garçom de restaurante chique. Hoje ele veste calça, gravata, sapato e cinto pretos, e deixou um começo de cavanhaque.³⁰

No início de cada aula, ele cumprimenta todos os alunos na porta, aperta a mão de todos os que entram, sorri para você e o olha nos olhos. Ele é o único professor que faz isso, e o processo muitas vezes cria uma serpente humana no corredor. Às vezes, apertar as mãos dos alunos leva tanto tempo que ainda existem pessoas na fila depois de tocar a sineta, e isso irrita de uma maneira incrível os outros membros do corpo docente.

Certa vez, nosso diretor viu a fila e gritou:

— Já para a aula, todos vocês! — Porque não viu Herr Silverman à porta.

Herr Silverman disse:

— Está tudo bem. Estamos apenas no meio de nossa saudação diária. Todo mundo merece um olá. Olá, Andrew.

O diretor fez uma cara muito estranha e disse, afinal:

— Olá. — E afastou-se rapidamente.

Hoje, ao apertar minha mão, Herr Silverman sorri e diz:

— Gostei de seu novo chapéu, Leonard.

Isso me faz sentir muito bem, porque acredito que ele realmente gostou, ou melhor, que gostou do fato de eu estar me expressando — por estar usando algo que ninguém mais está, e por eu não ter medo de ser diferente.³¹

— Obrigado — digo. — Posso falar com o senhor depois da aula? Tenho algo para lhe dar.

— Certamente. — Ele balança a cabeça e me lança um sorriso adicional, um sorriso verdadeiro, do tipo que usa todos os músculos do rosto, mas que não parece forçado.

Os sorrisos de Herr Silverman sempre me fazem sentir melhor por algum motivo.

— Por que ele precisa apertar a mão de todo mundo, todos os dias? — diz um garoto, Dan Lewis, a respeito de Herr Silverman quando tomamos nossos lugares.

— Ele é *tão* estranho — responde Tina Whitehead num sussurro.

Tenho vontade de sacar a P-38 e explodir suas cabeças superidiotas, porque Herr Silverman é o único professor que se preocupa conosco e se dá o trabalho de demonstrar isso para nós; e esses meus colegas estúpidos usam isso contra ele. É como se as pessoas realmente *quisessem* ser maltratadas.

Contudo, certa vez depois da aula, quando estávamos conversando, Herr Silverman me disse que, quando alguém se destaca e se mantém em um padrão mais elevado, mesmo se isso beneficia os outros, as pessoas comuns se ressentem, principalmente porque não são fortes o bastante para fazerem o mesmo. Então, talvez Dan Lewis e Tina Whitehead sejam apenas mais fracos do que Herr Silverman e, por isso, precisem mesmo da bondade dele, mas eu sem dúvida não perderia tempo olhando-os nos olhos e sorrindo para eles todos os dias se falassem assim de *mim* pelas costas. Herr Silverman é inteligente o bastante para perceber que ser diferente traz consequências. Ele está sempre falando sobre isso em sala de aula. Consequências. Mas nunca reclama das consequências com as quais tem de lidar, o que faz com que ele se destaque.

— Então — diz Herr Silverman para a classe, e eu percebo que mais uma vez ele evita arregaçar as mangas. — Hoje é dia de questão ética. Quem tem uma pergunta?

Nós fazemos esse negócio de alguém formular uma pergunta difícil relacionada ao Holocausto — uma pergunta que não deixa claro onde está o certo ou o errado em sua resposta, como um dilema moral — e, em seguida, a classe debater sobre a resposta.

Minha mão é a única a se erguer hoje, de modo que Herr Silverman diz:

— Leonard?

— Digamos que um adolescente americano herdou uma arma nazista autêntica de seu avô, que capturou e executou um oficial alemão de alta patente. O que deveria ser feito com a arma?

Estou muito curioso para saber o que meus colegas vão responder. Tenho certeza de que suas respostas não corresponderão à minha. É incrível como eles são diferentes de mim.

Além disso, é divertido mexer com a cabeça deles — ver como são estúpidos, porque jamais sonhariam que eu tenho uma arma, mesmo que eu basicamente tenha acabado de lhes contar. Amanhã eles vão se lembrar dessa discussão de uma forma completamente diferente, e perceberão quão incrivelmente imbecis eles são.

Lucy Becker é a primeira a responder, e ela essencialmente diz que minha arma pertence ao Museu do Holocausto em Washington, e faz um discurso sobre a importância de documentar nossos erros, para não os repetirmos.³²

— Réplica? — diz Herr Silverman.

Jack Williams, que é um tanto inteligente e interessante, argumenta que a arma deveria ser destruída e fala sobre a ascensão de neonazistas que colecionam essas coisas. Jack defende que, se toda a propaganda nazista fosse destruída, ninguém poderia usá-la para recrutar novos nazistas.

— Foi por isso que o presidente Obama sepultou Osama bin Laden no mar — diz Jack. — Assim, ninguém poderia usar seu túmulo como um símbolo.

— Refutação muito interessante, Jack — diz Herr Silverman. — Respostas da classe?

Meus colegas de turma discutem sobre o que fazer com a arma e, embora tenha sido eu quem fez a pergunta, as respostas começam a me assustar um pouco. Quer dizer, tenho uma arma nazista na mochila e todo mundo está falando sobre o que fazer com ela, só que eles não sabem que a minha questão ética hipotética é real, eles não sabem que eu tenho a arma comigo agora.

Todos são extraordinariamente estúpidos, e ainda assim eu começo a me preocupar que talvez um deles se dê conta do que me levou a fazer essa pergunta neste dia em particular, e que, em seguida, todos resolvam me linchar.³³

Fico tão preocupado que começo a suar na cadeira.

Eu me sinto muito confuso, como se eu só quisesse que tudo acabasse. Tudo.

Ao mesmo tempo, porém, quero que alguém descubra, que reúna todas as dicas que eu venho dando ao longo do dia, ao longo dos anos na verdade, mas ninguém descobre, e eu estou começando a entender por que as pessoas enlouquecem e fazem coisas terríveis — como os nazistas, Hitler, Ted Kaczynski, Timothy McVeigh, Eric Harris, Dylan Klebold e Cho Seung-Hui³⁴ fizeram, e como também fizeram tantas outras pessoas horríveis sobre as quais aprendemos na escola e... *Quer saber?* Foda-se a Linda por ter esquecido o meu aniversário — **ELA QUE SE FODA** —, porque como é que você esquece que deu à luz alguém há dezoito anos. Ela é **IRRESPONSÁVEL** e **IRRESPONSÁVEL** e egoísta e culpável e desumana e...

— Leonard? — diz Herr Silverman.

Todos viram a cabeça e olham para mim.

— Conclusões?

Eu deveria resumir os pontos de vista sobre o que fazer com a P-38 e dizer qual lado eu acho que ganhou o debate, mas eu não estava ouvindo e eu não sei dizer exatamente o que realmente penso.

— Eu não sei. Hoje eu não sei de nada — digo e, em seguida, suspiro sem querer.

Herr Silverman olha nos meus olhos até eu olhar para os dele, e então eu meio que apelo por telepatia: *Por favor, apenas continue. É o meu aniversário. Eu só tenho mais algumas horas neste planeta. Por favor. Seja gentil. Deixe-me fora dessa.*

— É uma pergunta difícil, Leonard. Uma boa pergunta. Eu também não sei — diz Herr Silverman, salvando minha pele.

Os superidiotas reviram os olhos e trocam olhares.

Ele passa para a parte expositiva da aula, discutindo o conceito de vida dupla, ou ser duas pessoas diferentes ao mesmo tempo — o bom pai alemão da Segunda Guerra Mundial, que janta civilizadamente com a família em uma mesa formal e lê histórias para os filhos antes de beijar suas testas e acomodá-los na cama, tudo isso depois de passar o dia inteiro ignorando os gritos de mulheres e crianças judias, matando-as em câmaras de gás e acumulando cadáveres em horríveis covas coletivas.

Resumindo, Herr Silverman diz que podemos ser humanos e monstros ao mesmo tempo, que ambas as possibilidades estão em todos nós.

Alguns alunos idiotas discutem com ele, dizendo que não são como os nazistas e nunca poderiam ser, porque Herr Silverman diz que todos nós temos uma vida dupla em certos aspectos. E todos na turma sabem exatamente do que ele está falando, mesmo que finjam não saber.

Por exemplo, os alunos que os professores pensam que são os melhores, na verdade, são aqueles que bebem toneladas de álcool nos fins de semana e dirigem embriagados e estupram todo mundo o tempo todo e estão constantemente fazendo com que os menos populares e realmente bons se sintam uns merdas. Mas esses mesmos alunos terríveis transformam-se diante dos adultos que estão no poder, para receber boas cartas de recomendação para a universidade e privilégios especiais. Eu nunca coleei em uma prova nem plagiei alguém, e Herr Silverman talvez seja o único professor nessa escola que me escreveria uma carta de recomendação para a faculdade, caso eu quisesse.

Nossa oradora oficial, Trish MacArthur, recebeu cartas de recomendação dos professores mais populares, e todos os alunos na escola sabem que ela promove as festas mais loucas, só tem bebida e drogas e a polícia sempre aparece, mas como seu pai é o prefeito, os guardas simplesmente dizem: “Abaxe o som.” Um menino teve uma overdose na casa dela ano passado e acabou no hospital. E, magicamente, a reputação de Trish MacArthur entre os membros do corpo docente permanece imaculada. Ela faz a aula de inglês para os A.P. Exams comigo e me ofereceu duzentos dólares para que eu a “ajudasse” na dissertação sobre *Hamlet*. Ela piscou para mim, cruzou os tornozelos, uniu os seios com os ombros e disse: “Por favor?”, toda indefesa, como faz com os professores do sexo masculino. Eles também adoram isso. Aquela garota realmente sabe como conseguir o que quer. É claro que eu a mandei à merda. Chamei-a de “oradora oficial de araque”, de “farsante”, momento em que ela descruzou os tornozelos, deixou a gravidade tomar conta dos seios, parou de piscar como se suas pálpebras fossem asas de borboleta e, com uma voz rouca, adequada à sua idade, disse: “Você ainda pretende chegar a algum lugar aqui nesta escola? Você é um inútil, Leonard Peacock.”

Depois me deu as costas e foi embora.

Essa é a nossa oradora oficial.

O nosso melhor.

Trish MacArthur.

— Como saber o que você faria caso fosse forçado a cometer crimes pelo seu governo, mas ainda assim quisesse ser um bom pai? — pergunta Herr Silverman. — Os alemães eram maus ou será que estavam respondendo ao clima social e político de seu tempo?

A maioria dos meus colegas fica perplexa.

Enquanto ouço suas respostas lamentáveis, suas tentativas de se alçarem a altos pedestais morais, percebo que a diferença entre mim e eles fica cada vez maior à medida que envelhecemos.

As mentiras são tão vívidas que estão começando a queimar as minhas retinas.

A aula de hoje irrita demais os superidiotas, como a verdade sempre costuma irritar. Ainda assim, sinto-me reconfortado de algum modo, não porque oficiais nazistas fizeram coisas horríveis, mas porque Herr Silverman está tentando expor o que todo mundo esconde a todo custo.

É uma realidade deprimente, a maneira como os meus colegas adoram a própria ignorância, e eu simplesmente me desligo e espero a aula terminar para poder dar meu presente para Herr Silverman e ficar mais perto do ponto final de Leonard Peacock.

³⁰ Herr Silverman está sempre fazendo experiências com seus pelos faciais. Na semana passada estava deixando crescer uma barba descuidada, à moda de Abraham Lincoln. Os alunos fazem comentários sobre os vários estilos de seus pelos faciais, mas ele nunca se aborrece. Reage às provocações com um sorriso que é quase uma piscadela. É como se ele fosse imune aos comentários das outras pessoas, o que eu acho admirável.

³¹ Esse é, basicamente, o mantra dos ensinamentos de Herr Silverman: pense por si mesmo e faça o que é certo para você, mas permita que os outros façam o mesmo.

³² Provavelmente, essa é a resposta-padrão que lhe dará nota máxima na redação dos exames para entrar na universidade.

³³ Você pode pensar que, uma vez que eu quero morrer, e eu quero, o linchamento seria um meio de acabar com tudo, mas ser despedaçado membro a membro por meus colegas de turma superidiotas está longe ser uma maneira pitoresca de morrer. Ser morto por superidiotas é superdesinteressante.

³⁴ Você deveria ler sobre esses assassinos. Todos eles têm muito em comum. Aposto que se sentiam solitários em muitos aspectos, desamparados, ESQUECIDOS, ignorados, alienados, irrelevantes, cínicos e tristes. Leia sobre eles. Você realmente deveria. Você pode aprender muito. Mais do que consigo explicar aqui.

DEZENOVE

Quando toca a sineta eu continuo sentado.

Herr Silverman fica zelosamente ao lado da porta e se despede de cada um dos alunos à medida que saem.

Dá para ver que ele se preocupa com todos — até mesmo o mais estúpido de nós.

Ele é como um santo ou algo assim.

A maioria das crianças sai sem nem mesmo fazer contato visual, embora Herr Silverman tente se despedir individualmente de cada um.

Isso faz diferença, podem acreditar, mesmo que os superidiotas da minha turma não saibam apreciar.

Houve dias em que Herr Silverman foi a única pessoa a me olhar nos olhos.

A única pessoa durante todo o dia.

É uma coisa simples, mas coisas simples importam.

— Então — diz Herr Silverman enquanto fecha a porta.³⁵ — Você queria falar comigo.

— É sobre a pergunta que eu fiz na aula hoje — digo.

Ele se senta na carteira ao meu lado e diz:

— Ah, o que fazer com a arma nazista.

— É. Você acha que é possível transformar um objeto com uma terrível conotação negativa em algo que tenha uma conotação positiva?

— Claro — responde ele.

Eu esperava que Herr Silverman dissesse mais, mas ele não faz isso, o que me deixa perturbado e inseguro sobre o que devo dizer em seguida, de

modo que enfio a mão na mochila e retiro uma caixinha, embrulhada em papel cor-de-rosa.

— Isto é para você.

Herr Silverman sorri e diz:

— Por que estou ganhando um presente?

— Direi depois que você abrir.

— Está bem — diz ele, e então começa a abrir o embrulho cor-de-rosa muito cuidadosamente.

Ele abre a caixinha, ergue os olhos, levanta as sobrancelhas, e diz:

— Isso é o que eu estou pensando?

— Sim, é a Estrela de Bronze que meu avô ganhou por ter matado um oficial nazista de alta patente na Segunda Guerra Mundial.

— Por que você está me dando isso?

— Bem, por uma porção de motivos. A maioria eu realmente não consigo explicar direito. É por isso que as pessoas dão presentes, certo? Porque não sabem como se expressar em palavras, então dão presentes para expressar simbolicamente seus sentimentos. Eu acho que o mundo seria um lugar melhor se dessem medalhas para grandes professores, em vez de darem apenas para os soldados que matam os inimigos nas guerras. E com todas essas conversas sobre a Segunda Guerra Mundial que temos aqui, tentando dar sentido a coisas terríveis, bem, eu só pensei que poderia transformar o aspecto negativo que cerca essa medalha em um aspecto positivo dando-a para você. Talvez isso não faça nenhum sentido. Eu não sei. Mas eu quero que fique com ela, está bem? É importante para mim. Talvez você possa guardá-la na gaveta da escrivaninha e, quando começar a ter a sensação de que ensinar pode não valer mais tanto a pena, você vai pensar naquele garoto perturbado, Leonard Peacock, que adorava a sua aula e que lhe deu a Estrela de Bronze do avô como uma recompensa por ser um excelente professor. Talvez isso o ajude a ir em frente. Sei lá.

— Eu me sinto honrado, Leonard. De verdade — diz ele, olhando-me nos olhos com seriedade, como sempre faz. — Mas por que me deu isto *hoje*?

— Por nenhum motivo, creio eu. Hoje parecia ser um bom dia para isso — minto, mas minha voz está trêmula.

— Você está com a arma que seu avô usou na Segunda Guerra Mundial? — pergunta ele, o que me assusta.

— O quê? — digo, surpreso, e de repente percebo que estou rabiscando meu nome na carteira.

Eu me pergunto por que estou fazendo isso.

Então me pergunto por que Herr Silverman não está me pedindo para parar de rabiscar a propriedade da escola.

— Vou lhe dizer uma coisa, Leonard, e espero que não se ofenda. Mudanças repentinas na aparência. Você cortou o cabelo, não é mesmo?

Eu continuo a escrever meu nome na carteira repetidamente.

— Dar de presente bens preciosos. Esses são sinais claros. Suicidas muitas vezes fazem essas coisas. Estou preocupado que você possa estar em perigo.

L – E – O – N – A – R – D – P – E – A – C – O – C – K

L – E – O – N – A – R – D – P – E – A – C – O – C – K

L – E – O – N – A – R – D – P – E – A – C – O – C – K

Eu continuo rabiscando as letras na carteira.

Por quê?

Eu nunca escrevi meu nome em uma carteira antes.

— Você está tentando me dizer algo aqui hoje? — pergunta ele.

— Na verdade, não — respondo sem olhar para cima. — Eu só queria que você soubesse o quanto sua aula é importante para mim.

Ele não diz nada, mas posso senti-lo olhando meu rosto, percebo que ele está preocupado de uma forma que talvez ninguém mais esteja, e que terei que representar caso queira sair daqui e completar minha missão.

Procuro no fundo de mim mesmo e volto a estampar no rosto minha expressão hollywoodiana. Eu sorrio para ele, forço uma risada, e digo:

— Eu provavelmente *iria mesmo querer* me matar se não pudesse passar algum tempo nesta sala todos os dias. *Eu realmente iria querer*. Sua aula provavelmente é a única coisa que me mantém vivo.

— Isso não é verdade. Há muita coisa pelo que viver. Definitivamente há coisas boas no seu futuro, Leonard. Eu tenho certeza disso. Você não tem ideia de quantas pessoas interessantes vai encontrar quando terminar o ensino médio. Sua parceira, seu melhor amigo, a pessoa mais maravilhosa que você vai conhecer está sentada em alguma escola neste momento, esperando se formar e entrar em sua vida, talvez até mesmo sentindo as mesmas coisas que você, talvez até mesmo se perguntando sobre você, esperando até que você seja forte o bastante para chegar ao futuro, onde vocês se encontrarão. Você escreveu aquelas cartas depois que conversamos na última vez? As cartas do futuro? Você experimentou escrevê-las?

— Não — minto, porque escrever tais cartas me emocionou muito e eu não quero falar sobre isso agora. Preciso me concentrar na tarefa que tenho nas mãos. — Talvez eu escreva hoje à noite.³⁶

— Você deveria. Acho que poderia ajudar.

Volto novamente a pensar no mistério. Eu não sei muito bem por que — talvez porque esta seja a minha última chance —, mas digo:

— Posso lhe fazer uma pergunta pessoal, Herr Silverman?

— Tudo bem.

Ficamos ali sentados em silêncio por alguns segundos enquanto eu tento reunir coragem. Minha voz está trêmula quando finalmente pergunto:

— Por que você nunca arregaça as mangas, nem veste camisa de manga curta? Por que não usa a camisa polo opcional às sextas-feiras?

Meu coração está batendo forte o bastante para quebrar as costelas, porque eu meio que acredito que a resposta a essa pergunta pode ser capaz de me salvar. Mesmo que isso não faça qualquer sentido.

— Você notou, hein? — diz Herr Silverman.

— É. Tenho pensado muito nisso.

Seus olhos se estreitam um pouco e, então, ele diz:

— Vamos fazer um acordo. Você escreve essas cartas do futuro e eu lhe digo por que nunca arregaça as mangas. O que você acha?

— Claro — digo sorrindo, porque vejo que Herr Silverman realmente acredita que escrever as cartas pode me ajudar.

Ele adora ajudar alunos perturbados como eu. Por um momento eu esqueço que já escrevi as cartas e que não estarei mais por perto depois de hoje, que nunca vou saber por que Herr Silverman não arregaça as mangas.

— Você gostou do presente?

Ele pega a Estrela de Bronze e a ergue diante dos olhos.

— É uma honra para mim que você goste tanto das minhas aulas, mas eu não sei se posso ficar com isso, Leonard. — Ele a devolve à caixa e diz: — É uma relíquia de família. É sua por direito.

— Então você poderia apenas guardá-la para mim na sua escrivaninha até eu decidir o que fazer com ela? — digo, porque não quero discutir a esse respeito. — Ao menos por uma noite. Significaria muito para mim.

— Por quê?

— Porque sim, está bem? — Imploro com os olhos.

— Certo — diz ele. — Só por uma noite. Você vai estar aqui amanhã para pegá-la de volta? *Promete?*

Eu sei o que ele está fazendo: está me dando uma tarefa que me obrigue a estar aqui amanhã. Isso realmente me faz sentir bem, e fico surpreso com o fato de ainda conseguir me sentir melhor de vez em quando.

— Sim — minto. — Estarei aqui amanhã.

— Bom. Todos os dias espero ansiosamente para conhecer o seu ponto de vista. Eu ficaria arrasado se seu lugar na sala ficasse vazio. Superarrasado.

Nós damos uma espécie de encarada um no outro e eu penso que Herr Silverman é a única pessoa na minha vida que não me engana, e talvez seja a única da escola que realmente liga se vou sumir ou não.

— O governo deveria lhe dar uma medalha por ser um bom professor, Herr Silverman. Estou falando sério. Realmente devia.

— Obrigado, Leonard. Tem certeza de que está se sentindo bem? Não há nada mais que você gostaria de discutir?

— Sim, tenho certeza. Na verdade, preciso ir ver minha orientadora educacional agora. A Sra. Giavotella já relatou meu “comportamento

estranho”. Estou certo de que logo pedirão sua opinião profissional a respeito de minha sanidade. Mas estou indo ver a orientadora. Assim, mesmo que eu *estivesse* confuso, a superconselheira, Sra. Shanahan, pode me colocar no eixo com um pirulito de caramelo antes que eu saia do prédio, de modo que não há com o que se preocupar, certo?

Quando olho para cima para ver se ele está engolindo minha mentira, vejo que não está. Então eu digo:

— Desculpe ter rabiscado a sua mesa. Quer que eu limpe?

— Se eu lhe der o número do meu celular você promete ligar caso sinta vontade de se matar?

— Eu não vou me...

— Você pode ligar a qualquer hora do dia ou da noite. Você promete ao menos me telefonar primeiro, para que eu possa lhe contar por que nunca arregaço as mangas? Eu aposto que saber a resposta para essa pergunta vai fazer você se sentir melhor, mas vamos guardá-la para quando estiver se sentindo muito mal. Vai ser uma anedota-antídoto de emergência — diz ele, e então sorri de uma maneira que também me faz sorrir, porque ele está orgulhoso do trocadilho idiota que fez e também está violando as regras novamente, dando-me seu telefone.

Nenhum outro professor na escola faria isso. Ele está fazendo de tudo por mim. E fico muito triste ao pensar que ele vai ficar muito chateado quando souber de meu homicídio-suicídio.

— Então você promete que vai ligar se as coisas piorarem, antes de agir de maneira precipitada? Eu lhe direi a resposta se você ligar. É um grande segredo. Mas vou contar para *você*, Leonard, porque acho que precisa saber. Você é diferente. E eu sou diferente também. Ser diferente é bom. Mas ser diferente é difícil. acredite em mim, eu sei.

Ouvi-lo dizer que também é diferente meio que me choca, porque eu realmente nunca pensei que professores pudessem se sentir do jeito que eu às vezes me sinto aqui na escola, mas meneio a cabeça com seriedade, como se estivesse entendendo o que ele está dizendo, e durante todo o tempo me pergunto o que diabos há debaixo das mangas de sua camisa.

Ele escreve o número de celular com caneta verde, me entrega o pedaço de papel e diz:

— Escreva as cartas do futuro, Leonard. Essas pessoas querem conhecê-lo. Sua vida ficará muito melhor. Eu lhe prometo isso. Apenas aguarde como puder e acredite no futuro. Confie em mim. Esta é apenas uma pequena parte de sua vida. Um piscar de olhos. E se achar que não consegue acreditar nisso, ligue para mim a qualquer hora do dia ou da noite e vamos conversar. E aí responderei à sua pergunta. Quando você precisar. Prometo.

— Por que está sendo tão legal comigo? — pergunto.

— As pessoas deviam ser legais com você, Leonard. Você é um ser humano. Você deve esperar que as pessoas sejam legais. As pessoas em seu futuro, essas que estão escrevendo as cartas para você, elas serão legais. Imagine isso, e assim será. Escreva as cartas.

— Tudo bem. Obrigado, Herr Silverman — digo antes de dar o fora dali.

Se ao menos o mundo fosse repleto de Herr Silvermans... Mas não é. Está cheio principalmente de superidiotas, como a maioria dos meus colegas de classe, repleto de babacas sádicos como Asher Beal.

Eu não vou ver a orientadora.

Nada de pirulito de caramelo hoje.

Ainda me falta um presente a entregar.

Tenho uma missão a cumprir.

³⁵ A maioria dos professores se recusa a fechar a porta quando estão sozinhos com um aluno, dizendo que é contra a lei ou algo assim, o que é muito idiota. É como se pensassem que todo adolescente está o tempo inteiro na iminência de ser estuprado e que uma porta aberta pode protegê-lo. (Não pode. Como poderia?) Mas Herr Silverman fecha a porta, o que me faz confiar nele. Ele não joga com as regras deles; ele joga com as regras certas.

³⁶ Claro que eu já escrevi as cartas, mas simplesmente não mostrei a Herr Silverman porque as palavras são muito intensas, pessoais e insanas, e talvez não sejam o que ele queria que eu escrevesse. E, ainda assim, sinto que as cartas são realmente importantes. Eu só não estou certo do porquê, de modo que não quero correr o risco de estragar aquelas palavras. Se Herr Silverman disser que as cartas estão erradas, acho que não conseguirei lidar com isso. Especialmente porque ele continua dizendo que as cartas podem me salvar, o que significa que ele acredita que preciso mesmo ser salvo.

VINTE

A última boa festa de aniversário que eu e Asher Beal tivemos foi há sete anos ou mais, antes de as coisas ruins começarem a acontecer.

Na festa dele, quando desembulhou o meu presente, ele encontrou um pedaço de papel com um ponto de interrogação.

— O que é isso? — perguntou, estreitando os olhos.

O som de pinos de madeira sendo atingido por bolas de boliche ecoou pelo ambiente. Sua mãe, alheia porém, gentil, reservara duas pistas.³⁷

— É o melhor presente de aniversário que você vai receber a vida toda — respondi.

— Não estou entendendo — disse Asher.

Lembro-me das outras crianças na festa me lançando olhares estranhos, tipo: que merda de presente é um ponto de interrogação em um pedaço de papel?³⁸

— Você vai entender — falei, confiante.

— Quando?

— Em breve.

— *Tudo bem* — disse Asher, dando de ombros.

Em seguida ele abriu os presentes que as outras crianças haviam levado: DVDs de luta livre, videogames, cartões de presente, as coisas de sempre.

Eu me lembro de ter me sentido orgulhoso — como se estivesse cuidando do meu melhor amigo de uma forma que o deixaria superempolgado. As mães dos outros apenas compraram presentes genéricos, sem pensar muito a respeito, brinquedos que qualquer garoto de onze anos esqueceria em alguns dias.

Convidei Asher para dormir na minha casa naquele fim de semana e, quando ele chegou, pensando que apenas jogaríamos *video games* e comeríamos pizza, meu pai apareceu e disse com uma voz engraçada:

— Sr. Beal, o seu carro está pronto.

— O quê? — exclamou Asher, e depois riu.

Ele estava confuso, não fazia ideia do que aconteceria em seguida, o que me deixou muito feliz.³⁹

Como meu pai estava de bom humor naquele dia,⁴⁰ ele fingiu ser nosso motorista. Sem esboçar nenhuma expressão, como se não nos conhecesse, ele disse:

— O Sr. Peacock me contratou para levá-los até Atlantic City, onde assistirão a um show de rock hoje à noite.

Os olhos de Asher se iluminaram.

— Não me diga que você tem ingressos para o Green Day. *Tem?*

Eu sorri e disse:

— Feliz aniversário.

Seu rosto explodiu de felicidade.

— Oba! Oba! Oba! — disse ele, dando socos no ar, e então meio que me abraçou e me derrubou no sofá.

Acho que nunca me senti tão bem quanto naquele momento, talvez porque nunca tenha feito nenhum outro ser humano *tão* feliz a ponto de ele me derrubar no sofá.

Durante todo o trajeto até Atlantic City Asher falou sobre o Green Day, quais músicas provavelmente tocariam e que ele só queria ouvir “American Idiot”, porque era a sua favorita. Seria o seu primeiro show oficial. Sentei-me ao lado dele, ouvindo, alimentando sua animação.

Meu pai nos levou a um pub irlandês para jantarmos e bebeu algumas canecas de cerveja antes de nos levar ao show, que seria em um dos cassinos da cidade. Eu não lembro em qual, porque, para mim, são todos iguais. Quando Asher percebeu que tínhamos lugares na primeira fila, ele me abraçou novamente e disse:

— Você é o cara, Leonard Peacock! Sério! Primeira fila? Primeira fila?
Como?

Meu pai ainda tinha contatos naquela época, mas eu não disse nada. Apenas dei de ombros modestamente.

Eu me senti bem pra cacete por fazer meu amigo feliz.

Como se eu fosse um herói.

O Green Day entrou e tocou.

Quando eles tocaram “American Idiot”, Asher agarrou meu braço, berrou na minha cara e então cantou cada palavra.

Eu nunca fui muito fã do Green Day, mas foi o melhor show a que assisti, principalmente porque foi muito divertido ver Asher assistir à *sua* banda favorita ao vivo — sabendo que eu tinha feito aquilo acontecer, que eu era o herói da noite, que eu lhe dera o presente perfeito, e que todos aqueles idiotas na festa de aniversário — todos os nossos colegas de turma, que olharam de lado para o ponto de interrogação que eu desenhara em um pedaço de papel — não entendiam aquilo, a mim ou a vida em geral.

Vestindo camisas do Green Day com a granada em forma de coração estampada, encontramos meu pai mais tarde, no local combinado do lado de fora do cassino, e eu mal conseguia escutar quando ele perguntou sobre o show, porque meus ouvidos estavam zumbindo.

— Eles arrasaram! — disse Asher. — Foi incrível!

— Tudo bem, tudo bem — comentou meu papai, muito legal, como costumava ficar quando bebia, e seus olhos estavam chapados. — Tudo bem, tudo bem. — Falava isso depressa e com um certo ritmo, enfatizando o *be* e omitindo o *m* do último “bem”, de modo que soava como “tudo bem, tudo *bê*”.

Antes que nosso tempo juntos chegasse ao fim, quando meu pai realmente chegou ao fundo do poço, você poderia lhe dizer qualquer coisa e ele responderia: “Tudo bem, tudo *bê*.” “Pai, fui reprovado em ciências naturais.” “Tudo bem, tudo *bê*.” “Mamãe está transando com aquele estilista francês para quem ela desfilava.” “Tudo bem, tudo *bê*.” “Acabei de atear fogo no seu saco, papai.” “Tudo bem, tudo *bê*.” Ele se tornou uma daquelas bonecas que repetem um bordão toda vez que você puxa sua

cordinha. “Tudo bem, tudo *bê*.” “Tudo bem, tudo *bê*.” “Tudo bem, tudo *bê*.”

Em nosso quarto de hotel meu pai disse:

— Vocês podem alugar um filme, mas fiquem no quarto. *Tudo bem, tudo bê?* Vou descer de novo. Estou me sentindo com sorte esta noite. — O que não foi nenhuma surpresa, porque meu pai estava sempre me deixando sozinho, mesmo quando eu era criança.

Asher e eu observamos o relógio durante dez minutos depois que meu pai foi embora, apenas tempo suficiente para ele começar a jogar, antes de darmos início à exploração do hotel.

Corremos por corredores labirínticos e intermináveis, batendo nas portas pelas quais passávamos, esvaziando as máquinas de gelo e fazendo guerras de bolas de gelo na escadaria; nós nos revezamos sentados no carrinho da arrumadeira e empurrando um ao outro para bater nas paredes; tentamos penetrar em uma boate e fomos pegos pelo leão de chácara, que riu muito quando, com a maior cara de pau, dissemos que era o aniversário de vinte e um anos de Asher. Procuramos os integrantes do Green Day no andar do cassino e fomos expulsos, pedimos uma pizza tarde da noite e acabamos sentados no calçadão da praia, com os cotovelos apoiados no guarda-corpo e os pés pendurados.

— Cara, essa noite foi o máximo! — disse Asher. — O melhor presente de aniversário que já recebi. Fácil.

— É, você que sabe. — Lembro-me de ter dito enquanto ouvíamos as ondas arrebatando em algum lugar na escuridão.

— Acha que voltaremos a este hotel quando formos adultos? — perguntou Asher. — Você acha que ainda vamos andar juntos?

Se você tivesse encostado a P-38 nazista de meu avô em minha cabeça de onze anos, se avisasse que era a verdade ou a morte, e então me perguntasse se eu e Asher seríamos melhores amigos para o resto da vida, naquela noite eu teria dito que sim, sem hesitar.⁴¹

— Provavelmente — respondi, e então simplesmente ficamos balançando os pés pendurados no calçadão.

Realmente não dissemos muito mais do que isso, nada de extraordinário aconteceu, só a conversa idiota de garotos daquela idade.⁴²

Talvez seja o tipo de onda que apenas garotos assim podem ter e entender.

Havia centenas de adultos bebendo, jogando e fumando naquela noite, mas aposto que nenhum deles teve a mesma onda que Asher e eu.

Talvez seja por isso que os adultos bebem, jogam e se drogam: porque não conseguem mais ter isso naturalmente.

Talvez a gente perca essa capacidade à medida que envelhece.

Asher com certeza perdeu.

³⁷ Asher e eu temos isso em comum: mães alheias.

³⁸ Eu já era estranho naquela época, e as pessoas estavam começando a notar isso cada vez mais. Asher tinha muitos amigos, mas eu só tinha mesmo o Asher.

³⁹ Por que adoramos surpreender as pessoas? Será que é porque gostamos de saber de algo que elas não sabem? Será que isso nos dá uma sensação de poder sobre elas? Eu estava feliz porque estava controlando Asher? Ou estava simplesmente tentando fazer algo legal?

⁴⁰ Meu pai estava sempre de bom humor quando ia jogar.

⁴¹ Os jovens são como passageiros cegos: simplesmente não veem o que vem pela estrada.

⁴² Você já pensou em todas as noites que viveu e das quais não consegue se lembrar de nada? Noites tão comuns que seu cérebro simplesmente não se dá o trabalho registrar. Centenas, talvez milhares de noites passam sem serem registradas pela nossa memória. Isso não deixa você maluco? Imaginam que sua mente pode ter registrado só as noites erradas?

VINTE E UM

Certa vez, depois de uma tarde longa e deprimente vestindo meu terno de enterro e estudando os adultos infelizes na Filadélfia, saí da estação de trem da minha cidade e uma garota⁴³ que eu nunca vira antes enfiou um pedaço de papel na minha cara. Então disse:

— O caminho, a verdade e a luz!

— Desculpe? — respondi.

— Toma um panfleto. Leia tudo.

Peguei o pedaço de papel, que era como um uma mini-história em quadrinhos. As imagens e as palavras eram todas em tinta vermelha, o que fazia com que parecessem dramáticas e intensas. Na frente havia a imagem de um homem sorridente. Sob seu rosto simpático, liam-se as palavras: *Você pode ser o cara mais legal do mundo, mas sem Jesus no coração, irá para o inferno.*

Lembro-me de ter rido ao ler isso, porque parecia muito exagerado, como uma piada, talvez. E eu me perguntava se aquela garota antiquada estava fazendo algum tipo de jogo, como se aquilo fosse apenas parte de sua teia de aranha, de sua armadilha.

— Quem é você? — perguntei, tentando soar tranquilo e contido, ao estilo do Bogie.

— Meu nome é Lauren Rose. E eu estou aqui para lhe mostrar o caminho. Para trazer-lhe as boas-novas.

O nome dela era Lauren e ela era uma loura alta.

Lauren.

Se eu fosse o tipo de pessoa que acredita em sinais, teria ficado um pouco assustado, porque ela realmente se parecia muito com uma versão

mais jovem da Lauren Bacall, uma loura alta, que também tinha cara de gato e que foi devastadoramente linda no auge de sua carreira. Irresistível. E depois de assistir ao Bogie conquistando Bacall tantas vezes na Hollywood em preto e branco, senti uma espécie de inevitabilidade. Aquela seria a primeira garota que eu beijaria. Afirmei isso em minha cabeça — estabeleci a meta e então me concentrei nela como um galgo perseguindo um coelho.

— Quais boas-novas? — perguntei, tentando parecer o mais calmo, brando e confiante possível, como o Bogie em preto e branco, fingindo que estávamos em *À Beira do Abismo*. — Porque eu com certeza gostaria de ouvir.

— Que Jesus Cristo morreu pelos seus pecados.

— Ah.

Eu não sabia como me sentir em relação àquilo, e o fato de ela estar vendendo religião pareceu me tirar de cena por um instante, mas eu já tinha definido o meu objetivo e sabia que o Bogie sempre ficava com a Bacall no fim, não importavam as dificuldades, não importavam quantos bandidos estivessem em seu caminho. Então, tentei mudar de assunto.

— Acho que nunca vi você antes. Você estuda aqui na cidade?

— Não, não estudo — respondeu ela, e então exclamou “Jesus ama vocês!” para um grupo de empresários, que ignorou tanto ela quanto o panfleto que tentava entregar. Nem mesmo a olharam. Era como se ela fosse invisível. E, embora eu também não goste de debater com pessoas religiosas, eu me senti mal por Lauren, porque ela estava com uma expressão desesperada nos olhos — do tipo que precisa de outra pessoa para fazer o desespero se dissipar. Imaginei que ela era mesmo invisível para a maioria dos pedestres, gente que só queria ir para casa após um longo dia de trabalho, o que eu sabia devido a muitas horas de observação.

Quer dizer: há pessoas que acreditam em um dos vários deuses já disponíveis e, portanto, não precisam de panfletos, e há pessoas que nunca acreditarão nesse tipo de coisa. E imagino que a maioria daqueles que ficam no meio-termo não esteja interessada em ser assediada quando vai e volta do trabalho.

— Onde você estuda? — perguntei, na esperança de mudar de assunto.

— Ah, eu estudo em casa.

— Então, sua mãe lhe dá aulas?

— Sim. E meu pai também.

Ela ficou olhando ansiosamente para as pessoas que saíam da estação de metrô e realmente não estava mais prestando atenção em mim, o que eu achei esquisito, uma vez que eu fora a única pessoa que aceitara seu panfleto. É de se pensar que ela se concentrasse em me conquistar, certo? Ela era uma *femme fatale* clássica: determinada, bela, uma verdadeira dama.

— Por quê? — perguntei.

— Por que o quê?

— Por que você estuda em casa?

— Meus pais querem que eu tenha uma educação cristã.

— O que é isso? — perguntei, apenas para continuar a conversa.

— Uma educação enraizada na Bíblia.

— Ah.

— Jesus te ama — disse ela para um velho que ignorou o panfleto estendido.

— Se eu ler isso — falei, apegando-me ao que ela dissera —, podemos conversar a respeito depois?

Ela se voltou para mim e seus olhos se iluminaram.

— Sério? Você realmente vai ler e considerar entregar a sua vida a Jesus Cristo?

— Claro — respondi, e então eu ri.

Devo ter sido a primeira pessoa que já concordou em ler os panfletos dela. Lauren estava agindo como uma criança animada, mas tinha mais ou menos a minha idade, embora parecesse muito mais jovem, talvez ainda não corrompida, como se ainda pudesse ficar realmente empolgada com algo em público, sem tentar esconder. Embora estivesse animada com Jesus, gostei do fato de ela realmente se empolgar com alguma coisa. Ela disse:

— Você quer ir à minha igreja no próximo domingo?

— Depois que eu ler isto, falaremos a respeito.

— Como você vai entrar em contato comigo depois? — perguntou, parecendo muito preocupada.

— Eu vou ler sentado ali naquele banco e, então, poderemos conversar, está bem?

Ela mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça com entusiasmo exagerado — o que meio que me assustou —, e caso ela não estivesse fazendo aquela coisa de olho de gato que Lauren Bacall às vezes fazia nos filmes do Bogie, piscando sutilmente e erguendo os olhos até seu homem ou olhando-o de canto de olho, eu provavelmente teria ido embora logo em seguida.

Quando comecei a caminhar em direção ao banco, ela disse:

— Ah, espere. — E então, começou a folhear seus papéis. Ela sorriu: — Leia este em vez do outro. — E me estendeu um novo panfleto. — É para adolescentes.

— Tudo bem. — Sentei-me no banco e li por cerca de cinco minutos.

Era um tanto inacreditável.

Na verdade, era meio maluco e deveria ter sido a deixa para eu dar o fora dali.

A ideia central era que havia quatro adolescentes em um conversível, “dando uma volta” — dois rapazes, duas moças. Eles vão a um bosque “estacionar”, o que entendi significar basicamente beber cerveja, dar uns amassos e se esfregar um no outro. O protagonista do panfleto é um menino no banco de trás, que é um “cristão renascido” e que está se sentindo em grande conflito com os “pecados” que estão ocorrendo. No balão acima da cabeça do garoto lia-se algo como: “Cindy é tão bonita e eu realmente quero ir até o fim com ela, mas sei que Jesus ficaria desapontado comigo. E eu já o decepcionei por ter bebido cerveja.”⁴⁴

Em certo ponto você tem a visão do banco da frente do carro. É daqueles antigos, que parecem um banco mesmo, sem espaço entre o motorista e o passageiro e sem o console no meio, o que me faz pensar que o panfleto é muito velho, talvez da década de 1950. E vemos os tornozelos da menina aparecendo no alto, o que achei que significava que o casal na frente estava fazendo sexo. Cindy, a garota do banco de trás, diz ao

protagonista: “Sei que você quer. Vamos nos divertir um pouco. Sua mãe nunca lhe disse para experimentar coisas novas?”

O quadrinho seguinte mostra o protagonista Johnny tomando uma cerveja.

Então, nós os vemos voltando para casa e os olhos do motorista estão quase fechando, o que achei que quisesse dizer que ele estava bêbado.

Em seguida, vemos um *close* do rosto de Johnny, e o balão no alto de sua cabeça diz: “Eu o decepcionei, Jesus. Sexo. Bebida. Estou tão arrependido. Você pode me perdoar?”

Você não vai acreditar, mas o quadro seguinte mostra o carro batendo em uma árvore, e depois vemos o fantasma de Johnny subindo ao céu, que é quando descubro que ele morreu. Fiquei feliz porque ao menos os outros três adolescentes sobreviveram, mas não conseguia entender a moral da história.

O panfleto mostra um Johnny sóbrio no céu falando com Jesus, que tem uma barba típica de Jesus, um hábito branco e um halo na cabeça, mas, não sei por que, aquele Jesus me lembrou muito um jogador de beisebol. Tinha aquela aparência de atleta de beisebol profissional: barbado e cabelo despenteado, mas que ao mesmo tempo parecia cortado. Não parecia um caipira ou algo assim. Você entende o que eu quero dizer?

“Sinto muito tê-lo decepcionado, Jesus”, diz Johnny.

“Você pediu perdão e eu o perdoei, porque você é um cristão”, responde Jesus, o que eu achei muito legal da parte dele.

“Obrigado por ter poupado a vida de meus amigos”, diz Johnny.

Jesus fica com uma expressão muito triste, o que lhe permite saber que os amigos não sobreviveram, e eu quase parei de ler aí mesmo, porque tinha certeza de que sabia o tipo de besteira que estava por vir.

“Por que você não falou a meu respeito para os seus amigos antes de morrer?”, diz Jesus. “Você teve tantas oportunidades.”

“Meus amigos *morreram?*”, pergunta Johnny com uma terrível expressão no rosto.

O quadro seguinte mostra os outros três adolescentes gritando e levando as mãos aos rostos enquanto são engolidos por um mar de chamas.

“Eles poderiam estar aqui no céu agora, com você, Johnny, mas você não lhes falou a meu respeito”, disse Jesus.

Johnny coloca a cabeça entre as mãos e chora.

Então seguiam-se números de telefones e páginas da Internet aos quais você pode recorrer para entregar a sua vida a Jesus.

Meu deus!, pensei.

Era uma história maluca e eu estava muito confuso, então me aproximei de Lauren e disse:

— Eu não estou certo se entendi.

Um olhar ansioso e terrível floresceu no rosto dela, que disse:

— Você não quer ir para o inferno, quer?

Eu ia responder que não acreditava no inferno, mas estava determinado a beijar Lauren no estilo Bogie, então não quis dizer nada que pudesse encerrar nossa conversa. Eu já vira filmes do Bogie suficientes para saber que você tem de enfrentar a loucura em se tratando de mulheres bonitas, e mesmo com toda aquela conversa maluca, Lauren parecia mais atraente a cada vez que eu olhava para ela. Além disso, aquela era a mais longa conversa que eu já tivera com uma menina da minha idade, de modo que não queria estragar tudo.

Perguntei:

— Por que Johnny não foi para o inferno, já que ele teve relações sexuais e bebeu como os outros?

— Ele tinha Jesus no coração.

— O que você quer dizer com isso?

— Não importa o que faça, se você tiver Jesus no coração, você vai para o céu. O sangue de Jesus Cristo lava os nossos corações e os deixa limpos como a neve.

— Então, basta dizer as palavras mágicas?

— O quê?

— Se você disser “Jesus, entre no meu coração”, está garantido? Você vai para o céu? É isso?

— Precisa dizer isso com *sinceridade*.

— Como você pode saber que está sendo sincera?

— Você sabe em seu coração, e Deus também sabe. O que há dentro do *seu* coração? — Lauren apontou para o meu peito.

— Eu não sei — respondi, porque meu coração estava cheio de desejo.

Eu queria beijar Lauren como a garota beijou Johnny no carro. Eu queria “estacionar” com Lauren, no mau sentido. Era isso que o meu coração estava me dizendo.

— Você quer ir à minha igreja neste domingo? — perguntou Lauren.

— Você vai estar lá?

— Claro! Meu pai é pastor. Você pode se sentar comigo no banco da minha família, bem na frente!

Eu não queria ir a igreja nenhuma, mas sabia que isso ajudaria a minha causa, daí eu disse:

— Tudo bem, então.

Naquele domingo fui à igreja da Lauren, pela qual eu passara um milhão de vezes sem nem reparar ou pensar no que ela representava. Era uma construção de pedra de aparência medieval com um impressionante campanário, a clássica torre do sino, vitrais circulares, almofadas vermelhas nos bancos de madeira e tudo o mais.⁴⁵

Os homens lá dentro vestiam terno e eu tinha ido de *jeans* e suéter, o que me fez sentir deslocado, mas ninguém falou nada, e achei isso civilizado da parte dos fiéis.

Encontrei Lauren sentada na primeira fila com a mãe, que também era uma mulher estonteante, o que me deu grandes esperanças.⁴⁶

Mais pareciam irmãs do que mãe e filha, e eu me perguntei se o fato de acreditar em Jesus deixava as pessoas com uma aparência mais jovem. Mas, depois, pensei: se isso fosse mesmo verdade, Linda seria a maior fanática por Jesus, porque para parecer dez anos mais jovem ela seria capaz até de afogar um bebê em uma banheira.

O melhor da igreja eram os enormes tubos do órgão ao fundo, que subiam até o balcão e soavam tão alto que era quase possível ver o ar vibrando quando o organista tocava. Aquela música de órgão me fez sentir

como se eu tivesse viajado de volta no tempo, embora não saiba muito bem por quê.

Apenas para tornar as coisas mais interessantes, eu me imaginei um antropólogo enviado do futuro para observar como era a vida religiosa de nossa época.

Havia anúncios sobre várias atividades da igreja — como reuniões de grupos de estudos bíblicos nesse ou naquele horário, e jantares da igreja, e quais pessoas precisavam de ajuda, quem estava no hospital —, o que era bom, porque realmente fazia você sentir como se todos cuidassem uns dos outros naquele lugar, como se todos fizessem parte de uma gigantesca família.

Eu certamente conseguia ver o apelo disso, via sim.

Em seguida, todos cantaram alguns hinos — o que também foi legal, porque onde mais você pode ouvir algumas centenas de pessoas cantando juntas? — e o pai de Lauren pregou sobre humildade e resignação para que possamos melhor servir a Deus, o que eu realmente não entendi.

Se Deus existe e criou todo o Universo, como aquelas pessoas acreditavam, por que ele precisaria da nossa ajuda, ou mesmo do nosso louvor?

Por que ele precisaria de nós para servi-lo?

Será que Deus era todo-poderoso e emocionalmente carente?

Aquilo realmente não fez o menor sentido para mim e eu sabia que teria dificuldades para transmitir tal ideia aos meus superiores no futuro, quando eu — um antropólogo do futuro — tivesse de falar sobre as religiões antigas.

Houve mais cantoria agradável e, então, todos nós esperamos na fila para apertar a mão do pai da Lauren, porque ele era o líder daquela igreja.

Muitas pessoas puxam o saco do pastor — como se ele próprio fosse um deus — e demorou uma eternidade para a fila andar.

Quando chegamos à frente, o pastor Rose me deu um tapinha nas costas e disse:

— Você é o peixe que Lauren pescou esta semana?

Peixe?, pensei. Aquilo estava ficando ainda mais bizarro.

— Eu acho que sim — respondi, perguntando-me por que diabos ele estava usando uma toga de formatura.

— Venha ao meu escritório algum dia e falaremos sobre os aspectos mais específicos do cristianismo, certo?

— Eu prefiro falar com a Lauren — respondi, e ele me lançou um olhar que me indicou que aquela, definitivamente, era a resposta errada.

— Bem, quando você levar Jesus a sério, estarei aqui. Jovens como você precisam de mentores, e esse é trabalho para um homem, meu filho. Lauren é uma boa jovem cristã, sem dúvida. Mas ela o trouxe para nós por um motivo. Venha me ver, está bem?

Ele piscou para mim — juro, não estou de sacanagem — e em seguida apertou a mão da pessoa ao lado, então Lauren e eu fomos para o porão do ginásio, onde haviam armado mesas e cadeiras para o almoço e tudo cheirava a meias suadas e carne assada.

— Então, o que você achou? — perguntou Lauren em meio a pratos de plástico e copos descartáveis vermelhos.

A igreja tinha sido legal, creio. Gostei da parte da cantoria e do órgão. Mas, no todo, a coisa me pareceu meio boba. Eu era esperto o bastante para não dizer isso a Lauren. Em vez disso, entrei em modo Bogie e comentei:

— Você está muito bonita com essa roupa.

Era um vestido violeta, na altura do joelho, com alças finas. Ela era como uma planta exótica, daquelas que atraem insetos em suas armadilhas doces e pegajosas e depois os come. Quando a olhei, desejei ser comido.

— Obrigada — disse ela. — Então acha que quer entregar sua vida a Jesus?

Eu estava prestes a mentir quando um garoto louro e musculoso com cara de jogador de futebol se aproximou sorrateiramente por trás da Lauren e começou a massagear seus ombros.

— Oi, docinho — disse ele.

Docinho? Sério?

— Oi — respondeu Lauren de uma forma que percebi que ele não era apenas um antigo membro da igreja. Parecia o Johnny do panfleto, e era

bem diferente de mim. — Leonard, este é o meu namorado, Jackson. Jackson, este é o Leonard.

— Ouvi dizer que você está disposto a tornar Jesus Cristo seu Senhor e Salvador — Jackson falou para mim. — Definitivamente, esse é o caminho.

— Você gosta de “estacionar”? — perguntei, embora não saiba por quê. Provavelmente porque eu estava furioso e só queria sair dali. Eu me senti tão enganado por Lauren! Ser comido por ela era uma coisa, mas me apresentar ao namorado depois de ter me seduzido era totalmente inaceitável. Ela usou suas habilidades de *femme fatale* para me levar até sua igreja, como uma isca, mesmo já tendo um namorado com uma aparência muito mais normal que a minha, que sou um tipo completamente diferente. — Vocês dois “estacionam”?

— *Leonard!* — exclamou Lauren, porque ela sabia a que eu estava me referindo, embora tenha levado um segundo para entender.

— Do que você está falando? — perguntou Jackson com uma expressão confusa.

Eu olhei para o relógio na parede do ginásio. Lembro que era protegido por uma grade de metal para que as bolas de basquete não o esmagassem.⁴⁷

— Já são 12h45? — perguntei, e então comecei a mentir novamente, só que eram mentiras de fuga. A fantasia Bogie-Bacall fora temporariamente interrompida, e eu só queria sair daquela igreja. — Merda! Eu tenho que virar a minha avó na cama. Ela fica com escaras se eu não fizer isso a cada quatro horas. Meu avô cuida disso quando estou na escola, mas ele se recusa nos fins de semana. Diz: “Os fins de semana são meus”, o que parece mesquinho da parte dele até você saber que ele tem Alzheimer, então realmente não dá para culpá-lo. Muito bem. Lá vou eu.

Levantei-me, saí do ginásio, subi as escadas rumo à tarde.

Lauren me seguiu e continuou dizendo:

— Espere. Vamos conversar. O que está acontecendo aqui? Achei que você estivesse falando a sério sobre Jesus.

Eu me volvei e disse:

— Sou um ateu devoto. Não acredito no inferno, então nada disso me assusta. Eu realmente só queria “estacionar” com você, como os jovens do

panfleto que você me deu, porque eu acho que você é linda, como Lauren Bacall, e completamente diferente das meninas da minha escola. E eu meio que admirei você de pé na estação de trem, sozinha, entregando panfletos, tentando salvar as pessoas. Parecia tão interessante quando eu a conheci, e nunca havia conhecido alguém interessante desse jeito. Mas você não é assim na igreja, não há risco em ser cristão aqui, porque todo mundo é cristão também. Aqui você é apenas uma entre muitos, ao passo que na estação de trem você era única. E eu sou do tipo que gosta de pessoas únicas, e é assim que as coisas são, só isso. Então, estamos rompendo definitivamente. E eu não acredito que você tem um namorado tão parecido com o Johnny do panfleto. Jesus, você pode conseguir coisa melhor!

Lauren ficou parada, boquiaberta.

— Eu sou meio maluco. Geralmente fico sozinho — falei, porque ela começou a parecer confusa e eu estava começando a me sentir mal por ela novamente. Acho que eu só gostava dela quando estávamos sozinhos. — Às vezes, passo o dia inteiro seguindo adultos tristes e miseráveis nos trens, daí pensei que tínhamos em comum o fato de nos comportarmos estranhamente nas estações de trem e...

— Você está bem, Lauren? — perguntou Jackson, que agora massageava os ombros de Lauren outra vez, olhando feio para mim, como se quisesse me matar antes que eu pudesse aceitar Jesus Cristo em meu coração, para, na cabeça dele, eu acabar queimando em um mar de fogo.

— Ela está bem — respondi. — Estou indo embora. Problema resolvido.

E saí.

⁴³ O que notei primeiro foi que ela não se parecia em nada com as outras meninas de minha escola. Tinha cara de gato e uma aparência antiquada, como o tipo clássico de garotas que você vê nos filmes de Bogart. Mais sofisticadas. Misteriosas. Perigosas. *Femmes fatales*. daquelas que fazem você se arriscar a ser assassinado pelos inimigos dela apenas para acabar beijando-a no final, enquanto a trilha de instrumentos de corda aumenta de volume e ela está prestes a desmaiar. O tipo de garota por quem você perde a cabeça alegremente. Dava para ver que ela não era como a *femme fatale* com óculos de sol anos 70 que eu infelizmente segui na Filadélfia. Ela parecia menos maníaca, mais alegre, jovial, beijável.

⁴⁴ A situação é uma bobagem completa, porque a menina com quem ele está “estacionando” fica passando as mãos na parte interna de sua coxa e ele fica empurrando a mão dela. Jamais um adolescente tentaria afastar de sua virilha a mão de uma garota que ele acha atraente. Além disso, todo mundo sabe que Jesus bebeu vinho com os amigos, então por que ele se decepcionaria com alguém que bebe cerveja?

⁴⁵ Acreditem, essa foi a primeira vez que participei de uma cerimônia em uma igreja que não fosse um funeral.

⁴⁶ Mulheres bonitas tornam qualquer situação suportável.

⁴⁷ Estranho, aquilo que lembramos ou não.

VINTE E DOIS

Eu via Lauren na estação de trem de vez em quando, mas ela fingia não me conhecer, e eu também fingia não conhecê-la.

Isso durou um ano ou mais.

Então, certo dia, eu a vi no centro da cidade sendo assediada por um mendigo, que a seguia e gritava:

— Você me dá um sanduíche e acha que salvou o mundo? Não é assim que funciona! Acha que Deus mandou você para me dar dois pedaços de pão com queijo e uma fatia fina de mortadela com mostarda amarela-clara e barata e que isso vai compensar dez anos vivendo em uma caixa de papelão? É nisso que você quer que eu acredite? Deus me ama porque você me deu um sanduíche meia-boca? Eu sou um sem-teto... *não um maluco!*

O cara tinha os olhos selvagens e um cabelo grisalho, feito uma juba de leão, que fazia sua cabeça parecer um sol congelado ou algo assim.

— Sinto muito por tê-lo perturbado — disse Lauren.

— Isso não é o bastante — disse o vagabundo. — Tenho algumas coisas que você pode dizer ao seu deus na próxima vez que rezar em sua casa quentinha, com banheiro e uma geladeira cheia de comida que você jamais daria para mendigos como eu, porque custa caro pra caralho e, então, não é comida de mendigo. Aposto que você tem um cachorro que come melhor que eu.

— Desculpe — disse Lauren. — Desculpe.

Foi meio engraçado ver a Lauren ser verbalmente humilhada por um mendigo, e eu estava totalmente do lado do mendigo, mas ela parecia tão abalada que tive de intervir. Então fui até o homem e disse:

— Fui enviado até você pela Sociedade dos Ateus da América. Acreditamos no caos e na inexistência de deus, e quero congratulá-lo por ter posto esta cristã arrogante em seu devido lugar. Como recompensa, gostaríamos de lhe dar vinte dólares, que você poderá usar para comprar um sanduíche melhor ou qualquer coisa que queira comer. Sem compromisso.

O mendigo com cabelos cinzentos de leão olhou para mim como se eu fosse louco, mas pegou o dinheiro da minha mão e foi embora.

— Ele vai comprar bebida ou drogas, sabe — disse Lauren, o que me deixou triste, porque ela não conhecia o sujeito, muito menos sabia se ele tinha algum problema de dependência química.

— Acho que não nos conhecemos. Sou Leonard Peacock — falei, estendendo a mão com confiança, imprimindo ao gesto o charme do Bogie.

— Eu me lembro de quem você é — disse Lauren, ignorando a minha mão estendida, se fazendo novamente de difícil como Bacall. Ela parecia muito abalada, por isso eu não me ofendi. — Por que você acha que ele ficou tão irritado comigo?

Eu não estava disposto a listar todas as razões pelas quais ela merecera a surra verbal que levava do sem-teto, principalmente porque eu sabia que isso não ajudaria a minha causa, então mudei de assunto.

— De nada.

— O quê?

— Não há mais um mendigo seguindo você, gritando com você.

— Ah — disse ela. — Eu estava bem. Deus teria me protegido.

— Talvez deus tenha me enviado para protegê-la — argumentei, fazendo o papel de advogado do diabo.

— Talvez.

— *Deus disse que você deve tomar um café comigo agora?*

— Você quer tomar um café comigo? Por quê?

— Podemos falar mais sobre deus — respondi, dizendo o que ela queria ouvir.

— Aquilo que você falou para mim e para o Jackson na igreja — disse Lauren — foi muito *grosseiro*.

— Eu sei, eu sei. Sinto muito — falei, apenas para levá-la para tomar um café, porque seu rosto estava todo vermelho após ter sido perseguida, e ela parecia tão *femme fatale*, como se precisasse ser salva, que eu nem mesmo me importei com o fato de ela ter a palavra *armadilha* estampada em todo seu ser.

— Eu não vou “estacionar” com você — disse ela, de um modo realmente sério, o que me deixou deprimido.

Verdade seja dita, o tanto de Bogart que eu tinha em mim já estava se esgotando.

— As pessoas na sua igreja usam a palavra *estacionar* como um eufemismo para fazer sexo dentro de um carro? Os adolescentes realmente fazem sexo dentro de carros? Eu nem sequer dirijo.

— Se você só vai ficar debochando de mim por ir à igreja e acreditar em Deus, eu não quero tomar café com você, Sr. Ateu.

O fato de ela me chamar de Sr. Ateu realmente me frustrou, porque me pareceu uma barreira: como se as minhas crenças pessoais nos impedissem de ser amigos e, finalmente, de nos beijarmos. Era como se, mais uma vez, bastasse eu me expressar para alguém me rotular e me colocar em uma caixa. De repente, aquilo não me pareceu mais um jogo.

Consequências, diz Herr Silverman. Consequências.

Abandonei meu plano. Fiz um esforço real.

— Eu não vou debochar de você, está bem? Eu só quero entendê-la. Talvez possamos fazer uma troca? Talvez possamos falar de nossas crenças durante o café, sem tentar mudar um ao outro. O que você acha?

— Eu não vou beijar você.

— Você tem o Jackson para beijar, certo?

— Também nunca beijei o Jackson.

— Eu achava que ele era seu namorado.

— Estou me guardando para o meu marido.

— Está se guardando?

— Sim.

— Então, você não vai beijar ninguém antes de se casar?

— Não do modo como você está pensando. Um beijinho nos lábios ou nas bochechas não conta.

Confesso que, por algum motivo, o fato de ela nunca ter sido beijada era muito atraente para mim. Eu não sei exatamente por quê. Talvez eu me sentisse atraído pela inocência da Lauren. Talvez isso me fizesse lembrar de quem eu era antes de as coisas ruins acontecerem.

Eu disse:

— Você me deve uma xícara de café por tê-la salvado do sem-teto. Conheço um lugar dobrando aquela esquina. O que acha?

— Vamos falar sobre as nossas crenças religiosas. Como uma troca, certo?

— Certo.

Então fomos até a cafeteria que tinha uns sofás enormes com formas geométricas aleatórias, como triângulos, losangos e círculos. Era como estar em uma creche para bebês gigantes.

Nós nos sentamos e eu pedi um expresso duplo, porque achei que soaria muito sofisticado e legal e era a coisa mais Bogart que eu conseguiria pedir, já que não poderia pedir gim ou uísque. Lauren pediu um *mocha* de menta, o que de novo a fez parecer uma criança, e eu também gostava disso nela,⁴⁸ então chamei o garçom novamente e falei:

— Eu também vou querer um *mocha* de menta.

Lauren olhou ao redor e para o teto, como se estivesse examinando a maneira como tinha sido construído, certificando-se de que o telhado não cairia sobre as nossas cabeças, e então disse:

— Por que você está de terno?

— Faço isso às vezes, quando falto à escola para pesquisar.

— O que está pesquisando?

— Envelhecimento e a possibilidade de felicidade na vida adulta.

— Jesus pode fazer você feliz.

Eu ri e disse:

— Você conversa sobre alguma coisa além de Jesus?

Lauren sorriu.

— Então: por que você vem me ignorando há um ano?

— Eu não. *Você* é quem vem *me* ignorando.

— Eu não tenho ignorado você! Tento chamar a sua atenção sempre que o vejo na estação de trem, mas você passa depressa, sem nem olhar. Na verdade, fico muito magoada com o seu desprezo.

Notei que ela novamente estava fazendo aquela coisa de cara de gato, de *femme fatale*. Ela voltara ao modo armadilha.

— E o Jackson? — perguntei.

— O que tem ele?

— Aposto que ele não quer que você fale comigo.

— Ele ficará feliz se falarmos sobre Deus. Ele também acredita que devemos salvar a todos.

— Então por que ele não ajuda você a distribuir os panfletos sobre Jesus?

— Ele ajudava, mas está na faculdade agora. E não é mais meu namorado.

A novidade fez meu coração bater forte.

— É por isso que você está tomando café comigo hoje? Porque não tem mais namorado? — perguntei, esperando receber a resposta certa, mas o garçom voltou com os nossos *mochas* de menta.

Lauren bebeu o dela e exclamou:

— Hum!

Isso me fez sorrir. Bebi o meu e achei que tinha gosto de pastilha derretida de chocolate com menta.

— Talvez eu pudesse levar você para jantar algum dia, o que acha?

— Está me convidando para sair? — perguntou Lauren.

— Tudo bem, esqueça o que eu disse — falei porque ela franziu as sobrancelhas e seus olhos ficaram totalmente estreitados, e não do modo sensual com cara de gato de Bacall. — Talvez este aqui possa ser o nosso primeiro encontro, então não precisamos nos preocupar com a parte do pedir e aceitar. Podíamos simplesmente começar agora.

— Bem, eu só saio com meninos cristãos.

— Ah — eu disse. — Entendi.

Eu não fiquei tão desanimado com isso logo de cara porque me pareceu uma coisa muito boba, algo que poderíamos facilmente superar. Eu não sabia quanto o cristianismo dela era de fato limitador.

— Você quer falar sobre Jesus? — perguntou Lauren.

— Esse é o seu tema favorito, hein?

— É.

— Você não tem nenhum outro interesse?

— Claro. Mas precisamos superar esse obstáculo antes de passarmos para eles. E eu não quero desperdiçar seu tempo e nem o meu.

— Mas a sua religião não diz que *todo mundo* é importante? Quero dizer, aquele mendigo, obviamente, não acredita em Jesus e ainda assim você lhe deu um sanduíche.

— É, mas eu não quero *sair* com ele! — Lauren revirou os olhos para mim, toda charmosa e, em seguida, tomou um gole do *mocha* de menta.

Deus, eu a amei tanto naquele momento, principalmente porque ela tinha acabado de sugerir que pensaria em sair comigo — que eu sair com uma garota realmente era uma possibilidade.

— Só eu mesmo para me apaixonar por uma fanática por Jesus — declarei, e ri em seguida, para fazer parecer que eu estava apenas brincando.

— Você nem mesmo me conhece — disse ela.

— Mas gostaria de conhecer.

Ela suspirou e olhou pela janela.

Então nós meio que bebericamos os nossos *mochas* e observamos as pessoas passando lá fora por uns quinze minutos.

Depois disso, caminhamos juntos até a estação de trem e, em seguida, nos sentamos um ao lado do outro no trajeto de volta para Jersey. Nossos cotovelos cobertos pela roupa se tocavam e isso provocou em mim uma embaraçosa ereção, o que teria sido um problema se fosse verão e eu não tivesse um casaco para escondê-la.

Dava praticamente para dizer que ela também, querendo ou não, estava sentindo alguma coisa.

Quando descemos do trem, ela voltou a fazer a cara de gato de Bacall e disse:

— Foi bom tomar café com você. Talvez Deus transforme o seu coração e possamos continuar nossa conversa sobre Jesus. E então, quem sabe?

Ela disse isso de um modo realmente sedutor que deixou meu pênis ainda mais ereto. Minhas mãos estavam nos bolsos do casaco e eu segurava a estúpida ereção contra o abdome como uma catapulta carregada e engatilhada. Eu não conseguia dizer nada, nem que me pagassem, de modo que apenas balancei a cabeça.

— Rezarei por você — disse Lauren e, em seguida, acenou dobrando os dedos da mão direita três vezes, como se fosse uma criança.

Ela me deu as costas e se afastou.

Eu continuava pensando que ela estava tentando me enganar novamente, usando sua sexualidade como as professoras que flertam com você para controlá-lo; que ela não passava de uma armadilha. Mas eu precisava saber como seria beijá-la. Simplesmente precisava. Eu não queria voltar a fingir estar interessado em cristianismo, porque eu estava cansado de fingir para todo mundo na vida. Então decidi pensar muito sobre deus, já que isso era tudo que Lauren queria discutir. Formulei uma lista de perguntas e, três vezes por semana, eu lhe fazia uma nova pergunta na estação de trem.

Por que deus permitiu que acontecesse o Holocausto?

Se deus fez tudo, por que inventou o pecado para nos tentar e, em seguida, usar os nossos pecados contra nós?

Por que existem tantas religiões no mundo se deus criou o mundo e quer que sejamos cristãos?

Por que deus permite que as pessoas façam guerras em seu nome?

Se você nascesse em uma cultura diferente e nunca tivesse ouvido falar em Jesus Cristo, deus mandaria você para o inferno por não ser cristã? E, nesse caso, você acha isso justo?

Por que os homens sempre são os líderes na sua igreja? As mulheres não são capazes de liderar também? Um sistema tão patriarcal não é algo sexista no mundo atual?

Por que tantos bebês morrem?

Por que há tanta gente pobre no mundo?

Jesus visita outros planetas em universos distantes e desconhecidos?

Coisas assim.

Na vez seguinte que nos vimos era uma tarde quente de primavera e ela estava usando um short com bolsos nas laterais e eu não conseguia parar de olhar suas coxas cor de creme, que eram perfeitas. Em frente à estação de metrô, ela era só sorrisos e disse:

— OLÁ, LEONARD! Estive orando por você! Deus me concedeu uma paz especial a respeito de nossa amizade. Eu sei que deve ter um motivo.

Mas quanto mais perguntas eu fazia durante o verão, mais silenciosa e menos entusiasmada ela ficava, e menos eu gostava de observar as várias partes expostas de seu corpo.

Era como se ela achasse que eu a estava menosprezando com as minhas palavras, quando tudo o que eu realmente queria — além de olhar para seu corpo maravilhoso — era entendê-la e manter uma conversa honesta.

Infelizmente, Lauren nunca respondeu às minhas perguntas. Só citou versículos da Bíblia e repetiu coisas que o pai lhe dissera, mas eu tinha a sensação de que ela realmente não acreditava no que estava dizendo e que se agarrava àquelas respostas porque não tinha outras e, talvez, dar as respostas *erradas* fosse melhor do que não dar resposta *alguma*.

Eu realmente não sei, mas quanto mais perguntas eu fazia, mais ela me odiava — dava para ver —, o que era muito deprimente.⁴⁹ Lauren também começou a perceber que eu ficava olhando para ela, o que se tornou um tanto embaraçoso, especialmente quando ela começou a usar shorts mais compridos e muito largos, que estragavam a visão e me enviavam uma mensagem muito clara.

A última vez que a vi foi há cerca de uma semana. Quando eu me aproximei dela na estação de trem, Lauren franziu a testa e disse:

— Se você quer respostas para as suas perguntas, terá de falar com o meu pai. Ele diz que as suas perguntas são perigosas e devem ser respondidas por alguém mais velho.

Isso me deixou deprimido como o diabo.⁵⁰

— Ouça — disse eu, enquanto uma multidão de pessoas tristes com maletas em punho passava por nós em uma pressa deprimente e sem emoção. — Sem mais perguntas. Notei que você e eu talvez sejamos incompatíveis. Eu não vou mais atormentá-la, mas posso lhe pedir só um favor?

— Depende — respondeu ela, me olhando nos olhos de um modo que tanto poderia ser um flerte quanto um pedido para deixá-la em paz. Era difícil dizer. — O que você quer?

— Você vai continuar rezando por mim?

Seus olhos se arregalaram por um segundo, como se ela estivesse realmente animada por eu ter pedido aquilo, mas então se encolheram como duas pequenas ervilhas pretas e ela disse:

— Não deboche de mim, está bem?

— O quê?

— Depois de ouvir todas as suas perguntas estranhas e intermináveis, eu não creio que você realmente acredite em orações, Leonard. — Sua voz estava ríspida, e me fez lembrar de quando Linda “chegava ao fim da corda”⁵¹ comigo, como ela costumava dizer.

— Estou passando por coisas ruins sobre as quais não comentei com ninguém, e realmente ajudaria se eu soubesse que você está rezando por mim — falei. — Você pode até mentir se quiser, mas se disser que continuará rezando por mim, eu acho que serei capaz de superar esse mau momento, porque ao menos saberei que, à sua maneira, há uma pessoa torcendo comigo.

Lauren me olhou como se achasse que eu a estava enganando, mas então — sem fazer a cara de gato de *femme fatale* — disse:

— Tudo bem. Vou rezar por você. Todos os dias. E eu não minto. Nunca.

Eu sorri e me afastei rapidamente, antes que ela pudesse mudar de ideia ou dizer qualquer outra coisa que me convencesse de sua falsidade.

Pensar em Lauren rezando por mim todos os dias ajudou muito no começo; realmente ajudou.

Mas depois de alguns dias parou de funcionar — sei disso porque comecei novamente a sentir vontade de matar Asher Beal —, o que me fez pensar se ela interrompera as orações; e então, quando o meu desejo de matar aumentou, eu me convenci de vez que ela definitivamente parara de rezar por mim.

48 Era estranho eu querer que ela fosse uma figura sensual tipo Bacall e ao mesmo tempo querer que fosse infantil, porque essas características são praticamente opostas, de modo que ela não poderia ser as duas coisas simultaneamente.

49 Por que as pessoas só gostam quando você faz perguntas que elas já responderam um milhão de vezes e odeiam quando você as surpreende? Eu adoro perguntas que me deixam perplexo. Gosto muito de passar dias a fio pensando nas possíveis respostas. Será que as pessoas não gostam mais de pensar, ou eu é que sou simplesmente uma completa aberração?

50 Trocadilho religioso?

51 Pesquisei a origem da expressão “chegar ao fim da corda”. A Internet me disse que as pessoas costumavam dizer “chegar ao fim da guia”, referindo-se às guias de cavalos e cachorros. Então, eu imagino que esta frase supostamente evoque a imagem de um cachorro correndo atrás de um esquilo ou algo assim e então sendo subitamente puxado para trás pela coleira em seu pescoço. Chegou ao fim. Não pode ir mais longe. Então, imagino que estou fora do alcance de Linda agora. A guia dela é muito curta, como me disse diversas vezes. Eu me pergunto a que diabos Linda está encoleirada? A Nova York? À moda? A Jean-Luc? Dê o seu palpite. Lauren está encoleirada à religião.

VINTE E TRÊS

Exatamente como eu esperava, hoje depois da escola, ao chegar à estação de metrô da cidade, encontro Lauren distribuindo panfletos, ou melhor, estendendo panfletos para todo mundo que passa e não diz uma palavra para ela, nem mesmo lhe lança um olhar.

Eu me pergunto que tipo de propaganda maluca ela está vendendo hoje e quais imagens assustadoras aquilo contém — chamadas infernais, salvadores ensanguentados e todo tipo de sanguinolência cristã.

Não vim para mexer com a cabeça de Lauren ou discutir com ela sobre religião ou lógica, para pedir favores nem qualquer outra coisa do tipo.

Eu só vim dizer adeus.

Lauren cortou uma franja que aparece por baixo da boina de tricô da vovó que ela está usando. Uma pequena cortina loura protege a sua testa. A boina é tão sem graça e careta que me faz voltar a ter uma queda⁵² pela Lauren, mesmo ela tendo parado de rezar por mim.

É como se ela nem mesmo percebesse que está tão terrivelmente fora de moda. Ela não está usando aquilo de modo debochado, como algumas das meninas que pintam as unhas de preto na minha escola fariam. E Lauren também está usando um casaco branco que vai até os joelhos e, de longe, dá a impressão de que ela está vestindo uma túnica — como um anjo estereotipado que uma criança desenharia.

Meu deus, ela parece perfeita.

E ninguém além de mim está prestando atenção nela.

Enquanto estive olhando, diria que ao menos trinta pessoas passaram, ela estendeu o seu panfleto com mãos enluvadas para cada uma delas e, no entanto, ninguém chegou sequer a olhá-la.

Obviamente, ainda acho que a ideia de deus é bobagem, mas devo admitir que uma coisa que admiro em Lauren é que ela não está aqui porque quer ser certa ou justa ou fazer as pessoas se sentirem mal a respeito do que acreditam; ela realmente não está interessada em discutir com alguém ou coisa assim — e eu admito que talvez, subconscientemente, ela precise provar que as suas ideias são mais importantes do que as ideias dos outros, mas ela também realmente *teme* que todo mundo literalmente queime no inferno para todo o sempre, e não quer que isso aconteça com ninguém. É como se ela estivesse vivendo em um conto de fadas, tentando desesperadamente evitar que o lobo mau nos devore ou derrube as nossas casas com um sopro. Eu a amo por, ao menos, se importar com estranhos, por pelo menos tentar salvar as pessoas, mesmo que a ameaça que ela percebe não seja real.

Quando me aproximo, ela não me vê de primeira.

— Perdão, senhorita — digo, tentando imitar Bogart novamente. — Você seria capaz de me dizer como fazer para que Jesus Cristo seja meu Senhor e Salvador? Porque eu tenho...

— Pare de debochar de mim, por favor, Leonard — diz ela enquanto cinco homens de terno passam por sua mão estendida sem pegar nem um panfleto.

— Quantas pessoas você salvou hoje? — pergunto, apenas para puxar conversa.

— Por que não há nenhum cabelo saindo de debaixo desse chapéu? — ela pergunta, o que me faz sorrir, porque ela percebeu que eu o cortei.

— Andei brigando com a tesoura. Você tem rezado por mim, como disse que faria?

— Todos os dias — diz Lauren de uma forma que me faz acreditar.

É deprimente porque, se ela está dizendo a verdade, e considerando o que eu estou prestes a fazer, isso significa que, afinal de contas, rezar não funciona.

— Sabe, eu assisti a um programa na TV que falava que era possível que, há milhares de anos, alienígenas tenham vindo à Terra e dado aos seres humanos informações que ainda não estávamos prontos para

assimilar, tipo sobre viajar no espaço, e que talvez tenhamos criado a religião a partir dessas ideias, como metáforas para explicar o que os alienígenas nos disseram. Jesus subindo aos céus. Prometendo voltar outra vez. Isso soa como uma viagem espacial, certo?

— Por que você está me dizendo isso?

— Bem, eles sugeriram que rezar era uma forma de tentar se comunicar com esses alienígenas. E disseram que os índios usavam penas e os reis usavam coroas como se fossem um tipo de antena.

— Do que você está falando?

Só porque desejo fazer algo de bom antes de matar Asher Beal e me suicidar, eu digo:

— Bem, o importante é que eles continuaram a discutir a universalidade das orações em todo o mundo e chegaram a usar instrumentos científicos para medir a energia que muitas pessoas produzem quando estão rezando juntas, sugerindo que a oração pode ser detectada cientificamente, que ela realmente muda o nosso meio através da manipulação de elétrons ou algo assim, e que talvez até mesmo ajude, não importando se realmente estamos nos comunicando com alguém, seja um deus ou um alienígena, nem mesmo se estamos apenas meditando. Rezar ajuda, ou ao menos foi isso que o programa sugeriu. O poder da oração pode ser real.

— Mas *É* real — diz ela, começando a ficar vermelha. Ela parece realmente aborrecida. — Deus ouve todas as nossas orações. A oração é muito poderosa.

— Eu sei. Eu sei — digo, dando-me conta de que ela não tem ideia do que eu estou falando e, pior ainda, que não vai se permitir nem mesmo considerar o que estou dizendo, porque isso poderia arruinar as ilusões às quais ela precisa se apegar caso pretenda continuar com suas obrigatórias seis horas semanais de frustradas tentativas de converter passageiros do metrô ao cristianismo.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Lauren?

Ela não responde, mas consegue fazer uma mulher com cara de mãe pegar um panfleto. Lauren lhe diz “Jesus te ama”.

— Esqueça toda essa conversa sobre alienígenas, certo? O que eu realmente quero saber antes de ir e nunca mais voltar a vê-la é o seguinte...

— Para onde você vai?

Eu não quero contar para ela que vou matar Asher Beal e me suicidar em seguida, porque isso fará com que ela fique preocupada, achando que vou acabar indo para o inferno — que, para ela, é um lugar real —, por isso eu completo:

— Não sei por que eu disse isso. Só estou sendo estúpido, mas eu gostaria de lhe perguntar...

Ela diz “Jesus te ama” para outro estranho.

— Você acha que se eu fosse cristão, tipo, se talvez eu tivesse nascido em uma família como a sua, se estudasse em casa e fosse forçado a acreditar que...

— Eu não sou forçada a acreditar em nada. Eu acredito por vontade própria.

— Sim, sim, eu sei. Mas o que eu estou tentando dizer é que se eu fosse mais parecido com você, se eu acreditasse em deus como você acredita, você acha que talvez nós poderíamos ter namorado, nos casado, quem sabe ter filhos e viver felizes para sempre?

Ela me olha como se estivesse tentando se decidir, e então diz:

— Você pode ter esse tipo de vida se pedir a Deus. Se você entregar a sua vida a Deus, Ele o proverá de maneiras maravilhosas. Ele nos promete isso. Se Ele cuida dos pardais, não cuidará de nós?

Há um milhão de argumentos que eu poderia usar contra ela agora, porque nem todo mundo que acredita em deus consegue viver nos subúrbios e ter problemas de Primeiro Mundo, como diz Baback, e se acreditar em deus realmente pudesse resolver todos os meus problemas e me fazer sentir melhor, eu definitivamente faria isso agora mesmo — todo mundo faria, certo?

Mas eu não estou interessado em desbancar sua teologia agora. Eu estou muito mais interessado no fato de Lauren nunca ter sido beijada e que talvez eu possa morrer sem beijá-la.

— Apenas finja que eu sou cristão como você. Só como hipótese. Teoricamente. Poderíamos ter acabado nos casando e vivendo uma vida normal? Tipo em um universo alternativo?

— Por que você está me perguntando isso?

Ela parece muito confusa, como se pudesse realmente fugir correndo de mim, então eu mudo de assunto:

— Comprei um presente para você. — E começo a abrir a minha mochila.

— Por que comprou um presente para mim?

— Isso pode parecer estranho, mas eu sinto que deus me disse para comprar este presente para você. — Estou mentindo deslavadamente, mas consigo dizer isso com uma expressão de seriedade da velha escola hollywoodiana e posso ver que ela acredita, principalmente porque *quer* acreditar. — Ele falou comigo. Disse que você tem rezado muito. E assim, ele queria que eu lhe desse um sinal hoje.

Seus lábios se entreabrem ligeiramente. Ela nunca usa nenhum tipo de maquiagem, de modo que parece muito natural agora, o que eu adoro.

Sua respiração entra e sai de seu corpo como um ioiô da alma.

Eu lhe entrego a pequena caixa cor-de-rosa.

— Eu não sei se posso aceitar um presente seu, Leonard — diz ela, ao mesmo tempo em que olha para a caixa como se realmente quisesse saber o que há lá dentro.

— Vem de deus — digo. — Então está tudo bem.

Ela morde os lábios e, em seguida, tira as luvas e desembulha o presente, o que me faz ficar muito, muito, muito feliz.

Lauren abre a tampa da caixa e tira um cordão de prata com uma cruz pendurada.

— Eu sei o quanto você ama o cristianismo, então eu achei isso na Internet. É bem simples, para combinar com o seu estilo, mas...

Ela põe o cordão em volta do pescoço, ergue a cruz diante dos olhos e dá uma boa olhada antes de guardá-la dentro da camisa. Então sorri lindamente.

— Deus realmente lhe disse para me comprar isso?

— Claro — minto. — Estou realmente pensando em transformar a minha vida e evitar o inferno, entregando a minha existência para Jesus e tudo o mais. Eu só tenho de resolver algumas coisas primeiro, mas a sua dedicação, o fato de você vir aqui três vezes por semana, a força de sua fé, isso é incrível e realmente me conquistou.

Seus olhos ficam arregalados e dá para ver que realmente a estou fazendo ganhar o dia, como se ela estivesse à espera de algum tipo de sinal de deus, algum tipo de afirmação, e eu fosse o seu milagre, então continuo falando sobre ser um homem mudado, querer viver uma vida boa e passar a eternidade com ela no céu.

Por dentro eu começo a me sentir muito mal, pensando em como Lauren vai ficar desapontada quando assistir ao noticiário esta noite — quão terrível será para ela —, e me pergunto se a sua fé conseguirá vencer isso.

Eu acho que deus é apenas um conto de fadas, mas realmente estou começando a gostar do fato de Lauren ter fé.

Não sei por quê.

É estranho.

Uma contradição, talvez.

Ou talvez seja como desejar que as crianças acreditem em Papai Noel depois que alguém já estragou essa surpresa para você, ou depois que você mesmo descobriu que seus pais eram o Papai Noel e a magia do Natal se evaporou instantaneamente. Mas a ideia de que destruirei a sua fé enganando-a e, em seguida, me matando realmente começa a me deprimir, de modo que não consigo continuar mentindo.

— A vida pode ser muito difícil, você sabe. É difícil acreditar em deus às vezes, mas estou tentando, por você, e, talvez, por mim também — digo, e então começo a chorar.

Eu não sei por quê. Cara, eu berro e berro.

Ela me abraça e eu me agarro a ela, choro em seu pescoço que cheira a extrato de baunilha assando dentro de biscoitos — é maravilhoso pra cacete!

Os homens tristes de terno passam por nós com suas pastas, mas ninguém parece nos notar enquanto eu a abraço.

— Deus opera de formas misteriosas — diz ela, e me acaricia as costas, toda maternal. — Este mundo é um teste. É difícil. Mas eu continuarei a rezar por você. Podemos orar juntos. Você poderia vir à igreja comigo. Isso o ajudaria. Meu pai também vai ajudá-lo.

Ela está dizendo todas essas coisas realmente agradáveis, tentando me consolar da única maneira que sabe, e gosto tanto de estar recebendo a atenção de alguém que começo a beijar o seu pescoço e, em seguida, a sua boca. Nossas línguas se tocam, e ela corresponde ao meu beijo e, por uma fração de segundo...

Sua boca é tão quente
e úmida, com gosto de hortelã
por causa do chiclete que ela
está mascando e meu
coração pulsa lanças de
adrenalina através
de minhas veias, o que é
empolgante,
animalesco e
primitivo, mas talvez não
exatamente o que eu estava
esperando, porque eu
pensei que beijar
Lauren seria como
os beijos épicos dos
filmes do Bogie, como se a
seção de cordas
aumentasse o volume e eu tivesse
aquela sensação estonteante
que Baback tocando
produz em mim, e Lauren
faria uma pausa para me olhar

e dizer: “Gostei
disso. Quero mais”,
assim como diz Bacall —
naquela voz
infame e rouca —
para Bogie em *À Beira do
Abismo*, e quando eu
beijasse de novo
seus lábios brilhantes
e cinzentos como um navio
de guerra,
ela diria:
“Está ainda melhor”,
mas, em vez disso,
sinto apenas
a ânsia suada e quente de
corpos se misturando
quando talvez
não devessem estar
se misturando — e ela
tenta me afastar,
mas a paixão me obriga
a segurá-la com força,
mesmo desejando
soltá-la, mesmo que eu
realmente devesse
SOLTÁ-LA!, então ela
afasta o rosto da minha boca
e grita “Pare!” em um guincho
estridente — que é
a completa antítese da
voz quente e sensual
de Bacall —, e

quando eu continuo beijando
sua bochecha e sua orelha, ela
bate no meu queixo com
a palma da mão,
trazendo meu cérebro de volta
à realidade e
derrubando o meu
chapéu de Bogart.

Eu cambaleio para trás e, em seguida, pego o chapéu.

A onda de calor se congela num pesado caroço no meu peito e de repente eu me sinto tão, tão mal — como se precisasse vomitar.

— Algum problema por aqui? — pergunta um segurança particular do metrô que aparece magicamente. Ele tem um bigode ralo que o faz parecer ter uns doze anos de idade. Sua aparência é hilária naquele uniforme oficial com o pequeno distintivo de prata. Quase bonitinho. Como um garoto vestindo uma fantasia de Halloween.

— Estou apenas entregando uma mensagem de deus — respondo, pondo o chapéu de volta na cabeça.

Estou representando outra vez, reprimindo meus verdadeiros sentimentos; estou ciente disso, mas não consigo evitar.

Lauren olha para mim como se talvez eu fosse um demônio do inferno ou o Anticristo, e pergunta:

— Por que fez isso?

— O que você fez com ela? — indaga o segurança particular, tentando parecer oficial e durão.

— Dei para ela uma cruz em uma corrente de prata e tentei dizer que eu a amo; *eu te amo, Lauren, eu realmente te amo*; então eu a beijei apaixonadamente.

Ela me olha com a cabeça inclinada, lábios entreabertos e úmidos.

Está muito confusa.

Também estou meio confuso, porque não me sinto mais atraído por Lauren e o beijo foi um fracasso espetacular.

Dá para ver que, em algum lugar bem no fundo, ela gostou do beijo, porque é natural que meninas adolescentes gostem de beijar, mas ela se sente em conflito, como se não devesse gostar, como se devesse negar os seus instintos, como se o aprendizado religioso a proibisse, e isso é o que realmente a está consumindo por dentro.

Talvez seja assim que os estupradores justifiquem as suas ações.

Talvez eu seja um monstro agora.

Porque eu posso ver o processo mental ocorrendo. Está escrito no rosto dela.

Sim.

Não.

Sim.

Não.

Sim.

Não.

Não.

Não.

Não.

Eu não posso.

Realmente não posso.

Realmente, verdadeiramente, absolutamente não posso.

Por que você fez isso comigo?

Por que você me fez sentir desse jeito?

Por quê?!?

Lauren diz:

— Preciso ir — antes de deixar cair a pilha de panfletos religiosos e fugir.

Eu me odeio.

Ela foge, literalmente.

Eu me odeio pra caralho.

E eu não tenho coragem de persegui-la, principalmente porque usei toda a coragem e força que tinha apenas para beijá-la.

Há uma parte de mim que quer acreditar que o beijo foi maravilhoso.

Um perfeito beijo Bogie-Bacall em preto e branco.

Mesmo que não tenha sido.

Meu pai costumava dizer que o último drinque do dia, quando o trabalho e os pensamentos terminaram e você está prestes a se render à inconsciência, é sempre o melhor, independentemente do gosto que tenha.

Talvez Lauren seja o meu último drinque do dia.

Os panfletos se espalham na calçada de concreto como folhas mortas na brisa.

— Seria bom melhorar as suas cantadas, Romeu — diz o segurança. — Agora, mexa-se.

— Tá, tá — digo e bato continência para o rapaz, meu corpo rígido e ereto, levando a mão esticada até a altura das sobrancelhas. — Está fazendo um bom trabalho mantendo as pessoas com armas de fogo longe do metrô. Você realmente é um policial fantástico.

Ele olha para mim e leva a mão ao cassetete de sessenta centímetros que traz preso ao cinto, provavelmente porque não deixariam uma criança portar uma arma. Ele faz uma careta malvada, como se me espancar até a morte realmente pudesse deixá-lo muito feliz. O segurança de fato me intimida um pouco, o que é irônico, uma vez que vou me matar. Mas eu ainda não atirei em Asher Beal, e ser morto por um segurança provavelmente seria ainda pior do que ser morto por superidiotas.

— Estou indo embora — digo, e ele me deixa ir porque é a coisa mais fácil a fazer.

Ele provavelmente ganha o quê? Onze dólares e cinquenta centavos por hora?

Os seguranças não estão dispostos a levar uma bala no cumprimento do dever por esse salário. Quem estaria?

Enquanto me afasto, minha mochila parece mais leve.

Entreguei todos os presentes, portanto, finalmente chegou a hora de matar Asher Beal.

Vamos começar essa festa de aniversário!

Estou prontíssimo para acabar com a minha vida.

Será maravilhoso finalmente terminar com tudo.

Este será o melhor presente de aniversário de todos, eu tenho certeza disso.

⁵² Sei que é estranho desejar algo sem graça e careta, mas eu gosto do fato de Lauren ser totalmente diferente das garotas da minha escola. Ela é de uma beleza ímpar. Ela também parece precisar ser resgatada. Como se estivesse sozinha, por conta própria. Tão patética. Talvez a única pessoa mais patética do que eu.

VINTE E QUATRO

Eu abro meu presente de aniversário no bosque que fica atrás da casa de Asher Beal — sinto o frio e o peso familiar da P-38 em minha mão — e depois espero meu alvo⁵³ voltar para casa.

Venho fazendo o reconhecimento há algumas semanas, de modo que sei que, nas quintas-feiras, meu alvo chega em casa perto de 17h43, após a aula de luta livre e, em seguida, geralmente fica em seu quarto no primeiro andar durante uma hora antes do jantar.

Em geral o alvo navega na Internet enquanto espera a hora de comer, momento em que se reacomoda na cozinha.

O brilho da tela do laptop ilumina o rosto do alvo e o faz parecer um extraterrestre, um demônio ou um peixe em um aquário iluminado, e observar a expressão morta do alvo iluminada pela tela também facilita matá-lo — a iluminação esquisita realmente desumaniza o alvo.

Pratiquei atirar em meu alvo a partir da linha das árvores, usando a mão como uma arma.

Hoje, porém, rastejarei até a sua janela, atirarei no alvo à queima-roupa através da vidraça, enfiarei o braço por entre os estilhaços irregulares de vidro quebrado e dispararei mais seis vezes — alternando tiros na cabeça e no peito — para garantir que o alvo seja eliminado, e então fugirei para o bosque, onde atirarei em meu segundo alvo com a última bala do pente, antes que os policiais e, talvez, até mesmo o FBI cheguem.

Esse é o meu plano.

Tudo o que tenho de fazer é esperar o alvo acender a luz do quarto, o que será o primeiro dominó a cair para acionar a sequência de eventos.

⁵³ Li na Internet que os militares dos Estados Unidos empregam eufemismos para tornar mais fácil matar pessoas. Os militares atiram em “alvos”, não em pessoas, e explodem “alvos”, e não edifícios repletos de mulheres e crianças. Então, usarei um pouco dessa sabedoria aqui. Atirarei em um “alvo”, e não em um ex-amigo e atual colega de escola. Você pode pensar que usar esse eufemismo é bobo, mas ficaria surpreso em saber o quanto ajuda a acalmar os nervos e aliviar a consciência. Realmente funciona.

VINTE E CINCO

Está frio e
escuro no
bosque e eu
me pergunto se
é assim que será
quando eu estiver
finalmente morto —
como uma
estúpida, insensível
e anônima
árvore.

Espero não sentir nada.

O supernada.

Espero simplesmente deixar de existir.

Quais sonhos virão?

Hamlet e

Lauren poderiam

perguntar.⁵⁴

Nenhum, aposto.

Nenhum.

O fogo do inferno não está nos planos.

O céu não está
nos planos.

Frio e escuro não estão nos planos.

Supernada.

É isso o que quero.

Nada.⁵⁵

⁵⁴ Por motivos completamente diferentes.

⁵⁵ “A vida não passa de uma sombra que caminha, um pobre ator que se pavoneia e se aflige sobre o palco — faz isso por uma hora e, depois, não se escuta mais sua voz. É uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria e vazia de significado.” Isso é Shakespeare sobre o tipo de nada que eu NÃO quero. Recolhi esta pérola de sabedoria sobre a afirmação antívida na aula de inglês do ano passado, quando tive de memorizar o solilóquio de Macbeth. A escola pode ser uma verdadeira injeção de lítio, vou lhes dizer. É incrível a quantidade de merdas pessimistas que nos obrigam a decorar e, em seguida, guardar para o resto da vida.

VINTE E SEIS

Fiquei observando a mãe do alvo emoldurada pela janela da cozinha, a suave luz do teto fazendo com que ela parecesse estar em um filme e como se a janela da cozinha se parecesse com uma tela de cinema *drive-in*.

Decido chamar o filme de *A Sra. Beal Prepara a Última Refeição de Seu Filho Pervertido*.

É uma imagem entediante no sentido literal, mas evoca uma série de emoções dentro de mim, por motivos pessoais.

Eu me lembro de que a Sra. Beal realmente era idiota⁵⁶, embora superficialmente gentil quando éramos crianças.

Ela sempre pedia uma pizza quando eu estava em sua casa, estivéssemos ou não com fome. Sempre havia pizza. A pizza era onipresente. Era como se fosse uma regra oficial: quando há convidados menores de quatorze anos, deve haver pizza. Imediatamente.

Ela também sempre cantava canções do musical *Cats*. Tantas vezes que eu posso citar as letras de muitas músicas, embora eu nunca tenha visto a peça, nem ouvido uma gravação do musical.⁵⁷

“Memory” era a sua favorita.

Embora ela também gostasse de “Mr. Mistoffelees”, que aparentemente era inteligente.

É engraçado como estou me lembrando de tudo isso agora, quando estou tentando usar eufemismos militares, e isso me deixa triste, porque a Sra. Beal não tem ideia do favor meio Charles Darwin que eu farei ao matar o seu filho, principalmente porque ela não tem ideia de quem é o seu filho — o que ele fez e do que ele é capaz.

Nem em um milhão de anos ela acreditaria no que seu filho me fez suportar.

Ela não acreditaria porque, caso acreditasse, eu não creio que estivesse disposta a cantar canções bobas de musicais ao fazer as tarefas domésticas, que é o que ela mais gosta de fazer na vida, ou ao menos era, quando eu costumava andar com Asher durante o ensino médio.⁵⁸

Tento não pensar nela ouvindo os tiros, correndo até o quarto do filho, gritando, talvez até embalando a cabeça de Asher encharcada de sangue em seus braços, tentando colocar o seu cérebro de volta dentro do crânio,⁵⁹ e seu choro interminável por um menino fictício que nunca existiu — o filho que ela nunca teve —, porque ela acredita que Asher seja um anjo perfeito.

Ela nunca notou que ele mudou, ou, se notou, optou por não acreditar, o que a torna tão culpada quanto ele.

Quer dizer, não me interpretem mal, eu jamais conseguiria dar um tiro na cara da Sra. Beal, porque ela está sempre cantando canções de *Cats* e nunca me ofendeu pessoalmente.

Mas quando você realmente pensa a respeito, percebe que ela é tão culpada quanto Linda — e meu pai, também, independentemente de ele ainda estar vivo na Venezuela ou não.

Essas pessoas que chamamos de mamãe e papai nos trazem para o mundo e, em seguida, não nos acompanham em nossas necessidades ou não nos dão qualquer resposta. No fim das contas, é cada um por si, e eu simplesmente não fui feito para levar esse tipo de vida.

Pensar em tudo isso me faz sentir muito deprimido, e eu estou tremendo agora.

— Vamos lá, Alvo Asher. *Pronto ou não, lá vou eu!* Venha para casa para que eu possa terminar isto de uma vez por todas — sussurro enquanto assisto à grisalha Sra. Beal tirar um pequeno frango do forno.

A janela enorme a emoldura perfeitamente enquanto ela corta a carne e move os lábios.

Ela está cantando outra vez.⁶⁰

⁵⁶ Talvez uma palavra melhor seja *alheia*. Ela era mentalmente ausente de uma forma que talvez pudesse ser entendida como iluminada ou transcendente para o olhar distraído, mas, na verdade, ela realmente tem esse mecanismo de defesa do tipo olhos cegos e cabeça nas nuvens, que talvez tenham estimulado a sensação de superioridade de Asher e seu total desrespeito em relação ao bem-estar alheio — mesmo com o de seu melhor amigo na época. Como quando estávamos em um daqueles restaurantes do estilo do T.G.I. Friday e Asher continuava a derramar refrigerante no enorme vaso de barro de uma palmeira perto de nossa mesa e então erguia o copo exigindo infinitos refis da garçonete, gritando “Mais refrigerante” no restaurante. E embora a Sra. Beal o tenha visto derramar o refrigerante na palmeira — todos no restaurante estavam vendo, eu sei disso porque as pessoas balançavam a cabeça quando terminamos a nossa refeição —, a mãe de Asher não o mandou parar e nem mesmo tomou conhecimento do que ele estava fazendo. Ela apenas o deixou abusar da garçonete, que era jovem e estava muito ocupada (e talvez fosse muito idiota) para discutir ou fazer qualquer coisa além de trazer infinitas Coca-Colas para Asher. Ele parecia se deleitar em abusar da garçonete. Ele sorria como um reizinho, e eu o odiei naquele dia mais do que costumava odiá-lo no ensino médio. Quando ele ficou mau, ele realmente ficou mau. Era como se algo dentro dele tivesse quebrado e nunca mais pudesse ser consertado. Ele não era assim quando estávamos na escola fundamental, antes daquilo que aconteceu começar a mudar tudo.

⁵⁷ Além das que eu já ouvi em elevadores.

⁵⁸ É curioso como, ao mesmo tempo, eu adoro e odeio o fato de a Sra. Beal cantar, aparentemente alheia ao restante do mundo.

⁵⁹ O que talvez encerre a sua cantoria para sempre.

⁶⁰ Pode parecer estranho, mas ver a Sra. Beal cantar me faz lembrar da exposição sobre *Um conto de Natal*, de Dickens, que exibem na cidade todo dezembro. Você passeia pela Inglaterra Vitoriana olhando através das janelas de casas em miniatura em ruas de seixos falsos iluminadas por lampiões de gás — e eu tenho certeza de que as pequenas pessoas de madeira cantam em algum momento — enquanto você segue os três fantasmas dos Natais do Passado, Presente e Futuro através da vida do miserável e avaro Scrooge até ele transformar o seu coração e tudo se tornar Feliz Natal, perus enormes e Deus abençoe a todos. Meu pai me levou à Cidade de Dickens certa vez quando eu estava quase terminando o ensino fundamental e, portanto, já era muito velho para tais eventos de papai e filhinho. Ele estava bêbado demais para perceber que todas as outras crianças tinham menos de um metro e vinte de altura. Ele também estava bêbado demais para notar que estava cambaleando, com olhos cansados e todos estavam olhando para ele. Ironicamente, meu pai adorava o Natal. O desgraçado sempre ficava sentimental, o que o forçava a tomar mais drogas e a beber mais — duas de suas atividades favoritas.

VINTE E SETE

Há uma parte de mim, bem lá no fundo, que sente a necessidade de fazer uma confissão agora, especialmente antes de eu continuar com meu plano e, portanto, nunca mais ser capaz de fazer qualquer tipo de declaração.

Poucos meses depois do show do Green Day, Asher passou o fim de semana com seu tio Dan, pescando em algum lugar no interior da Pensilvânia — acho que foram para Poconos. Ele adorava o tio Dan, que era alto e confiante, engraçado, tinha uma caminhonete legal e sempre levava Asher a vários lugares — como o cinema, corridas de carro, e até mesmo para caçar. Tio Dan parecia ser o tipo de tio que toda criança quer ter. Lembro-me de ter gostado dele imediatamente ao conhecê-lo. Ele realmente parecia um sujeito bacana, o que piora tudo.⁶¹

Contudo, quando Asher voltou dessa pescaria em particular, algo não estava certo.

Havia um trabalho escolar sobre civilizações antigas e nós tínhamos escolhido os incas. Estávamos dando os retoques finais em uma Machu Picchu em miniatura em sua casa na noite de domingo, pouco depois de ele ter voltado da pescaria com o tio Dan. Eu me lembro de que Asher não me olhava nos olhos e continuava a responder “Nada!”, bem alto, toda vez que eu perguntava se havia algo errado. Afinal, ele disse: “Se você me perguntar o que há de errado mais uma vez, eu vou enchê-lo de porrada.” Ele olhou para mim, como se quisesse me matar e fosse capaz de fazê-lo.

Eu não disse mais nada enquanto terminávamos de montar a nossa Machu Picchu. Construímos o esqueleto com LEGOs, usamos grama de verdade, e vínhamos fazendo pequenos edifícios cúbicos de papel machê havia semanas. Pelo que me lembro, o projeto ficou magnífico. Eu nunca

fizera algo tão bonito antes, nem depois. E Asher estava realmente orgulhoso da maquete, bem na semana anterior — estava animado mesmo. Contudo, assim que eu dei a demão final de tinta na última estrutura, Asher começou a esmagar o trabalho com os punhos.

— O que você está fazendo? — gritei, porque passamos *semanas* fazendo aquilo.

Ele continuou socando e amassando, baixando os punhos de cima para baixo como um cruel menino deus.

Foi horrível assistir àquilo, não só porque ele estava arruinando todo o nosso trabalho, mas porque eu podia ver claramente que ele estava ficando arrasado.

Tentei agarrá-lo e ele me deu um soco forte no rosto — o que me deixou com um olho roxo.

Então ele simplesmente começou a chorar de um jeito realmente violento.

Sua mãe chegou e viu o que estava acontecendo. Ela disse:

— O que aconteceu?

Eu fiquei ali, boquiaberto, enquanto ela tentava abraçá-lo, mas Asher apenas passou correndo por ela e foi para o seu quarto.

Nunca me senti tão confuso.

Também não consegui explicar para os meus pais o que tinha acontecido, porque eu não fazia ideia.

Você deve pensar que eles telefonaram para a Sra. Beal e fizeram um bando de perguntas, mas eu não creio que tenham agido assim, e eu me lembro de meu pai dizendo:

— Meninos dessa idade brigam. Faz parte do crescimento.

Linda estava mais preocupada com a terrível aparência de meu olho roxo do que com o motivo de Asher ter pirado.

Asher não foi à escola durante alguns dias, e então simplesmente apareceu na minha casa certo fim de tarde e disse:

— Podemos conversar?

— Claro — respondi.

Meu pai e Linda não estavam em casa. Subimos para o meu quarto e ele começou a caminhar a esmo, como um animal enjaulado. Eu nunca o vira se mover daquele jeito antes.

— Desculpe por eu ter destruído o nosso trabalho — disse ele.

— Está tudo bem.

Eu realmente não estava me importando por irmos mal na escola ou algo assim, mas o que ele fizera comigo definitivamente não estava certo, e eu sabia disso.

Por que eu disse que estava tudo bem?

Deveria ter dito: “Por que diabos você me deu um soco? Que porra está acontecendo com você?” Mas não disse.

Quem dera eu tivesse dito.

Talvez, se eu tivesse ficado com raiva...

— Aconteceu uma coisa na viagem de pesca — disse ele.

Ele olhou para mim de um modo estranho.

Parecia tão desesperado.

Mas então ele rompeu o contato visual e disse:

— Deixa para lá. Preciso ir. — E saiu do meu quarto.

Eu estava tão confuso que o deixei ir embora sem dizer uma palavra. Agora eu sei que deveria tê-lo seguido, perguntado outra vez o que havia de errado, prometido ajudá-lo, ou, ao menos, eu deveria ter dito a alguém que Asher estava agindo de modo estranho, mas eu estava com medo daquele olhar desesperado. Eu não queria que Asher me batesse de novo — e eu era apenas um garoto.

Como eu deveria saber como agir?

No dia seguinte, Asher voltou para a escola e realmente parecia estar bem. Durante algum tempo, tudo pareceu voltar ao normal. Nosso professor chegou a nos deixar refazer a maquete de Machu Picchu em troca de três quartos da nota, e fizemos o projeto na metade do tempo que levamos para construir o original.

Mas, então, Asher começou a arranjar brigas com os garotos que eram pequenos e mais quietos na escola.

Começou a debochar de mim nos intervalos dizendo coisas estranhas, tipo que ele me pegou me masturbando com uma foto da mãe dele, ou que tentei segurar o pau dele no vestiário, e ele estava sempre tentando me empurrar nos corredores e me enfiar dentro de armários.

Eu não gostava nem um pouco disso, mas não disse nada.

Por quê?

Eu deveria ter dito alguma coisa, não apenas em minha defesa, mas porque eu creio que Asher queria que eu o salvasse.

Como se talvez quisesse que eu parasse com aquilo e, em algum nível subconsciente, me obrigando a ficar com tanta raiva que eu finalmente dissesse para os adultos em nossas vidas que ele precisava de ajuda. Eu me pergunto agora se tudo o que aconteceu depois — o assédio moral e, em seguida, as merdas realmente ruins — era a sua maneira de me punir por não tê-lo protegido.

Quando finalmente decidi me defender — quando ele parou comigo — eu soube que haveria outros.

E se eu tivesse tido o poder de salvar nós dois — *todos nós?* — esse tempo todo?

Preciso fazer algo que já deveria ter feito.

Preciso fazer com que isso pare permanentemente.

61 Por que os sujeitos bacanas quase sempre nos decepcionam assim que começamos a acreditar neles? Seria uma regra universal ou algo assim? Que porra é essa?

VINTE E OITO

Meu alvo de repente faz uma ponta em *Sra. Beal Prepara a Última Refeição de Seu Filho Perverso*. Lá está ele na janela da cozinha, que parece a tela de um *drive-in*.

Eu começo a suar.

Alvo colateral inimigo conhecido como “a mãe de Asher” dá um beijo na face do alvo principal.

Alvo principal diz algo antes de desaparecer.

Alvo principal se parece com todo e qualquer rapaz da casa ao lado de um filme americano, o garoto que você escolheria para levar sua filha ao baile. A farsa do filho obediente que vejo naquela tela de *drive-in* faz o coração bombear sangue por minhas veias como uma metralhadora enquanto eu destravo a P-38 com o polegar e levo o indicador ao gatilho.⁶²

Cada centímetro de minha pele está coberto de suor, embora esteja fazendo menos de quatro graus aqui fora. Um minuto atrás, eu estava tremendo, mas agora luto contra o impulso de tirar a camisa — de tanto calor que sinto. É como se eu tivesse engolido o sol.

A luz do quarto do alvo principal se acende um segundo mais tarde, o que, supostamente, deveria ser a deixa para eu me mover e seguir com o plano, mas meus pés permanecem enraizados no chão.

O alvo principal liga o computador e seu rosto brilha como o de um alienígena.

Mate o alienígena, penso.

Lembre-se do que ele fez com você.

Você tem todo o direito.

Ele não é humano.

Ele é uma coisa.

Um alvo.

Lembre-se de usar o seu treinamento militar, aquele que você aprendeu na Internet.

Abandono meu corpo e minha essência se ergue a uns cinco metros acima de minha cabeça, de modo que estou olhando para a carne, os ossos, o sangue — a matéria — que eu costumava habitar.

Não consigo ver a minha expressão por causa do chapéu de Bogart, mas meu braço direito está estendido e a P-38, apontada para o alvo principal.

Minhas pernas não se movem, mas eu começo a deslizar pelo quintal, em meio à escuridão, leve como um fantasma.

Eu pareço um *r* minúsculo e rígido sendo puxado sobre o gelo.

O que está me puxando?, eu me pergunto enquantoairo através do frio ar invernal olhando para baixo, que é quando eu percebo que a minha essência também está sendo puxada — como se estivesse seguindo meu corpo como um balão de aniversário cheio de hélio amarrado ao pulso de uma criança.⁶³

Estou de pé junto à janela do alvo agora, lembrando o que ele fez comigo naquele mesmo quarto tantas vezes.

Como eu me senti confuso.

Como eu desejei que ele parasse.

Como ele me intimidou.

Como ele me enganou psicologicamente.

Como ele disse que, caso eu parasse de fazer o que estávamos fazendo, ele contaria detalhadamente tudo o que tínhamos feito juntos e, em seguida, todos me chamariam de bicha e talvez até mesmo me enchessem de porrada.

As pessoas acreditariam nele e não em mim, quando ele dissesse que *eu* o obrigara a fazer aquilo.

E se eu parasse de fazer o que ele queria, ele postaria o vídeo que fizera secretamente de nós com a câmera de seu computador, que eu não sabia que estava ligado.

Na primeira vez, ele me disse que seu tio lhe mostrara um modo de se sentir bem de uma forma que eu não acreditaria.

Eu queria me sentir bem.

Quem não quer?

Tínhamos quase doze anos.

Estávamos lutando luta livre.

Apenas brincando.

Eu tinha uma máscara de esqui, que usava fingindo ser Rey Mysterio.

Ele sempre era John Cena.

E então nós não estávamos mais lutando.

Estávamos fazendo algo que não entendi — algo excitante e perigoso.

Algo para o que eu não estava preparado — algo que eu realmente não queria fazer.

Nós estávamos fingindo — ou não estávamos?

Então Asher passou a querer lutar o tempo todo.

Comecei a fazer perguntas, tentando descobrir o que estava acontecendo.

Asher me disse para não fazer perguntas — para manter o que aconteceu entre nós e não pensar muito a respeito — e ele parecia malvado ao dizer aquilo, como alguém que eu não conhecia, não como um amigo.

Quanto mais aquilo acontecia, menos amigável ele se tornava.

Aquilo durou dois anos.

Eu não queria perder meu amigo.

Você já fez coisas que não quis fazer apenas para manter um amigo?

Tentei evitar o quarto de Asher — estar a sós com Asher, ponto —, mas ele era persistente, sempre me pedindo para lutar, o que se tornou a palavra-código.

Então eu comecei a inventar desculpas, dizendo para Asher que eu não podia sair porque tinha lição de casa, ou que minha mãe me pusera de castigo, ou o que fosse. Ele logo percebeu, e foi quando começou a me ameaçar.

Tudo terminou em uma briga — Asher me enchendo de porrada porque eu me recusei a “continuar lutando”.

Ele sempre foi mais forte, maior.

Eu não me importava com o espancamento.

E o fato de não me importar me libertou.

Quando deixei claro que ele precisaria me deixar com os olhos roxos regularmente — ferimentos que levariam as pessoas a fazerem um monte de perguntas —, ele parou.

Talvez tenha sido quando me tornei um homem.

Quando os meus pais perguntaram sobre os hematomas, disse-lhes que eu e Asher tivemos outra briga.

Não fizeram nenhuma pergunta posterior.

Talvez porque suspeitassem que eu fosse gay.

Acho que tentei contar para Linda certa vez, mas ela se recusou a acreditar e mudou de assunto. Eu não me lembro exatamente do que eu disse, mas provavelmente fui indireto, porque como você pode ser direto sobre essas merdas quando você está atravessando a puberdade? Às vezes, eu me lembro dela rindo, como se eu tivesse contado uma piada. Às vezes, eu me lembro de também ter rido, apenas porque parecia mais seguro rir — embora talvez eu tenha inventado esta parte. A lembrança dessa tentativa de me comunicar é muito vaga, então realmente não sei.

Ninguém nunca descobriu a verdade e isso me parece errado — perigoso até.

Eu me tornei um esquisito enquanto Asher de alguma forma se tornou popular e bem-ajustado, o que a maioria das pessoas chamaria de normal, ao menos por fora.

Os valentões são sempre populares.

Por quê?

As pessoas adoram o poder.

Será que me tornarei temporariamente poderoso se eu atirar em Asher?

⁶⁴ Estive pensando nisso.

Mas eu — de pé do lado de fora de sua janela — novamente me tornei aquele garotinho assustado cujos pais são indiferentes e ausentes; cuja mãe nem sequer diz uma palavra quando certo dia flagra o filho e seu melhor

amigo nus e simplesmente fecha a porta e finge que aquilo nunca ocorreu.⁶⁵

Contudo, por algum motivo — independente de tudo isso — começo a pensar naquele dia de verão, antes de toda a esquisitice começar, quando éramos apenas duas crianças.

É a última boa lembrança que tenho de meu velho amigo.

Por nenhum motivo em particular, Asher e eu decidimos ir de bicicleta o mais longe que pudéssemos antes de termos de voltar para casa para o jantar.

Saímos às nove e teríamos de voltar às cinco.

Isso nos dava oito horas, então decidimos pedalar em uma direção por três horas e meia, e, em seguida, simplesmente dar a volta e retornar para casa nas quatro horas e meia restantes, achando que estaríamos cansados na viagem de volta, por isso ela levaria mais tempo.

Era algo inútil, o tipo de coisa que as crianças planejam quando estão extremamente entediadas durante o verão. Mas nós nunca tínhamos deixado a nossa cidade sem os nossos pais, sabíamos que definitivamente não estávamos autorizados a fazê-lo, de modo que os nossos corações batiam quando começamos a pedalar com rebeldia. Parecia que estávamos embarcando em uma aventura incrível, proibida.

Lembro-me de Asher ter liderado o caminho ao longo de todas aquelas cidades onde nunca estivéramos antes embora fossem próximas, e eu me lembro de ter experimentado uma sensação de liberdade que era nova, viva e inebriante.

Lembro-me de que fomos obrigados a parar quando uma cancela vermelha e branca baixou. Enquanto assistíamos à passagem do trem, notei que a camiseta de Asher estava encharcada de suor. Ele nos fizera pedalar muito e minhas coxas estavam em chamas durante a maior parte do trajeto, mas estavam queimando ainda mais naquele momento, quando fomos obrigados a esperar sem nada para fazer.

Quando o trem passou e a cancela se ergueu, voltamos a pedalar.

A todo momento ele olhava por cima do ombro e sorria para mim, e eu o amei do modo como você ama um irmão ou um amigo de confiança,

mesmo com os insetos batendo no meu rosto e o vento de verão soprando meu cabelo para trás.

Lembro-me de termos nos sentado perto de um lago em um parque que até então nos era desconhecido, localizado em uma cidade onde não conhecíamos ninguém, comendo restos de pizza que embrulháramos em papel-alumínio e enfiáramos em nossas mochilas.

Nada dizíamos um ao outro, mas sorriamos porque estávamos nos rebelando — soltos no vasto mundo por conta própria — e não conseguíamos acreditar como era fácil, como você poderia pegar a sua bicicleta, pedalar e desaparecer do controle de seus pais, de tudo o que você conhece, e como havia tanta coisa lá fora para ser explorada.

Aquele dia fervilhava de possibilidades.

Nós dois sentimos isso, de modo que não havia necessidade de colocá-lo em palavras.

Tudo foi subentendido.

O que aconteceu conosco?

O que aconteceu com aqueles dois meninos, que simplesmente gostavam de pedalar por horas a fio?

O cano da P-38 está quase tocando o vidro agora.

O alvo principal não percebe que estou bem do lado de fora de sua janela.

O alvo principal está a cerca de um metro e meio.

Se o seu avô pôde executar um homem mau, você também pode, penso.

A tela do computador ilumina o quarto do alvo com um brilho fantasmagórico.

Enquanto paio acima de meu corpo, tento mover o dedo indicador de modo a puxar o gatilho

e a

P-38

vai

disparar

e o

vidro

vai
se partir
e a
cabeça
do alvo
vai
explodir
como uma
abóbora

Mas isso não acontece por algum motivo.

O alvo desliga o computador e o quarto fica escuro.

Demora alguns segundos para meus olhos se ajustarem, mas quando isso acontece, vejo que Asher está segurando o pau e se masturbando em sua cadeira, só que ele está virado de lado para que o jato não atinja a parte de baixo da mesa. Ele chega a projetar a cabeça para trás.

Mas, surpreendentemente, mesmo com Asher se masturbando a um metro e meio de distância, eu simplesmente não consigo parar de pensar naquele dia quando fizemos o longo passeio de bicicleta e de desejar que pudéssemos apagar tudo o que aconteceu a partir de então e viver no espaço daquele único dia.

Lembro-me de termos dado a volta na hora combinada para não chegarmos atrasados para o jantar e para não despertar as suspeitas de nossos pais.

Estávamos em frente a uma concessionária de automóveis e havia todos aqueles balões vermelhos, brancos e azuis que sobraram do Quatro de Julho. Pousamos nossos pés no concreto, desmontamos de nossas bicicletas e examinamos a nova terra que tínhamos descoberto.

Era como se fôssemos Cristóvão Colombo ou Ponce de Leóns.

Como se tivéssemos deixado a segurança da terra e atravessado mares desconhecidos.

As bicicletas BMX eram os nossos navios.

Asher disse:

— Chegamos bem longe.

Eu meneei a cabeça e sorri.

— Podemos fazer isso todos os dias neste verão. Seguir em tantas direções diferentes! Como os raios das rodas de nossas bicicletas!

Lembro-me que a expressão em seu rosto era de pura e genuína excitação, como se tivéssemos acabado de descobrir que tínhamos asas e podíamos voar.

Seus olhos brilhavam como o sol de verão acima de nós.

Mas nunca mais fizemos outro passeio de bicicleta como aquele, e eu nunca entenderei por quê.

Nossos pais não descobriram.

Nós não enfrentamos qualquer dificuldade.

A viagem fora um sucesso total.

Nunca voltamos a fazer outro passeio de um dia, talvez por causa do que o tio de Asher fez, e esta oportunidade perdida me parece tão triste agora que meus olhos ficam cheios de lágrimas e minha visão se turva.

Minha P-38 ainda
está apontada
para o alvo
principal,
mas estou
começando a perceber
que não vou
completar
esta missão.
Sou
um
péssimo
soldado.

Meu avô provavelmente me chamaria de bicha e me encheria de porrada, como ele costumava fazer com o meu pai, como minha mãe me contou no funeral de meu avô, quando eu ainda estava no terceiro ano.

Simplesmente não consigo, embora eu não saiba exatamente por quê.

Provavelmente porque sou um cretino que não consegue fazer nada direito.

Minha essência é sugada de volta para dentro de meu corpo e então eu volto a travar a P-38.

Enfio a arma no bolso da frente, saco o meu celular e aperto o botão para ligá-lo.

Assim que ele carrega, clico no ícone da câmera, certifico-me de que o flash esteja ligado, aponto para a janela do quarto de Asher, descarrego uma explosão de luz branca para que ele saiba que alguém tirou uma foto dele se masturbando, e depois saio correndo feito um louco através do bosque.

62 O gatilho me lembra a língua congelada de uma cobra.

63 Isso também costumava acontecer quando eu estava sozinho com Asher em seu quarto — eu apenas me desligava e flutuava para cima enquanto o que aconteceu acontecia. E por um tempo isso foi suficiente para evitar que eu me sentisse muito mal. Era como se aquilo estivesse acontecendo com outra pessoa, enquanto eu flutuava em segurança com as costas viradas para o teto e os olhos fechados.

64 O mundo da notícia certamente me tornará famoso instantaneamente, e o que é a fama além de poder e popularidade?

65 Subitamente, lembro-me disso ter acontecido. Eu lembro. É uma lembrança verdadeira. De onde teria vindo?

VINTE E NOVE

Enquanto corro por entre as árvores desfolhadas, chutando montes de folhas mortas e galhos tombados, tropeço diversas vezes e me preocupo com a possibilidade de a P-38 acidentalmente disparar uma bala em minha coxa — mas também rio.

Imagino Asher pulando ao ver o flash e, em seguida, correndo até a janela e vendo alguém correndo para a floresta.

Eu me pergunto se ele sabe que era eu.

Claro que ele sabe que era eu!

Quem mais poderia ser?

Embora ele provavelmente tenha muitos inimigos e talvez até mesmo um novo garoto secreto agora que estou fora de cena.

Ainda assim, sabendo ou não que fui eu, ele provavelmente está preocupado com a sua foto aparecendo no Facebook ou sendo colada em todos os corredores de nossa escola, e embora eu nunca fizesse nenhuma dessas coisas,⁶⁶ ainda assim é engraçado pensar na imagem da punheta do Asher indo a público.

Quer dizer, pense na pior pessoa que você conhece.

Pense até em Hitler.

E então imagine-o batendo punheta sozinho em um quarto.

De repente, ele não parece mais tão mau e impressionante, não é mesmo?

Parece um tipo hilário, impotente, vulnerável e talvez você até sinta pena dele.

No ensino médio, nosso professor de saúde nos disse que todo mundo se masturba.

Todo mundo é sujeito ao desejo sexual, creio eu.

E, talvez por isso, também, todos mereçam a nossa piedade.

Talvez, se de vez em quando imaginássemos os nossos inimigos se masturbando, o mundo fosse um lugar melhor.

Eu não sei.

De algum modo, acabo às margens do rio e decido recuperar o fôlego sob uma pequena ponte, onde existem infinitas latas vazias de cerveja, cacos de garrafas de bebida barata, que há muito tempo foram quebradas contra a parede de concreto, preservativos usados aqui e ali, e todo tipo de pichação. Pérolas como “Rich trepou com Neda aqui em 10-3-09”, “Super-herói do caralho!” e “Negro pra sempre”, embora não existam negros em nossa cidade.

Os jovens da minha escola bebem cerveja embaixo desta ponte, e a chamam de Troll City, embora eu nunca tenha participado dessas festas.

Enquanto recupero o fôlego, penso em Asher e rio outra vez.

O que ele fez comigo não me parece mais tão importante, porque estou prestes a estourar os meus miolos, de modo que a lembrança de tudo isso desaparecerá instantaneamente; e para sempre.

Fim do problema.

E eu digo para mim mesmo que ele está assustado com a foto que eu tirei — e esta será a sua punição.

Igualiei o placar.

Posso deixar isso para lá.

Finalmente posso fechar os meus olhos e cair para trás no além profundo.

Tento acreditar nisso de qualquer maneira.

Por alguma razão maluca, eu me lembro daquela citação de James Baldwin que Herr Silverman nos fez debater em sua aula de Holocausto quando estávamos falando sobre os judeus que procuraram nazistas fugitivos no mundo inteiro depois da Segunda Guerra Mundial — homens que tinham praticado o mal, coisas horríveis e, em seguida, fugiram para a Argentina, a Namíbia ou para qualquer outro lugar.

Eis a citação:

As pessoas pagam por aquilo que fazem, e ainda mais pelo que permitiram se tornar. E pagam por isso de uma maneira muito simples: com a vida que levam.

Um monte de crianças da minha turma argumentou a validade da citação, provavelmente porque achavam que seguir o caminho da virtude seria a resposta certa, aquela que Herr Silverman desejava, a resposta que lhes garantiria o maior número de pontos no exame de admissão nas universidades.

Eu sei que Herr Silverman não estava dizendo que os nazistas que fugiram deviam ser perdoados e ter um novo começo. Ele estava tentando fazer-nos pensar sobre como a vida é difícil e como as pessoas sofrem de diferentes maneiras, sem precisar que aumentemos o seu sofrimento para satisfazer a nossa sede de vingança, mas eu não creio que a citação se aplique ao mundo real, onde literatura, educação, filosofia e moralidade não existem, porque Asher e Linda e tantas outras pessoas culpáveis parecem estar se saindo excepcionalmente bem na vida, enquanto eu estou debaixo de uma ponte nojenta prestes a abrir um buraco no meu crânio.

Talvez este fosse o modo como os judeus caçadores de nazistas se sentiam nos anos 1950, como se ainda estivessem vivendo em Troll City mesmo depois de terem sido libertados dos campos nazistas.

Ou talvez isso seja justiça.

Talvez eu tenha me permitido me tornar essa pessoa maluca, deprimida e incompreendida.

Talvez tudo isso seja culpa minha.

Talvez eu devesse ter matado Asher Beal.

Quero dizer, eu estava com tanta raiva.

Asher definitivamente merecia morrer.⁶⁷

Ou será que eu deveria ter tentado salvar Asher quando toda essa merda começou — antes de ele ter se tornado completamente mau?

Mas eu era apenas um menino.

Nós éramos apenas crianças, e talvez ainda sejamos.

Você não pode esperar que crianças salvem a si mesmas, não é mesmo?

Levo a arma à minha têmpora e esfrego a lateral de minha cabeça contra o cano de metal.

É um pouco gostoso — quase como uma massagem — quando empurro o cano da P-38 com mais força no ponto mais macio do meu crânio.

É como se a P-38 fosse uma chave-mestra que tento encaixar em um antigo cadeado e quando fizer a conexão ouvirei um clique e uma porta se abrirá, eu entrarei e me salvarei.

— Gire a chave, Leonard — murmuro para mim mesmo. — Você só precisar apertar o dedo indicador e tudo ficará bem. Seus pensamentos vão parar. Sem mais problemas. Você poderá finalmente apenas descansar.

Estou a ponto de puxar o gatilho quando outra pergunta aleatória surge em minha cabeça.

Pergunto-me se Linda já se lembrou de que hoje é meu aniversário.

Por alguma razão, isso me parece importante agora e quanto mais eu me pergunto, mais percebo que não posso morrer sem saber a resposta.

Baixo a P-38 e verifico as mensagens de voz em meu telefone.

Não há nenhuma.

Verifico o meu e-mail.

Nada.

Nem qualquer mensagem de texto.

Eu rio — quero dizer, eu uivo, porque parece tão apropriado por algum motivo.

Que aniversário esse.

Que vida.

Ergo a P-38 e volto a pressionar o cano em minha têmpora.

Fecho os olhos.

Aperto o gatilho.

⁶⁶ Principalmente porque eu estaria com muito medo do que as pessoas diriam a meu respeito se deduzissem quem tirou a foto e, portanto, soubessem que eu estava observando Asher através da janela do seu quarto. “Por quê?”, me perguntariam. Explicar a razão para os superidiotas poderia ser pior do que a morte algum dia. E Asher definitivamente me incriminaria se a foto fosse divulgada. Com certeza me arrastaria com ele. Ele me ofereceria em sacrifício aos superidiotas. Eles também acreditariam em tudo o que ele dissesse, porque ele é mais parecido com eles do que eu.

⁶⁷ Isso me faz lembrar de como Hamlet teve a chance de matar Claudius enquanto ele estava rezando, mas não o matou porque Claudius tinha acabado de fazer as pazes com Deus, pedido perdão a Deus e, portanto, podia entrar no céu, como diria Lauren. Então Hamlet esperou por um momento em que Claudius estivesse pecando. Hamlet teria matado Claudius se ele o tivesse encontrado se masturbando, como encontrei Asher? Por algum motivo, creio que não, o que faz com que eu me sinta melhor. Quem poderia matar alguém enquanto esta pessoa está se masturbando? Parece impossível. Aposto que Hamlet teria rido se visse o assassino de seu pai batendo uma. *Como é possível não rir?*

TRINTA

O tempo

então

fica

parado.

TRINTA E UM

O gatilho resiste e eu me pergunto se pode estar enferrujado ou algo assim, porque não importa quão forte eu aperte, a bala não sai e eu não morro.

Então, transfiro a arma para a mão esquerda e tento esticar o indicador e descubro que não posso — ele está meio que congelado, curvado como o rabo de um gato, em uma posição que não consigo alterar.

— MERDA! — grito na noite, através da água, e, em seguida, bato com o punho contra a parede de concreto, tentando fazer meu indicador funcionar, mas não importa o que eu faça, não importa o quanto eu tente, simplesmente não consigo estourar os meus miolos.

Eu me pergunto se a minha incapacidade é uma espécie de tentativa subconsciente de me salvar do suicídio e, em seguida, lembro-me que prometi ao menos ligar para Herr Silverman caso eu estivesse prestes a acabar com a minha vida, então acho que talvez tenha de cumprir a promessa antes de meu subconsciente permitir que meu dedo aperte o gatilho e termine o trabalho.

Promessa é promessa.

Encontro o pedaço de papel que Herr Silverman me deu. Está no meu bolso de trás.

Uso o celular como uma lanterna para poder ler os números escritos em tinta verde.

Eu digito os números.

O telefone toca.

Eu me pergunto se ele vai atender e meio que espero que caia no correio de voz, para que eu possa deixar uma mensagem — honrando a minha promessa —, e, em seguida, terminar o que comecei.

No quarto toque eu relaxo, achando que estou prestes a entrar em seu correio de voz, quando ouço um clique e, em seguida:

— Alô?

De repente, parece que minha boca fugiu do meu rosto, me abandonou, e eu não consigo falar, mesmo que quisesse.

— Alô? — diz Herr Silverman.

Definitivamente é a voz dele.

Tento jogar o telefone celular dentro do rio, mas parece ter se tornado parte do meu ouvido.

— Alô? — diz Herr Silverman, um pouco mais alto desta vez.

Espero que ele desligue, pensando que é engano ou um pervertido de respiração ofegante.

— *Leonard?* — diz Herr Silverman com uma voz mais suave, e ele não parece estar chateado por eu ter ligado. Parece quase envaidecido. Como se estivesse pensando: *“Será que eu realmente ganhei o título de professor do ano?”*

Ainda assim, não consigo falar.

— Você está bem? — Quando eu não respondo, ele diz: — Leonard, não desligue. Fique na linha. Como prometi, quero lhe contar por que eu não arregalo as mangas da camisa. E já que você está ligando para este número, suponho que precise saber a resposta. Ficarei feliz em lhe dizer. Mas o problema é que preciso *mostrar* a você. Então, onde você está? Você me diz e eu vou até aí. Mas eu quero mantê-lo na linha enquanto pego um táxi. Podemos conversar sobre qualquer coisa que você queira e, então, quando eu chegar onde quer que você esteja, vou arregalar as mangas e explicar o mistério para você. Eu realmente acho que você vai achar que a minha história vale a pena se você conseguir aguentar até que eu chegue aí. Você pode fazer isso? *Você pode fazer isso por mim?*

Não digo nada, embora eu queira.

Minha boca ainda está ausente.

Eu não estava esperando por isso.

Eu me pergunto por que Herr Silverman está sendo tão bom para mim, se ele já fez esse tipo de coisa com outros alunos. Não me parece certo

obrigá-lo a sair em uma noite no meio da semana, quando ele provavelmente tem um milhão de outras coisas para fazer e, portanto, realmente não precisa deste tipo de aborrecimento extra. Seria mais fácil para todos se eu apenas puxasse o gatilho e acabasse com isso agora. Mas eu não posso, por algum motivo. Simplesmente não posso.

— Tudo bem, Leonard. Apenas faça um barulho se for você mesmo. Apenas resmungue ou algo assim para eu que saiba. Vamos começar por aí. Então, é você?

Mesmo dizendo para mim mesmo para ficar calado, que eu não deveria estar envolvendo Herr Silverman nisso, que eu deveria desligar antes de as coisas ficarem mais complicadas um “Ahã” escapa de algum lugar dentro de mim e faz com que os meus lábios vibrem.

Estou tremendo agora, muito.

— Você está em casa?

Não digo nada.

— Muito bem, você não está em casa. Então, onde você está?

Não digo nada.

— Você está sozinho?

Não digo nada.

— Apenas me diga onde você está, Leonard. Eu irei até você. Podemos conversar. Vou contar o meu segredo para você. Vou arregaçar as mangas da minha camisa.

Eu não sei por que de repente posso falar, mas mesmo querendo desligar e deixar Herr Silverman desfrutar sua noite, meus pulmões, língua e lábios me traem.

— Hoje é meu aniversário. Ninguém se lembrou.

Isso soa tão estúpido, patético e infantil que volto a encostar o cano da P-38 à minha têmpora.

Acabe com isso.

Apenas puxe o gatilho.

Facilite as coisas para todos.

Há uma longa pausa, e percebo que Herr Silverman está pensando no que dizer.

— Feliz aniversário, Leonard. *Está fazendo dezoito anos hoje?*

Ouvir alguém dizer “feliz aniversário” — sei que parece muito estúpido, mas subitamente isso me faz sentir melhor.

Apenas duas palavras.

Feliz aniversário.

Isso faz com que eu me sinta como se eu ainda não tenha ido embora.

Como se eu ainda estivesse aqui.

— *Leonard?* — exclama Herr Silverman.

Olho através do rio para o perfil da cidade da Filadélfia ao longe. As luzes dos arranha-céus tremulam sobre a água e dançam sob o luar.

Eu me pergunto se é aniversário de alguma outra pessoa na Filadélfia.

Como essas outras pessoas estão comemorando.

Se alguma delas se sente como eu me sinto agora.

— Leonard, por favor. Apenas me diga onde você está. Eu irei encontrar você.

Não consigo crer no quanto desejo ver Herr Silverman agora.

E eu nem mesmo entendo realmente por quê.

Baixo a P-38 e lhe digo onde estou.

— Não se mexa — diz Herr Silverman. — Chegarei em vinte minutos. E não desligue. Ficarei ao telefone com você. Só preciso dizer ao meu companheiro de quarto para onde estou indo.

Eu o ouço falar com alguém, mas não entendo exatamente o que está sendo dito.

Outro homem diz algo em resposta — parece que eles estão discutindo — então ouço um farfalhar, e Herr Silverman diz:

— Você ainda está aí, Leonard?

— Sim.

— Estou descendo as escadas do meu prédio, chegando mais perto de você. Muito bem, agora estou na Walnut Street à procura de um táxi. Está passando um agora. Fiz sinal. Ele me vê. Ele está encostando. Estou entrando no táxi. — Eu o ouço dizer ao motorista o lugar onde estou. — Nós estamos em movimento agora, a caminho da ponte.

Herr Silverman narra todo o trajeto para mim desse jeito e eu ouço o som de sua voz e acho que as suas palavras são a única coisa que me mantém preso a este mundo agora — que as suas palavras estão, literalmente, me mantendo vivo —, e se ele não tivesse atendido eu realmente poderia ter explodido os miolos.

Estou pensando novamente no que pode haver sob as mangas da camisa dele — se saber disso valerá a espera.

Ou será apenas mais uma decepção em uma longa lista delas?

Você ainda tem a arma. Você ainda pode se matar se precisar, cair na água, afundar... afundar... afundar no esquecimento, digo para mim mesmo, e isso também ajuda, porque significa que tenho opções.

Opções são importantes.

Assim como um plano de fuga.

— Muito bem — diz Herr Silverman — Estou em Nova Jersey. A uns cinco minutos de distância de você.

As luzes refletidas sobre o rio são tão bonitas, penso. Quase me fazem querer nadar.

— Estou vendo a ponte agora — diz Herr Silverman. Então eu escuto ele pedir ao motorista para deixar o taxímetro ligado e esperar por nós.

O taxista diz algo e o tom de sua voz me faz crer que ele não vai esperar.

— Isso é grave, *uma emergência* — diz Herr Silverman. — Darei uma boa gorjeta. Prometo.

Eu percebo que Herr Silverman está disposto a gastar o seu próprio dinheiro para me salvar⁶⁸ e minha garganta se estreita quando ouço o táxi parar na ponte, bem acima de mim.

— Estou saindo do táxi, Leonard. Estou aqui. Só preciso encontrar um caminho para chegar até você.

Quero lhe dizer que há uma pequena trilha imunda na colina, aberta por estudantes bêbados, mas minha boca voltou a fugir de meu rosto.

— Aqui há um caminho — diz Herr Silverman, e então eu ouço pedras e torrões de terra solta rolando colina abaixo.

— Leonard — diz ele. Só que desta vez ele não está no meu telefone.

Eu desligo.

⁶⁸ Considerando quanto ganham os professores de escolas públicas, isso realmente quer dizer alguma coisa.

TRINTA E DOIS

— *Isso em sua mão é uma arma, Leonard?* — pergunta Herr Silverman, e sua voz soa um tanto mais frágil do que o habitual, como se talvez ele estivesse mais apavorado do que está deixando transparecer.

— Uma P-38 nazista — respondo, e minha voz soa grave.

— Troféu de guerra de seu avô?

Concordo com um gesto de cabeça.

Ele ainda está a poucos metros de distância, mas eu me sinto um tanto acuado e dou um passo atrás.

— Você quer dar isso para mim? — pergunta ele, e dá um passo em minha direção com a mão estendida. Agora, dá para ver que ele está realmente assustado, porque sua mão está trêmula, embora esteja se esforçando para firmá-la.

— No curso de pedagogia, eles o ensinaram a lidar com um aluno armado? — pergunto, tentando aliviar o clima. — Houve alguma aula sobre isso?

— Não, com certeza não ensinaram. E definitivamente não houve nenhuma aula sobre isso — diz ele. — Talvez devesse haver. *Está carregada?*

— Está. E também está destravada — respondo, percebendo o tom impaciente de minha voz.

Herr Silverman baixa a mão e fica um pouco tenso.

Eu realmente não entendo por que estou falando desta forma com Herr Silverman.

Quero dizer, ele veio para me salvar, certo?

Liguei para ele porque queria que ele viesse.

Mas é como se eu não conseguisse evitar.

É como se eu estivesse muito perturbado para ser agradável e agradecido.

— Só entregue a arma para mim e tudo vai ficar bem.

— Não, não vai ficar. Essa é uma merda de uma mentira! Você não mente, Herr Silverman. Você é melhor do que o resto. Você é o único adulto em quem eu realmente confio e que admiro. Então fale alguma coisa, está bem? Tente outra vez.

— Muito bem. Você escreveu as cartas das pessoas do futuro? — pergunta Herr Silverman.

A pergunta me surpreende um pouco, e invoca todos esses sentimentos intensos que não quero sentir.

— Sim, escrevi — respondo com uma voz desafiadora, quase gritando.

— O que contaram? O que eles lhe disseram?

— Disseram que haverá um holocausto nuclear. O mundo do futuro está coberto de água, como previu Al Gore. As pessoas se matam pela pouca terra que sobrou. Milhões estão mortas.

— Interessante. Mas tenho certeza de que eles disseram outras coisas também, porque você não é todo tristeza e desgraça, Leonard. Já vi a luz em seus olhos muitas vezes. O que mais eles disseram?

O fato de ele mencionar a existência de luz em meus olhos faz minha garganta se contrair ainda mais e sinto meus olhos se estreitarem.

— Essa merda não importa, porque essas pessoas não existem.

— Existem, sim, Leonard — diz ele, dando outro passo cauteloso em minha direção. — Eles realmente existem. Se você acreditar o bastante... e se você aguentar firme. Tudo bem, talvez você não encontre exatamente essas pessoas, mas os amigos aparecerão em algum momento. Você encontrará outros como você.

— Como você sabe? Como você pode ter tanta certeza?

— Porque eu costumava escrever cartas do futuro para mim, quando tinha a sua idade. E isso me ajudou muito.

— Mas você encontrou as pessoas que imaginou no futuro?

— Encontrei.

Sou pego de surpresa por tal informação, e, de repente, estou mesmo curioso a respeito da vida de Herr Silverman.

Quem são as pessoas para quem ele escreveu?

— Como você os encontrou?

— Escrever aquelas cartas me ajudou a descobrir quem eu era e o que queria. E uma vez sabendo disso, fui capaz de enviar uma mensagem clara para que outros pudessem responder de forma adequada.

Eu penso a respeito e digo:

— No futuro, eu vivo em um farol com a minha mulher, filha e sogro. Projetamos um poderoso feixe de luz todas as noites, mesmo que ninguém o veja.

— Isso é lindo — diz ele. — Está vendo?

Mas eu não estou vendo, por isso digo:

— Escrever essas cartas fez com que eu me sentisse ainda pior.

— Por quê?

— Comecei a pensar que queria viver nesse mundo fictício *agora*, que o mundo das cartas me fez querer deixar este mundo. Talvez tenha sido isso que me levou a estar aqui com uma arma na mão.

Herr Silverman estremece quase imperceptivelmente, mas eu noto. Então ele diz:

— Você já se sentiu como se estivesse projetando um feixe de luz, mas que ninguém o vê?

Eu olho para as luzes da cidade refletidas na água e penso que sempre estarão ali — noite após noite —, quer as pessoas olhem ou não.

E geralmente as pessoas não olham.

Não importa o que eu faça.

Realmente não importa.

Herr Silverman se aproxima, e eu não recuo. Ele tira o casaco, prende-o entre os joelhos e começa a arregaçar a manga direita, o que faz meu coração voltar a bater forte, porque quero saber o que diabos ele esconde há tanto tempo sob as mangas.

Com o punho da camisa ao redor do cotovelo, ele usa o telefone celular para iluminar o pulso.

— Olha só.

Eu não vejo cicatrizes, marcas de agulha, cabelo em excesso, uma queimadura feia ou nada desse tipo.

É uma tatuagem — um triângulo cor-de-rosa que os nazistas usavam para rotular os homossexuais nos campos de concentração. Sei disso porque Herr Silverman nos ensinou.

— Quem fez isso com você? — pergunto, pensando que talvez ele tenha a sua própria versão de Asher Beal.

— Eu mesmo fiz. Bem, contratei um tatuador para fazer.

— Ah — exclamo.

Passam-se alguns segundos, mas finalmente percebo o que ele está me dizendo.

— Eu não me importo que você seja gay. Isso não me incomoda — digo, porque acho que é o que eu deveria fazer.

Realmente nunca achei que Herr Silverman fosse gay, mas, pensando em retrospectiva, meio que faz sentido. Ele não usa aliança, nunca fala sobre a mulher. E é um sujeito de meia-idade, de boa aparência, bem-vestido, com um emprego estável que daria um ótimo marido.

Ele sorri para mim.

— Obrigado.

— Por que você tatuou seu pulso desse jeito?

— Durante todo o ensino médio, tentei ser quem eu achava que o mundo queria que eu fosse. Sempre tentando agradar às outras pessoas, e mantendo meu verdadeiro eu invisível. Levei dezenove anos para descobrir quem eu era e outros doze meses ou mais para admiti-lo. Eu não quero esquecer nunca mais. Tatuei meu pulso com um símbolo. Assim, a resposta estará sempre aqui.

— Por que *esse* símbolo? — pergunto.

— Eu creio que você sabe o porquê, Leonard. Provavelmente pelo mesmo motivo que você tem uma arma nazista em sua mão. Eu estava tentando provar algo para mim mesmo. Eu estava tentando assumir o controle.

— Então por que você não mostra a tatuagem aos seus alunos?

— Porque pode prejudicar a minha capacidade de enviar uma mensagem importante para as pessoas que precisam dela.

— Qual é a mensagem?

— É a mensagem das minhas aulas, especialmente minha aula sobre o Holocausto.

— Sim, mas qual é?

— O que você acha que é?

— Que é normal ser diferente? Que devemos ser tolerantes?

— É uma parte dela.

— Então, por que não ser diferente e promover a tolerância mostrando a todos o seu triângulo cor-de-rosa?

— Porque isso pode tornar ainda mais difícil que alguns de seus colegas de classe levem a mim e a minha mensagem a sério. Tipo não faça perguntas, não fale com professores gays do ensino médio. Especialmente aqueles que dão aulas controvertidas sobre o Holocausto — diz Herr Silverman, e, em seguida, começa a dobrar a outra manga quase até a axila.

— Aqui. Use o meu telefone para ler isto.

Transfiro a P-38 para a mão esquerda e seguro o telefone celular dele.

Volto a luz para a parte interior de seu braço.

**PRIMEIRO ELES O IGNORAM, DEPOIS RIEM DE VOCÊ,
EM SEGUIDA LUTAM COM VOCÊ, E ENTÃO VOCÊ GANHA.**

As palavras estão impressas em azul-marinho — apenas letras maiúsculas empilhadas em duas linhas. Nada como as extravagantes tatuagens de palavras que você vê escritas em letra cursiva ou em fonte Old English nos peitos de rappers famosos e astros de cinema. Tenho a sensação de que esta tatuagem é mais mensagem do que imagem, uma mensagem para si mesmo e para mais ninguém, o que provavelmente é uma das razões pelas quais ele a mantém escondida sob a manga da camisa.

— A frase é atribuída a Gandhi, geralmente — diz ele. — Mas não me importei com quem a escreveu quando a li. Só sei que fez com que eu me

sentisse forte. Isso me deu esperança. Isso me permitiu seguir adiante.

— Mas por que você a tatuou tão alto no braço?

— Para não esquecer que eu ganho no fim.

— Como você sabe que vai ganhar?

— Porque eu continuo lutando.

Eu penso sobre o que ele está dizendo, sobre a mensagem que ele transmite todos os dias em sala de aula, penso em por que ele está me dizendo isso, e afirmo:

— Eu não sou como você.

— Por que você precisa ser como eu? Você tem de ser como *você*.

Eu levo a P-38 à cabeça e digo:

— Este sou eu. Bem aqui. Agora.

— Não, não é você mesmo.

— Como sabe?

— Porque eu li os seus trabalhos. Olhei nos seus olhos enquanto dava aula. Dá para ver que você entende. Você é diferente. E eu sei como é difícil ser diferente. Mas também sei a arma poderosa que ser diferente pode vir a ser. Como o mundo precisa de tais armas. Gandhi era diferente. Todas as grandes pessoas também. E pessoas únicas, como eu e você, precisam procurar outras pessoas únicas que as entendam, para que não fiquem muito solitárias e acabem onde você acabou esta noite.

— Eu não sou gay — digo.

— Você não precisa ser gay para ser diferente. Eu nunca pensei que você fosse gay.

— Eu realmente não sou gay.

— Tudo bem.

— Eu não sou gay.

— Legal.

— *Eu não sou gay.*

— Por que você está repetindo tantas vezes?

— Asher Beal é gay.

— Por que você está me dizendo isso?

— Ele não é gay como você. Ele é horrível.

— O que você está tentando me dizer, Leonard?

— Hoje à noite, fui até a casa de Asher Beal. Eu ia matá-lo. De verdade. Eu quero matá-lo já há muito tempo.⁶⁹

O rosto de Herr Silverman assume uma terrível expressão de pânico.

— Mas você *não* o matou, certo?

— Fui até a janela de seu quarto com a arma em punho. Ergui a P-38 contra a janela, mirando a sua cabeça, mas não consegui atirar. Eu simplesmente não consegui.

— Isso é uma coisa *boa*.

— Eu *deveria* ter matado Asher.

— O que ele fez para você?

Eu não quero dizer para Herr Silverman, de modo que ficamos em silêncio por um longo tempo.

Mas ele é paciente. Ele apenas espera, como se não fosse se mover ou falar durante um milhão de anos se esse fosse o tempo necessário para eu responder a sua pergunta. Eu não sei por que, mas sua espera faz com que eu me sinta seguro, como se eu pudesse confiar nele, como se talvez ele realmente acredite que vale a pena me ouvir, que vale a pena me salvar. Finalmente, minha boca se rebela contra a minha mente, e todas as palavras saem em um estirão, como se eu estivesse tentando me limpar.

Conto tudo a ele.

Cada.

Detalhe.

Horível.

De revirar o estômago.

E

eu estou

chorando

de novo

porra

porque

não consigo

evitar.

Em dado momento, quando estou a ponto de pirar, Herr Silverman me abraça e começa a dar tapinhas nas minhas costas. Ele é muito cuidadoso a esse respeito — cauteloso — mas dá para ver que ele está apenas tentando me confortar. Eu sinto que isso é bom. Seguro. Então, deixo ele me abraçar, e é legal ser abraçado, apesar de eu não abraçá-lo de volta, o que provavelmente faz com que ele se sinta desconfortável, e eu sinto muito por ele, mas não costumo abraçar ninguém quando fico perturbado assim. Ele continua murmurando:

— Está tudo bem.

E eu o amo e o odeio ao mesmo tempo por ele dizer isso. Não está bem porra nenhuma. E, no entanto, é exatamente o que eu mais quero estar: bem. Ele não pode dar isso para mim, mas eu o amo por tentar.

Eu me pergunto se Herr Silverman acha que ele tem o poder de transformar mentiras em verdades apenas repetindo as palavras, como um feitiço mágico.

Há uma parte de mim que espera que sim.

Há também uma parte de mim que quer gritar VÁ SE FODER! na cara dele.

Esses dois opostos brigam dentro de minha caixa torácica por um longo tempo.

Finalmente, eu me acalmo, ele me solta e ambos olhamos para a água, sem dizer nada — apenas respirando.

Parece que se passam horas, mas eu gosto de estar aqui com Herr Silverman ao meu lado.

Eu me sinto vazio.

Completamente purgado.

E, por um segundo ou dois, finjo que estamos operando o Farol 1. Juntos.

Herr Silverman finalmente diz:

— Você sabe que homens podem ser estuprados, certo?

Eu não digo nada, mas me pergunto se foi isso o que aconteceu comigo, porque no começo eu não resisti, e, em seguida, quando resisti, parecia que eu só estava tentando parar algo que vinha acontecendo já há muito tempo

e que não era provável que acabasse logo — como pular de um trem em movimento que o deixa enjoado e que o maquinista não consegue parar por algum motivo.

— Eu me sinto como se estivesse quebrado. Como se eu nunca mais pudesse me ajustar. Como se não houvesse mais lugar para mim no mundo ou algo assim. Como se eu tivesse ultrapassado o meu tempo de estadia aqui na Terra, e todo mundo estivesse constantemente tentando me dar dicas sobre isso. Como se eu devesse apenas ir embora. — Tento olhar para Herr Silverman, mas não consigo tirar os olhos das luzes da cidade refletidas na água. — E acho que é por isso que a minha mãe foi para Nova York, que é por isso que ninguém quer falar comigo. Sou tão inútil, merda!

— Você não é.

— Mas eu sou. Todo mundo me odeia na escola. Você sabe que é verdade.

— Eu não odeio você. Espero que a minha presença aqui hoje prove isso. E a nossa escola é apenas um lugar pequenininho. Apenas um pontinho em sua vida, de verdade. As coisas boas virão depois. Você vai ver.

Eu realmente não acredito nele, e meio que rio, porque quem diabos diz que “as coisas boas virão depois” para um adolescente com uma arma na mão? É tão absurdo.

Eu olho para a P-38 e suspiro.

— Eu nem consigo me matar direito.

— Isso é outra coisa boa — diz Herr Silverman, e sorri dessa maneira fantástica, que me faz acreditar nele. — Isso é uma coisa *linda*.

Linda.

Gostaria de poder acreditar nele.

Eu limpo o nariz com a manga do casaco.

Ele volta a vestir o casaco.

— O que acha que eu deveria fazer com isso? — pergunto enquanto nós dois olhamos para a relíquia nazista da Segunda Guerra Mundial que estou segurando.

— Por que simplesmente não a joga na água?

— Você não acha que isso deveria ir para o museu do Holocausto?
Ele ri de forma despreocupada, como jamais riria em sala de aula.
É como uma piscadela.

Como se talvez ele estivesse me dizendo que, assim como eu, ele também acha que as respostas de meus colegas no estilo exame de seleção para a universidade são uma verdadeira bobagem.

Herr Silverman diz:

— Ao que me consta, *todas* as armas de fogo devem ir para o fundo do rio.

— Eu me pergunto se isto ainda dispara — digo.

— Eu me sentiria muito melhor se você ao menos colocasse a arma no chão. Estou tentando parecer calmo, mas meu coração ainda está disparado, e seria muito mais fácil para mim se você não tivesse uma pistola carregada nas mãos.

Eu penso sobre o quanto Herr Silverman está se arriscando ao vir aqui hoje à noite para lidar com a minha loucura. Afinal, há a arma. Além da burocracia jurídica caso eu realmente me mate, porque agora ele está envolvido de um modo muito sério. Se alguém descobrir que estamos tendo essa conversa agora, tenho certeza que os advogados da escola vão se cagar nas calças.

— Minha vida vai melhorar? Você acredita mesmo nisso? — pergunto, embora eu saiba o que ele vai dizer, o que a maioria dos adultos sente que *precisa* ser dito quando lhe fazem esta pergunta, embora a enorme quantidade de evidências e experiências de vida sugiram que a vida das pessoas fica cada vez pior até elas morrerem. A maioria dos adultos simplesmente não é feliz, isto é um fato.

Mas eu sei que soará menos mentiroso vindo de Herr Silverman.

— É possível. Se você estiver disposto a fazer com que isso aconteça.

— Acontecer o quê?

— Não deixar o mundo destruí-lo. Essa é uma batalha diária.

Eu penso sobre o que ele está me dizendo e o entendo em um certo nível. Eu me pergunto como Herr Silverman seria a meus olhos se eu o seguisse voltando do trabalho. Aposto que pareceria feliz, orgulhoso do

bom trabalho que fizera durante o dia. Muito diferente da mulher com óculos de sol da década de 1970 que me chamou de perverso e todas as outras pessoas miseráveis que segui no trem. Aposto que ele ouviria um iPod e talvez até cantasse junto com a música. Os outros passageiros olhariam para ele e se perguntariam por que diabos ele está tão feliz. Eles provavelmente se ressentiriam. Talvez até mesmo quisessem matá-lo.

— Você não acha que eu sou capaz de atirar em alguém, não é mesmo? E também nunca pensou que eu me mataria — digo.

— É por isso que estou aqui. Eu não teria vindo se achasse que você não vale a pena.

Eu olho para o rosto de Herr Silverman por um longo tempo sem dizer nada.

Eu olho tanto tempo que a tensão entre nós se avoluma e começa a parecer constrangedora, embora Herr Silverman não se dê conta.

— Jogue a arma no rio, Leonard. Confie no futuro. Vá em frente. Faça acontecer. Está tudo bem. As coisas vão melhorar. Você pode fazer acontecer.

Talvez por desejar me desfazer de todas as provas ligadas a esta noite, talvez por querer agradar Herr Silverman, talvez porque seja muito divertido jogar coisas no rio, dou três passos rápidos em direção à água e jogo a P-38 como um bumerangue.

Eu a vejo rodopiar através das luzes da cidade ao longe e então desaparecer alguns segundos antes de a ouvirmos cair no rio e afundar.

Penso em meu avô executando o oficial nazista que primeiro possuiu aquela arma.

Penso quão longe aquela arma teve de viajar através do tempo e do espaço para acabar no fundo de um afluente do rio Delaware.

E em como as histórias, objetos e pessoas e praticamente tudo podem deixar de existir a qualquer momento.

Então eu penso estar mergulhando com minha fictícia filha do futuro, S, e com Horácio, o golfinho, após o holocausto nuclear. S tem sardas tão bonitinhas no rosto. Seus olhos são cinzentos como os meus. Seu cabelo é cortado à altura do queixo.

“Eu me pergunto se vamos encontrar a minha velha pistola P-38”, digo para ela em minha fantasia.

“Por que você tinha uma arma quando era criança?”, replica ela.

“Boa pergunta”, respondo. Então ambos baixamos as nossas máscaras e caímos na água pela borda do barco.

Mesmo sabendo que é apenas uma ficção idiota, o pensamento aquece o meu peito, devo admitir.

— Então o que vamos fazer agora? — pergunto.

— Tem alguém na sua casa? — pergunta Herr Silverman.

— Não. Minha mãe está em Nova York.

— Então você vai para a minha.

⁶⁹ Parece tão estranho eu estar dizendo a palavra *matar* para o professor que me dá aulas sobre o Holocausto, admitindo que eu realmente tentei matar um colega. Permitir que tais palavras existam nos poucos metros entre mim e Herr Silverman me parece irreal. Isso me faz perceber quão louco eu estava, quão louco eu fui. Sinto-me assustado e aliviado ao mesmo tempo. Perturbado, mas livre, se isso faz algum sentido. Isso me faz lembrar do que Herr Silverman disse sobre vida dupla em sua aula de Holocausto.

TRINTA E TRÊS

No táxi, Herr Silverman manda diversas mensagens de texto para alguém que ele chama de Julius.

Pela expressão de seu rosto e a forma como ele está digitando no celular dá para ver que Julius não está tranquilo por eu estar indo para lá, mas eu não digo nada sobre isso e nem faço qualquer pergunta, apesar de as expressões faciais de Herr Silverman estarem me dando vontade de saltar do táxi em movimento, rolar para a calçada, fugir machucado e sangrando, e tomar um trem de volta para Nova Jersey.

Estou um tanto assustado sobre tudo o que eu disse para ele, como se talvez tivesse sido um erro ter sido honesto. Estou preocupado que ele nunca mais olhe para mim da mesma forma — que esteja apenas sendo gentil na minha frente, mas que, quando eu for embora, diga para Julius que eu enchi o saco dele. Continuo dizendo para mim mesmo que Herr Silverman não é assim, que ele é bom e entende, mas agora é difícil acreditar cem por cento em Herr Silverman.

Quando chegamos ao seu prédio, a corrida do táxi está em mais de duzentos dólares, e eu insisto em pagar com o meu cartão de crédito, embora Herr Silverman diga que não é preciso. Mas ele é um professor e eu sei que duzentos dólares é uma quantia muito grande para ele.

Minha mão treme quando estendo o cartão de crédito através da pequena janela de plástico que separa o motorista dos passageiros, mas Herr Silverman não diz nada sobre quão trêmulo estou.

Eu dou ao motorista uma gorjeta de oitenta dólares porque dane-se a Linda, que é quem vai pagar a conta, e minha mão ainda está trêmula e mal dá para ler os números que escrevo.

— Isso está certo? — pergunto enquanto subimos os degraus. Até mesmo a minha voz está vacilante.

— *O que está certo?*

— Levar um estudante para o seu apartamento.

— Por você, tudo bem?

— Sim, mas não há políticas escolares que proíbem que você faça esse tipo de coisa? Quer dizer... Eu não quero lhe trazer problemas.

— Bem, eu acredito que esta é uma circunstância atenuante. E se você não contar para ninguém, ninguém saberá.

— Tudo bem — digo, e enfio minhas mãos trêmulas nos bolsos.

Se qualquer outro professor tivesse dito isso para mim, eu teria pensado que ele estava armando algum tipo de plano pervertido — *mas não Herr Silverman*, digo para mim mesmo. *Você pode confiar nele.*

Do lado de fora da porta, enquanto ele enfia a chave na fechadura, diz:

— Meu companheiro de quarto, Julius, está dormindo aí dentro.

Eu meneio a cabeça, porque percebo que Julius provavelmente é o parceiro de Herr Silverman, e eu me pergunto se Julius está chateado por eu ter tomado tanto tempo de Herr Silverman e por agora invadir a vida pessoal deles dois. Parte de mim começa a desejar que eu não estivesse aqui — que eu não houvesse ligado para o meu professor de Holocausto.

Herr Silverman entra em seu apartamento e diz em voz alta:

— Julius? Estou aqui com Leonard.

Nenhuma resposta.

— Venha — diz Herr Silverman, e eu o sigo até um sofá de couro sobre o qual está pendurada a pintura de uma árvore enorme, sem folhas, o que me faz lembrar do bordo japonês do lado de fora da janela de minha aula de inglês e do quanto fui grosseiro com a Sra. Giavotella, o que faz com que eu me sinta deprimido outra vez.

A árvore na pintura está cercada pelas cabeças decapitadas de líderes políticos famosos: Benito Mussolini, Joseph Stalin, Gandhi, Ronald Reagan, Winston Churchill, George Washington, Adolf Hitler, Fidel Castro, Teddy Roosevelt, Nelson Mandela, Saddam Hussein, JFK, e uma dúzia ou mais que não reconheço. Parece que as cabeças caíram da árvore como frutas

podres. E há um enorme X vermelho pintado sobre toda a pintura, como se alguém a tivesse carimbado em sinal de rejeição. É uma das obras de arte mais estranhas que já vi.

— Sente-se — diz Herr Silverman. — Já volto.

Ele abre uma fresta na porta do quarto e desliza para dentro dela sem me deixar ver o que há por trás, fazendo um U em torno da porta sem abri-la mais de trinta centímetros, e depois fechando-a rapidamente.

Eu ouço sussurros, e uma voz que não é a de Herr Silverman soa furiosa, como vento agitando galhos de árvores nuas.

— Este não é o seu trabalho — ouço Julius dizer um pouco mais alto.

— Shhhh — diz Herr Silverman. — Ele vai ouvir você.

Então eles ficam em silêncio por um minuto antes de eu voltar a ouvir sussurros agitados.

Finalmente, a porta se abre trinta centímetros, Herr Silverman desliza pela fresta novamente antes de fechar bem a porta.

— Seu colega de quarto está chateado porque eu estou aqui — digo.

— Ele só está cansado. Precisa trabalhar pela manhã e está com medo que não o deixemos dormir. Vamos fazer silêncio.

— Eu escutei ele dizer que este não é o seu trabalho, e não é mesmo. Eu não deveria ter ligado para você. Eu não deveria ter feito você se envolver.

— Está tudo bem — diz Herr Silverman. — Estou feliz que tenha ligado. Você conhecerá Julius pela manhã. Ele estará menos mal-humorado após uma noite de sono.

— Ele é seu namorado, certo?

— É.

— Tudo bem — digo, e então me sinto um idiota por ter dito “tudo bem”, como se Herr Silverman precisasse de minha permissão ou algo assim.

— Tome — diz Herr Silverman e, em seguida, estende a mão.

Há uma pequena caixa diante de meu rosto embrulhada em um papel branco.

Quando eu desembrulho e abro a caixa, leva um segundo para eu perceber o que há lá dentro.

É a Estrela de Bronze de meu avô, só que foi coberta com papel, pintada, e, depois, plastificada. Na estrela há um símbolo da paz e na fita estão as minhas iniciais escritas em caprichosa caligrafia.

— Se você não gostou — diz Herr Silverman —, posso retirar a fita e o papel. A medalha verdadeira não foi alterada. Eu a devolveria amanhã, depois da aula. Você se lembra de quando disse que queria transformar a conotação negativa em algo positivo?

Não estou inteiramente certo do que responder. Por um lado, é um tanto brega, mas por outro, é um presente surpreendentemente atencioso — além de ser o único presente que receberei no meu aniversário de dezoito anos, que está quase acabando.

Porém, por algum motivo, em vez de dizer obrigado como qualquer pessoa educada e normal diria, talvez porque eu sinta que isso possa ser muito importante, pergunto:

— Você é feliz com Julius? Quero dizer, você o ama? Ele o ama? É um bom relacionamento?

— Por que a pergunta? — Herr Silverman fica com uma expressão preocupada no rosto, como se a minha pergunta o tivesse abalado um pouco.

Em vez de responder, pergunto:

— Você escreveu cartas do futuro Julius quando estava na escola?

— Para falar a verdade, escrevi — responde Herr Silverman. — Metaforicamente, escrevi, sim.

Eu me sinto menos insano ao pensar em Herr Silverman confuso sobre a sua sexualidade no ensino médio e escrevendo cartas das pessoas de sua vida futura, pessoas que o compreenderiam, o ouviriam e o tratariam como um igual, sem obrigá-lo a representar ou a usar uma máscara falsa. As pessoas que poderiam salvá-lo. Ao pensar em Herr Silverman acreditando nessas pessoas quando tinha a minha idade, e, depois, encontrando-as na sua idade, porque se ele realmente é feliz...

Fico com raiva de mim mesmo por pensar em tudo isso, porque ainda há uma grande parte de mim que acha que isso tudo é mentira, e se eu me permitir acreditar na mentira, só vou ficar ainda mais deprimido quando

coisas ruins acontecerem, ou se Herr Silverman acabar me decepcionando e eu não conseguir mais acreditar nele ou em suas filosofias. Mas, por algum motivo, eu sigo em frente e fixo a estúpida medalha da paz em minha camisa, bem em cima do meu coração. Talvez só porque Herr Silverman tenha tido tanto trabalho comigo esta noite — talvez porque eu lhe deva isso, e porque realmente não me custe nada fixar uma merda de uma medalha na camisa.

— Ficou bom — diz Herr Silverman, e então sorri.

— Obrigado — digo, e me sinto tão cansado de repente, como se realmente não me importasse com mais nada, como se estivesse acabado.

— Eu gostaria de ligar para a sua mãe, Leonard. Posso?

— Para quê?

— Bem, teremos de decidir muitas coisas pela manhã.

— Como o quê?

— Você precisa de ajuda. Ajuda profissional. Eu não creio que a sua mãe tenha percebido a gravidade de sua condição, por quanto sofrimento você passou. Essas coisas não desaparecem simplesmente.

— Ela não lhe dará ouvidos. Ela é louca.

— Posso ligar para ela? *Por favor* — diz Herr Silverman.

Mordo os lábios porque me sinto exausto e realmente não estou a fim de discutir com ele, de modo que balanço a cabeça afirmativamente, pensando: *Herr Silverman não tem como piorar nada.*

— Está listada como Linda Estilista de Moda — digo, enquanto desbloqueio o celular. Eu lhe entrego o telefone e aviso: — Mas ela provavelmente não vai atender. Ela nunca atende à noite. Diz que precisa de seu sono embelezador, mas a verdade é que ela está transando com um cara francês que adora sexo e Linda é uma ninfomaníaca.

Desejo não ter contado a última piada, especialmente porque Herr Silverman nem mesmo a registra, muito menos ri.

Ele liga para Linda, mas ela não atende.

Herr Silverman deixa uma mensagem dizendo que eu estou com ele em seu apartamento e que ele realmente gostaria que ela ligasse de volta,

porque é uma situação de emergência. Ele deixa o seu número de telefone celular e, em seguida, desliga.

— Acho que teremos de esperar ela ligar — comenta Herr Silverman.

Eu desvio o olhar.

Linda não vai ligar de volta hoje à noite.

Sei por experiência.

Herr Silverman tira um bloco de papel de uma gaveta, escreve o número do telefone de Linda, e o enfia no bolso da camisa.

— Você pintou isso? — pergunto, apontando para o quadro da árvore com um grande X e as cabeças de famosos líderes políticos decapitadas que está pendurado sobre o sofá. Eu não sei por que pergunto. Talvez apenas para mudar de assunto. Talvez porque eu me sintam mal por Linda não ligar de volta enquanto Herr Silverman acredita que ela vai ligar.

O rosto de Herr Silverman se ilumina como se ele estivesse muito orgulhoso da pintura ou apenas feliz por ter alguma coisa para falar além de como estou perturbado.

— Não — diz ele. — Eu comprei quando fui a Israel há alguns anos. Em uma mostra de arte. Um amigo de um amigo. Eu embarquei o quadro de volta para casa. Uma pequena extravagância.

— É muito bom — minto. Na verdade, não gostei nem um pouco. Só acho que devo ser legal com ele. Estou preocupado que use o meu segredo contra mim — tudo o que contei sobre Asher —, então eu quero estar de bem com Herr Silverman.

— Eu gosto — diz ele.

— O que significa? — pergunto, tentando alegrá-lo.

— Precisa significar alguma coisa?

— Eu não sei. Eu achava que a arte deveria significar alguma coisa.

— Não pode apenas existir sem uma explicação? Por que precisamos atribuir significado à arte? Precisamos entender *tudo*? Talvez a arte exista para evocar sentimentos e emoções. Ponto final. Não para *significar* alguma coisa.

Meneio a cabeça concordando com o que ele está dizendo, mesmo que isso me soe um pouco como papo furado sobre arte.

Por outro lado, penso em Herr Silverman e Julius mantendo conversas profundas sobre arte, a vida e tudo mais, e isso me faz sorrir.

Vida além dos superidiotas.

Se eu não estivesse tão cansado, continuaria a conversa, debatendo, assim como na aula de Holocausto de Herr Silverman, como ele sempre quer que façamos. Ficaria assim por horas a fio, mas sinto como se minha mente estivesse se desligando, como se eu só tivesse tempo para mais uma ou duas perguntas, então digo:

— Você diria que isso é arte moderna? Algo parecido com o que vemos no MoMA em Nova York? Sou uma espécie de interessado por arte moderna ultimamente.

— Bem, isso é *arte* e é *moderno*. Mas qualquer coisa pintada recentemente é chamada de arte *contemporânea*.

Concordo com um menear de cabeça e digo:

— Você acha que a imagem de uma pistola nazista ao lado de uma tigela de mingau de aveia pode ser arte contemporânea, ou talvez apenas arte?

— Claro — diz ele. — Por que não?

— Tudo bem — digo. Então ficamos apenas sentados em silêncio até eu perceber que estou perigosamente exausto, que meu cérebro talvez esteja no fim da corda, e que eu não posso esperar Linda não ligar a noite inteira, porque simplesmente não tenho energia. Minhas pálpebras pesam mil toneladas cada uma. Em meio a um bocejo, eu digo:

— Você se importa se eu fechar os olhos por um ou dois segundos?

— Vá em frente — diz ele. — Fique à vontade.

Assim que minha cabeça encosta no sofá, a corda se rompe.

Parece que meu cérebro está caindo em algum abismo escuro como breu.

Eu sonho com o supernada.

TRINTA E QUATRO

Quando acordo, há um cobertor quente e fofo em cima de mim.

Estou suando.

As luzes estão apagadas e as cortinas foram fechadas, mas o brilho da cidade se insinua por trás do pano pesado e ilumina o retângulo externo das janelas.

Levo um segundo para me lembrar de onde estou e como acabei aqui, no sofá de meu professor de Holocausto, mas assim que me lembro, sinto um surto de adrenalina correr por minhas veias.

Sento-me e penso: *o que diabos aconteceu ontem?*

Então rememoro tudo em minha mente, lembrando. Quando eu chego à parte sobre Asher Beal, sinto que talvez não devesse ter contado a Herr Silverman o que aconteceu — como se isso tivesse sido um erro terrível. Eu confio nele, mas também sei que ele terá de contar isso a outras pessoas para poder me ajudar, e se as outras pessoas pensarem que eu sou um pervertido e fizerem coisas que estragarão ainda mais a minha cabeça? Como posso confiar em pessoas que não conheço? Eu não sei o que vai acontecer em seguida, e isso me faz sentir como se eu estivesse coberto de escorpiões e aranhas superirritados. Eu realmente não pensei bem ao fazer a minha confissão para Herr Silverman. Simplesmente aconteceu.

Talvez eu não devesse estar aqui.

Talvez
eu devesse
mesmo
ter
me

matado.

Também começo a me preocupar que Herr Silverman tenha visto minhas fotos de celular e encontrado a de Asher se masturbando — o que realmente o faria pensar que sou um pervertido —, de modo que pego o celular na mesa de centro, aperto o botão da câmera, e vejo o que está gravado.

É apenas o flash refletido no vidro da janela do quarto de Asher, então eu apago a imagem e me sinto um tanto aliviado, embora não completamente.

Eu gostaria de poder apagar as últimas vinte e quatro horas.

Verifico meu histórico e não há chamadas de Linda, e não sei como me sentir a respeito disso.

Parte de mim está aliviada, parte está decepcionada, o que é confuso.

Enfio a mão no bolso para me certificar de que estou com o generoso cheque de seis dígitos que tentei dar para Baback e o rasgo em um milhão de pedaços pequenininhos, embora eu não tenha certeza de por que faço isso, e os pedaços caem no chão da sala de Herr Silverman e são difíceis de pegar, pois são muitos.

Eu não estou pensando direito.

Eu não tenho certeza se posso confiar em mim mesmo.

Olho para a porta fechada do quarto de Herr Silverman e penso que ele está dormindo na mesma cama que Julius, penso que eles têm essa vida juntos, na cidade, que nada tem a ver comigo ou com a merda da minha escola ou com as aulas de Herr Silverman — e como eu invadi o seu mundo na noite passada, ultrapassando todo tipo de limite. Posso entender por que Julius estava tão chateado comigo, porque eu estava agindo como um psicopata, e isso me faz sentir horrível, porque Herr Silverman estava apenas tentando fazer a coisa certa, o que é incrível, porque ninguém faz a coisa certa, mas eu deveria estar com Linda e meu pai agora. E, por eles serem uma negação como pais, estou ferrado, e Herr Silverman tem de lidar com as minhas merdas, o que não é justo com ele e, talvez, possa me prejudicar no fim das contas. É estranho, porque eu realmente amo Herr Silverman, e o fato de ele se preocupar tanto com jovens perturbados — o

suficiente para ir me encontrar debaixo de uma ponte em uma noite de um dia de semana. Mas eu não deveria estar aqui. Tudo isso foi um erro. Minha culpa. Eu sei disso. E ele provavelmente também não deveria ter vindo me salvar. Ele é bom demais para seu próprio bem. E espero que isso não o meta em apuros.

Eu me pergunto se ele falou com Linda depois que eu desmaiei e o que diabos disse para ela.

Se ele conseguiu fazê-la se sentir culpada por ser tão alheia, mesmo que só um pouquinho — se ele foi capaz de atravessar toda aquela maquiagem e alta-costura.

O quanto ele contou a ela sobre o que aconteceu.

Se ela deu a mínima.

Tenho certeza de que Herr Silverman vai envolver a minha escola agora, e a psicóloga da escola me avaliará para saber se realmente sou um risco para mim ou para os outros e, então, quando descobrirem quão desequilibrado eu sou, vão me encher de remédios e me internar, e eu começo a me preocupar onde e como será isso. E se for pior do que a minha vida atual?

E se
Herr
Silverman
estiver
errado
quanto
ao meu
futuro?

De repente... devo ir embora antes que ele acorde.

Partir imediatamente — afastar-me de Herr Silverman e da conversa que tivemos ontem à noite —, isso é a coisa mais importante do mundo.

Estou me impondo.

Eu não deveria estar aqui.

Talvez eu nem mesmo devesse estar vivo.

Talvez eu só queira aproveitar as minhas últimas horas de liberdade antes que me internem em algum hospital psiquiátrico.

Talvez eu só precise de algum espaço.

Levanto-me devagar e vou até a cozinha na ponta dos pés, passando pela porta fechada do quarto, e então encontro um bloco de papel preso à geladeira.

Escrevo:

Herr Silverman,

Não se preocupe, estou bem. Precisava ficar sozinho.

Estou indo para casa. O perigo já passou.

Não há nada para se preocupar. NADA.

Sinto muito.

Obrigado.

LP

P.S. Desculpas também para o Julius. Não farei isso de novo.

Prometo.

Atravesso a sala na ponta dos pés e me sinto aliviado quando a porta da frente não range ou guincha.

Eu saio.

TRINTA E CINCO

Desço a escada até o térreo e então estou nas ruas da Filadélfia de madrugada.

Não há ninguém por perto, e imagino que a cidade inteira está submersa — imagino que estou mergulhando, e realmente não é algo difícil de imaginar, porque está escuro e deserto e minha pele está um tanto úmida por ter dormido sob o cobertor que Herr Silverman jogou em cima de mim e também por ter entrado em pânico, o que talvez ainda esteja acontecendo, embora eu tente não pensar a respeito de ontem — no fato de que eu ter escolhido a vida possa ter sido um erro.

Passo por baixo da roleta do metrô — sentindo a sujeira da cidade nas palmas das mãos — porque eu não tenho dinheiro, e espero nas entranhas repletas de lixo e fedendo a mijó da Filadélfia, imaginando que estou mergulhando com uma luz enorme, nadando através dos túneis do metrô com Horácio e talvez até mesmo mostrando para S as pichações quando ela tiver idade suficiente para mergulhar nessas águas profundas e perigosas.

O trem chega após o que me pareceram horas de espera, e sou o único passageiro no vagão.

Quando saímos do subsolo de Philly e entramos na ponte Ben Franklin, o sol está nascendo no horizonte, a leste, e me ofusca.

Quando minha parada é anunciada, eu me levanto e me seguro enquanto o trem desacelera até parar.

É muito cedo para os homens de terno com cara de zumbi, embora eu saiba que em breve eles estarão aqui.

Há um segurança junto à roleta e então eu preciso me decidir, porque não tenho o tíquete necessário para passar pelas máquinas.

Estou prestes a sair correndo quando vejo um tíquete velho no chão.

Eu o pego e o insiro na máquina.

Não funciona, é claro.

— Policial — digo, erguendo o retângulo de papel. — Meu bilhete não está funcionando.

— Apenas passe por baixo — responde ele. Então, toma um gole de café de um copo de isopor do tamanho de um balde e me dá as costas.

Eu rastejo sob a roleta e saio ao sol do início da manhã.

Eu não tenho certeza de qual é o meu plano, mas por algum motivo acabo passando pela casa de Lauren, que fica bem ao lado da igreja de seu pai.

Do outro lado da rua, olhando para a casa dela, eu meio que sinto que a casa está olhando de volta para mim — como se as duas janelas do segundo andar fossem os olhos e a linha das janelas do andar inferior, uma boca. Tipo o que você vê em filmes de terror antigos, a casa que ganha vida como um rosto.

Eu tenho essa fantasia imbecil na qual eu toco a campainha e Lauren abre a porta vestindo um roupão branco — o que me oferece uma bela visão em V de seu colo —, usando a cruz de prata que eu lhe dei. Conversamos e eu a agradeço por rezar por mim, e ela diz que é ótimo eu ainda estar vivo, e nós dois concordamos que o beijo foi um erro, antes de apertarmos as mãos e desejarmos felicidades um para o outro — como se tudo estivesse perdoado. Mas é tudo bobagem e eu sei que errei com Lauren de uma forma que não pode ser facilmente consertada, o que é insuportavelmente deprimente.

— Merda — digo na vida real, de pé na calçada do outro lado da rua da casa de Lauren, balançando a cabeça.

Eu sei que sou um idiota por ter forçado Lauren a me beijar. Um hipócrita.

Uma pessoa ruim.

Eu me afasto.

Provavelmente nunca voltarei a falar com Lauren, o que para mim está bem.

É melhor.

Talvez eu só a tenha perseguido porque sabia que um relacionamento entre nós dois era impossível. Como se ela fosse um teste seguro para mim, porque ela tinha tanta religião amontoadada em seu cérebro que as coisas entre nós nunca iriam muito além. Mas acabei falhando no teste, então o que isso significa?

Eu não sei.

É meio horrível que ela tenha sido a primeira garota que eu beijei, porque sempre me lembrarei dela como o meu primeiro beijo, o que me fará lembrar de tudo o que aconteceu depois. E eu começo a me preocupar que, de agora em diante, cada vez que eu beijar uma garota, isso desencadeie uma enxurrada de lembranças que me levarão de volta a ontem à noite. De modo que talvez eu nunca seja capaz de gostar de beijar.

Tudo isso me deixa deprimido outra vez, então vou até a casa de Walt e entro.

TRINTA E SEIS

A TV está aos berros.

Walt às vezes tem dificuldade para ouvir, então não estou surpreso com o volume.

O que me surpreende é ele estar assistindo aos filmes do Bogart tão cedo pela manhã.

Eu ouço a voz arrogante de Katharine Hepburn e sei que ele está assistindo a *Uma Aventura na África* outra vez.

— OLÁ? — grito tão alto quanto possível, enquanto caminho sob o lustre.

Walt não responde, e, quando me vê de pé na entrada da sala, ele dá uma espécie de salto de sua poltrona, olha para mim por alguns segundos, desliga o filme com o controle remoto, e diz:

— *Leonard?*

— Eu mesmo. Em carne e osso.

— Não consegui dormir. Assisti ao Bogie a noite inteira. *Eu realmente estava preocupado com você.* Eu pensei que... liguei para a sua casa, mas ninguém atendeu e...

Apenas olhamos um para o outro por um longo tempo, porque ele não quer dizer o que está pensando e eu não quero falar sobre a noite passada.

Finalmente, ele recupera a compostura, volta à segurança de nossa rotina, pega o chapéu de Bogart no braço da poltrona reclinável, o enfia em sua cabeça, e faz a sua expressão de astro de cinema dos velhos tempos.⁷⁰

— Aconteceu alguma coisa, Sr. Allnut? Diga-me — diz ele, o queixo mal se movendo, a voz mais alta do que natural, interpretando Rose Sayer, a personagem de Katharine Hepburn em *Uma Aventura na África*.

Eu ajeito meu chapéu de Bogart — embora Bogie não use esse tipo de chapéu no filme —, e digo:

— Nada. *Nada que você possa entender.*

— Eu simplesmente não consigo imaginar o que possa ter sido. Está um dia tão agradável. O que é isso? — diz ele, mantendo-se no personagem.

Mas, de repente, eu realmente não quero mais trocar citações de filmes de Bogart, de modo que tiro o meu chapéu e, usando minha voz normal, digo:

— Ontem foi ruim, Walt. Realmente terrível.

Seus olhos se arregalam.

— *O que diabos aconteceu com o seu cabelo?*

As palavras me fogem — quer dizer, como é que eu seria capaz de ao menos começar a explicar tudo aquilo para o velho?

Em um esforço para evitar contato visual, eu olho para o retrato da falecida esposa de Walt, eternamente jovem, pendurado na parede.

Blusa verde no tom da espuma do mar.

Cabelo louro com penteado do tempo de Bogart.

Olhos misteriosos que se destacam e parecem estar me observando.

Ela não parece ter muito mais de dezoito anos na foto, mas está morta agora. Eu sei que Walt sente muita falta dela porque às vezes eu o pego olhando para o retrato com uma expressão triste nos olhos. Pergunto-me como será a minha futura mulher e se eu vou pendurar o retrato dela na minha parede — talvez no Farol 1.

— E essa medalha idiota em sua camisa?

Walt está olhando para meu coração agora. Suas sobrancelhas estão em forma de zigue-zague.

Eu olho para baixo e me lembro da criação de Herr Silverman. Não tenho certeza se posso explicar o significado da medalha sem mencionar toda a merda por que passei durante a noite, por isso eu digo:

— Eu sei que agi de modo estranho ontem. Sinto muito. E eu vou lhe contar tudo o que você quiser saber mais tarde, Walt. Juro por deus. Responderei a todas as perguntas que você me fizer. Mas, por enquanto, podemos apenas assistir ao restante do filme juntos usando nossos chapéus

Bogart? Podemos fazer isso? Significaria muito para mim se você me deixasse assistir ao filme com você. Estou muito cansado. Não me resta muito no meu reservatório de referências. Foi uma noite infernal. Realmente foi. Preciso de um pouco de Bogart. Bogie medicinal. O que você diz?

Ele olha para mim por um segundo ou dois, examina o meu rosto tentando entender, e diz em seguida:

— Claro. Claro, Bogart. Podemos fazer isso — muito cauteloso, como se talvez ele pense que estou tentando enganá-lo, mesmo que eu esteja sendo absolutamente sincero e honesto, talvez pela primeira vez em anos.

Eu volto a colocar meu chapéu de Bogart e me sento no sofá na extremidade mais próxima de sua poltrona reclinável.

Ele aperta o PLAY no controle remoto e a imagem na TV ganha vida.

É a parte em que o barco deles fica preso na lama, e quando Bogart tenta libertá-lo entrando na água, volta coberto de sanguessugas. Uma vez que estão presos no meio do nada, eles pensam que vão morrer. Mas Rose reza e começa a chover e o rio se enche e eles são milagrosamente salvos. Um monte de outras coisas que eu já sei acontece com alemães malvados. Meus olhos ficam vidrados e eu saio do ar, principalmente pensando sobre o quão perto cheguei de matar Asher e a mim mesmo ontem à noite. Como parecia que eu estava assistindo a um filme quando apontei a arma para meu colega de classe, como se não fosse real. Como isso me parece assustador agora que a minha cabeça está normal. Sentado aqui, ao lado de Walt, sinto uma espécie de gratidão por este momento, por mais estranho que pareça — como se eu tivesse evitado algum destino terrível e demente.

Sinto-me com uma espécie de sorte.

Fico preocupado com o fato de eu poder ser tão explosivo um dia — volátil o bastante para cometer um homicídio-suicídio — e então, no dia seguinte, estar assistindo ao Bogart junto de Walt, como se nada tivesse acontecido, como se nada fosse urgente e eu realmente não tivesse de fazer coisa alguma para que o mundo entrasse nos eixos ou para fugir da minha própria mente.

Eu gostaria de me sentir bem todo o tempo — de ter a capacidade de me sentar e funcionar sem sentir tanto a pressão, sem sentir como se o sangue fosse jorrar de meus olhos e de meus dedos dos pés e das mãos caso eu não faça alguma coisa.

Quando o filme termina, Walt desliga a TV e diz:

— Sabe, eu estava pensando.

— E?

— Por que você me deu este chapéu ontem? Quero dizer, o que havia de tão especial a respeito de ontem?

— Era meu aniversário. Fiz dezoito anos.

— Meu Deus! Por que não disse? Eu me sinto como um pão-duro agora. Eu teria lhe comprado um presente.

Sorrio e digo:

— Comprei o seu chapéu em um brechó por quatro dólares e cinquenta centavos. Não é um adereço de cinema antigo. Bogie nunca o usou.

— É, eu sei, Rockefeller — disse ele. — Mas gosto mesmo assim. Então, o que fez para comemorar o seu aniversário?

Quase rio, porque Walt perguntou de modo tão inocente, como se eu fosse apenas um menino comum com um aniversário comum.

Walt é a única pessoa no mundo que acha que sou capaz de ser normal, e eu meio que o amo por isso.

— Posso lhe dizer o que aconteceu em meu aniversário em outra hora? Ainda estou meio cansado. E não quero falar sobre isso agora.

Walt me olha por um segundo, tira seu chapéu de Bogart, e diz:

— Lauren Bacall se aproxima de Bogart no bar em *À Beira do Abismo*. — Então, em uma voz infantil, e rouca de Bacall: — Estou atrasada. Desculpe.

Eu me lembro da cena e das falas, então, interpretando Bogart eu digo:

— Como você está hoje?

— Melhor do que ontem à noite.

— Bem, concordo com isso — digo.

— É um começo — diz ele, saindo do personagem. — Isso é um começo.

Eu forço um sorriso, mas é desajeitado e Walt percebe.

Estou melhor do que ontem à noite?

Sei lá.

Mas não sinto mais raiva.

— Você vai para a escola hoje? — pergunta Walt, pouco antes de o silêncio ficar embaraçoso.

— Estou pensando em tirar o dia de folga. E eu preciso ir para casa agora. Não passo em casa desde ontem. Preciso de um banho — digo, embora eu realmente esteja pouco me importando em tomar um banho. — *Filminho hoje à noite?*

Ele abre o Zippo com o polegar — fazendo aquele característico ruído metálico —, acende um cigarro, dá um trago, e exala palavras esfumaçadas:

— Parece o início de uma bela amizade, Leonard. Realmente parece.

— Ele está olhando para você, garoto.

Ele sorri daquela maneira boa e honesta — melhor mesmo do que Bogie.

Eu correspondo e, quando o fato de estarmos sorrindo um para o outro começa a ficar muito embaraçoso, eu me viro e vou embora.

— Leonard?

Eu me volto para olhar para Walt.

— Estou feliz por você ter vindo me visitar esta manhã.

Enquanto ele sopra outra baforada de fumaça para o teto, seus olhos cintilam sob o seu chapéu de Bogart, mais brilhantes do que a brasa laranja de seu Pall Mall, e tenho a sensação de que, embora apenas assistamos juntos a antigos filmes de Bogart e nunca falemos sobre qualquer outra coisa afora tópicos relacionados a Bogie, talvez Walt me conheça melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, por mais estranho que isso pareça. Talvez tenhamos nos comunicado de forma eficaz por meio de citações relacionadas a Bogart. Talvez eu seja melhor do que pensava quando se trata de comunicação, ao menos com pessoas como Walt.

E talvez existam outras pessoas como Walt — esperando que eu as encontre.

Talvez.

⁷⁰ É engraçado porque nós nunca usamos chapéus de Bogart até ontem, mas de alguma forma compreendo que o fato de ele colocar o chapéu é simbólico — um sinal de que estamos prestes a começar a falar em código. Walt e eu temos algo que é difícil de explicar. Nós nos entendemos. Simplesmente nos entendemos. E eu amo muito isso. Feromônios de mocinho.

TRINTA E SETE

O espelho da cozinha em minha casa ainda está estilhaçado, de modo que, quando olho para a pia, um milhão de pequenos peixinhos irregulares devolvem o meu olhar.

Abro a geladeira e vejo meu cabelo embrulhado em papel cor-de-rosa, e penso: *Que porra é essa?* e *Quem eu era ontem?* e *Que porra é essa?* novamente.

Eu deveria limpar tudo, mas simplesmente não tenho forças para tanto.

É muito mais fácil fechar a porta da geladeira, o que é uma metáfora perfeita, percebo, para a minha vida.

Talvez eu queira que Linda encontre o cabelo embrulhado e veja tudo — quanto eu estava mal ontem.

Que aniversário de merda eu tive.

Que ela se esqueceu de que me deu à luz há dezoito anos.

Que ela é a pior mãe do mundo.

De quanta ajuda eu preciso.

Mas Linda provavelmente não fará a conexão, mesmo que ela encontre o meu cabelo embrulhado em papel cor-de-rosa. Provavelmente, pensará que cortei o cabelo como um presente *para ela*.

Vou até meu quarto no andar de cima.

Quando esvazio os bolsos, percebo que meu celular ficou sem bateria em algum momento depois que deixei o apartamento de Herr Silverman, então eu o ponho para carregar.

Depois que está carregado, o sinal de “você tem mensagens” vibra.

Há uma mensagem de voz de Linda, que diz: “O que você disse para o seu professor a meu respeito? O que está acontecendo? O que foi desta vez?”

Eu estou no banco de trás de um carro voltando para casa em vez de comparecer aos vários encontros extremamente importantes que eu tinha planejado. O que diabos está acontecendo...”

Eu apago o recado antes que ela termine.

Depois, há uma mensagem de Herr Silverman e sua voz soa diferente, um tanto chateada. “Leonard? Por que foi embora? Aonde você foi? Estou preocupado com você. Eu me arrisquei por você ontem à noite e devo dizer que estou decepcionado. Você não deveria ter ido embora. Você me colocou em uma posição desconfortável, porque eu prometi à sua mãe que...”

Por alguma razão eu o apago também.

Então eu me sinto culpado e ligo de volta, mesmo que ele provavelmente esteja na escola agora, porque é mais tarde do que eu pensava.

O telefone toca diversas vezes e, afinal, entro em seu correio de voz.

— Sou eu. Leonard Peacock. Obrigado por ter ido até a ponte na noite passada. Foi muito legal... necessário, mesmo. Desculpe-me se eu o meti em apuros com o seu parceiro. Sinto muito, eu fui um idiota. Vou fazer o meu trabalho. Não se preocupe comigo. Eu só tive uma noite ruim. Ficarei bem. Mas vou tirar o dia de folga. Eu simplesmente tinha de ir embora esta manhã. Senti necessidade de me mover. Precisava saudar o dia, se você entende o que quero dizer. Espero que o seu parceiro não tenha achado que fui grosseiro. Não contarei a ninguém que você é gay. Eu não me importo se você é gay. Isso não importa para mim. Essa, provavelmente, foi uma coisa estúpida de se dizer, não é mesmo? Por que eu *deveria* me importar? Eu nunca diria para uma pessoa de cor: “não me importo com o fato de você ser negro.” Eu sou um idiota. Desculpe. Esqueça esta parte. Eu o vejo na segunda-feira. Obrigado mais uma vez. *E não se preocupe comigo!* Não há nada mais para se preocupar. Nada.

Então eu fico com o celular junto ao ouvido sem desligar. Escuto o silêncio por um minuto, pensando que tudo o que eu disse foi simplesmente idiota, e então há um sinal sonoro e uma mulher robô me pergunta se estou satisfeito com a minha mensagem. Honestamente, eu não

tenho forças para responder, muito menos para gravar outra mensagem, então simplesmente desligo.

Está tão tranquilo no meu quarto que eu me pergunto se é assim que soa a morte. Ouço a chave de Linda na porta da frente e, em seguida, ela grita:

— Leo? Leo, você está aqui? Por que você não me ligou de volta?

Eu a odeio.

Eu a odeio muito.

Ela é tão estúpida que é quase cômica.

Ela é uma caricatura.

Uma não pessoa.

Que tipo de mãe esquece o aniversário de dezoito anos do filho?

Que tipo de mãe ignora tantos sinais de alerta?

É quase impossível acreditar que ela existe.

Ouço os seus saltos altos estalando sobre o piso de madeira e, em seguida, faz-se um silêncio quando ela para diante do espelho do corredor para verificar a maquiagem. Não importa o que Herr Silverman disse para ela, não importa o quanto ele tenha amenizado a situação, qualquer coisa que tenha dito foi suficiente para fazê-la vir de Nova York até aqui. Então, era de se pensar que ela subisse a escada correndo, para ter certeza de que estou bem, certo? Como qualquer mãe carinhosa racional faria. Como qualquer ser HUMANO faria. Mas você deve estar errado.

Linda não pode passar por um espelho sem parar, porque ela é viciada em espelhos, por isso não a julgue tão duramente. Ela tem problemas. Isso nem mesmo me irrita, porque Linda é assim mesmo. Eu poderia estar em chamas, gritando em desespero, e ela ainda teria de fazer uma pausa diante do espelho para checar a maquiagem antes de apagar o fogo. Esta é a minha mãe.

Mais estalar de saltos altos e, em seguida, ela está subindo a escada, que é acarpetada, então não ouço as passadas.

— Leo? — diz ela alegremente, como se estivesse cantarolando, e me pergunto se está cantarolando porque espera que eu não esteja aqui, como

se talvez esperasse que eu tivesse me matado e ela nunca mais precisasse lidar comigo de novo. — Leo, onde você está?

Ouçõ mais ruído de saltos quando ela atravessa o corredor, depois o silêncio, enquanto ela atravessa o tapete oriental que leva ao meu quarto.

— Leo? — diz ela. E bate em seguida.

Fico olhando fixamente para a porta, pensando em quanta razão eu teria caso a interpelasse, listando todas as maneiras que ela falhou comigo, mas não estou em condições de dizer nada.

— Leo? — diz Linda. — Espero que você esteja vestido. Estou entrando.

Ela empurra a porta e lá está ela, à porta do meu quarto. Usa uma jaqueta branca com algum tipo de gola de pele — parece ser marta. Seu cabelo está perfeito, como sempre. Veste uma elegante saia de lã verde-vivo à altura dos joelhos — elegante e com classe — e sapatos brancos. Parece incrível, como sempre. E isso me faz rir, porque sua aparência sugere que ela tem o filho perfeito, vive uma vida perfeita e, portanto, tem todo o tempo do mundo para se tornar uma obra-prima da moda a cada dia. As pessoas veem Linda e a admiram. É verdade. Você também admiraria se a visse. E esse é o seu poder.

— Estou feliz que você finalmente tenha cortado o cabelo, mas quem cortou? Fizeram um trabalho terrível, Leo — diz ela, e eu tenho vontade de estrangulá-la. — O que está acontecendo com você? Por que isso tudo? Eu estou aqui. Estou em casa. Então, qual é o problema?

Eu balanço a cabeça, porque até mesmo eu estou surpreso.

Como diabos responder a isso?

— Falei com o seu professor, Herr Silverman. Ele foi um pouco dramático. Disse que você estava com a velha arma de guerra de seu avô. Como se aquele peso de papel fosse capaz de disparar, eu disse para ele. Bem, você o enganou com sua brincadeira, porque ele estava realmente preocupado, Leo. O bastante para insistir que eu viesse de Nova York para casa imediatamente. Você provocou um grande tumulto. Eu estou aqui. Então me explique: o que é tão importante? Estou ouvindo.

Finjo que meus olhos são P-38s e que meu olhar são balas e eu faço furos na roupa de Linda vendo o sangue vazar através do tecido.

Ela é tão indiferente.

Tão incompetente.

Tão horrível.

— Por que você está me olhando assim, Leo? — Agora, ela leva as mãos aos quadris. — Sério, você parece acreditar que o mundo está prestes a acabar. O que você quer de mim? Eu vim para casa. Seu professor diz que você quer conversar. Então vamos conversar. Você estava realmente pretendendo atirar nas pessoas com essa arma nazista enferrujada que seu pai costumava carregar na caixa da guitarra? Que história é essa? O que está acontecendo? Você é um pacifista, Leo. Você não faria mal a uma mosca. *Basta olhar para o garoto para ver que ele é incapaz de violência.* Foi o que eu disse para o seu professor, mas ele parecia realmente preocupado. Ele diz que você precisa de terapia. *Terapia?*, perguntei. Como se isso adiantasse. Seu pai e eu tentamos terapia certa vez e veja como acabamos. Eu nunca conheci alguém que saiu da terapia melhor do que quando entrou.

Continuo olhando.

— Seu professor falou que você pode ser um suicida, mas eu disse para ele que isso era ridículo. Você não é suicida, não é mesmo, Leo? Apenas me diga se é. Temos dinheiro. Podemos lhe pagar remédios. Tudo o que você precisar. Você pode ter o que quiser. Basta pedir. Mas eu sei que você não é suicida. Eu sei qual é o *verdadeiro* problema.

Eu a odeio pra caralho.

— Eu disse para ele que você faz isso quando sente falta da mãe, então vim para casa, Leo. Eu sempre volto para casa quando você faz uma dessas brincadeiras. E não foi fácil desta vez. Precisei cancelar doze reuniões com pessoas importantes. *Doze!* Não que você se preocupe com isso. Mas um dia você vai ter de aprender a viver sem a sua mãe e...

— Você se lembra de quando eu era pequeno e você costumava preparar panquecas de banana com gotas de chocolate? — digo, porque de repente tenho essa ideia.

Linda apenas olha para mim como se a minha cabeça tivesse girado trezentos e sessenta graus.

— Você lembra, não é mesmo? — pergunto.

— Do que você está falando, Leo? *Panquecas*? Não viajei duas horas de carro para falar sobre panquecas.

— Você lembra, mamãe. Fizemos juntos certa vez.

O batom de Linda sorri quando ela me ouve dizer a palavra *mamãe*, porque ela não me ouve dizer isso há muitos anos.

Ironicamente, ela *adora* ser chamada de mamãe.

— Panquecas de banana com gotas de chocolate? — diz Linda, rindo em seguida.

Pela expressão em seu rosto dá para ver que ela não lembra, mas está fingindo que sim. Talvez ela só tenha feito isso uma ou duas vezes, não sei. Talvez eu tenha inventado a lembrança em minha mente. É possível. Eu não sei por que estou me lembrando disso de repente, mas estou.

Lembro-me de fazermos panquecas de banana com gotas de chocolate quando eu era pequeno — quando eu tinha uns quatro ou cinco anos — e havia mistura de panqueca por toda parte e papai dedilhava suavemente o violão à mesa da cozinha e meus pais estavam felizes naquela manhã, o que era raro, e provavelmente é por isso que eu me lembro da cena. Mamãe e eu cozinhamos e, em seguida, todos nós comemos juntos, como uma família.

Normal para a maioria das pessoas, mas extraordinário para nós.

Por algum motivo, preciso comer panquecas de banana com gotas de chocolate para que tudo fique bem. Agora. É a única coisa que pode me ajudar. Eu não sei por quê. Isso é como é. Digo a mim mesmo que, se Linda me fizer panquecas de banana com gotas de chocolate, serei capaz de perdoá-la por ter se esquecido do meu aniversário. Eu invento esse acordo em minha cabeça e, em seguida, tento fazê-la cumprir a sua parte não revelada.

— Você pode fazer isso, panquecas de banana com gotas de chocolate, para mim agora? — pergunto. — Isso é tudo o que eu quero. Você as faz,

tomamos café da manhã juntos, e, então, você pode voltar para Nova York. Tudo bem? Combinado?

— Temos os ingredientes? — diz ela, parecendo completamente perplexa.

— Merda — respondo, porque não temos. Não faço compras há semanas. — Merda, merda, merda.

— Você precisa dizer *merda* na frente da sua mãe?

— Se eu comprar os ingredientes, você me prepara o café da manhã?

— É por isso que você queria que eu viesse para casa? *Para preparar panquecas de banana com gotas de chocolate?* Foi por isso que você fez o seu professor ficar tão apavorado?

— Você as prepara para mim e eu não lhe trarei mais problemas durante todo o dia. Você pode voltar para Nova York com a consciência tranquila. Problema resolvido.

Linda ri de uma forma que me faz perceber que ela está aliviada, e, em seguida, passa as unhas perfeitamente manicuradas pelo meu cabelo recém-cortado, o que me faz cócegas.

— Você realmente é um garoto estranho, Leo.

— Isso é um sim?

— Eu ainda não entendo o que aconteceu ontem. Por que seu professor me ligou e exigiu que eu voltasse para casa? Você me parece muito bem.

Herr Silverman não deve ter dito a ela que era meu aniversário, e eu não me importo mais com isso. Eu só quero a porra das panquecas. É algo que Linda é capaz de fazer. É uma tarefa que ela pode completar para mim. É o que eu posso ter, então é o que eu quero.

— Eu vou comprar os ingredientes, certo? — digo, tornando tudo ainda mais fácil para ela.

— Tudo bem — diz ela e, em seguida, dá de ombros alegremente, como se fosse minha namorada em vez de minha mãe.

Passo correndo por ela, desço a escada e saio pela porta sem nem mesmo vestir um casaco.

Há uma mercearia local a uns seis quarteirões de nossa casa e ali encontro tudo de que preciso em cerca de dez minutos.

Leite.

Ovos.

Manteiga.

Mistura para panqueca.

Xarope de bordo.

Raspas de chocolate.

Bananas.

Voltando para casa, com as alças de plástico do saco de compras ferindo a minha mão, penso em como, mais uma vez, estou perdoando Linda facilmente.

Tento me concentrar nas panquecas.

Posso sentir o chocolate e as bananas derretendo em minha boca.

Panquecas são gostosas.

Vão me preencher.

São o que eu posso ter.

Quando chego em casa, Linda está em seu escritório gritando com alguém ao telefone sobre a cor de um tule.

— Não, eu não quero a porra do laranja-cádmio! — Ela ergue o dedo indicador quando me vê na porta e, em seguida, me manda sair.

Na cozinha, espero por cinco minutos antes de decidir eu mesmo começar a preparar os ingredientes.

Fatio três bananas sobre a tábua. Cuidadosamente, corto fatias finas como papel. Então, acrescento leite e ovos à mistura — adicionando as gotas de chocolate e as fatias de banana por último. Então, unto a frigideira e a deixo aquecer.

— Linda? — grito. — *Mãe?*

Ela não responde, então decido fritar as panquecas, pensando que o fato de Linda comer comigo pode ser o bastante.

Eu despejo um pouco de massa na frigideira. A massa cria bolhas e chia enquanto eu derramo mais três panquecas. Eu viro as quatro e, em seguida, aqueço o forno para manter as panquecas aquecidas enquanto frito as da minha mãe.

— Linda?

Nenhuma resposta.

— Mãe?

Nenhuma resposta.

Eu ponho as panquecas fritas dentro do forno e despejo mais massa.

Percebo que preparei panquecas demais, mas continuo fritando, e, quando termino, tenho panquecas suficientes para alimentar uma família de dez pessoas.

— Mãe?

Eu vou até o seu escritório e ela está gritando novamente.

— Jasmine vá se foder! — diz ela, e suspira em seguida.

Ela está olhando para fora da janela.

Está alheia novamente.

Eu suspiro.

Volto para a cozinha.

Como as minhas panquecas de banana com gotas de chocolate.

Estão deliciosas.

Foda-se a Linda.

Ela está perdendo.

Poderia ter comido panquecas deliciosas no café da manhã.

Eu a teria perdoado.

Em vez disso, jogo as panquecas que sobraram no triturador da pia.

Alguns cacos do espelho caem lá dentro.

Eu deixo a máquina funcionar até finalmente emperrar e mais uma vez ouço Linda xingando os seus funcionários.

Ela não deixa o escritório — nem mesmo quando eu saio e bato a porta atrás de mim fazendo a casa estremecer.

TRINTA E OITO

CARTA DO FUTURO NÚMERO 4

Papai,

Aqui é a S, sua filha.

Estou escrevendo no meu aniversário de dezoito anos. Bem, tecnicamente, no dia seguinte, pois já passa da meia-noite. Estou manejando o farol porque você adormeceu em sua cadeira novamente e velhos hábitos são difíceis de abandonar. Eu vou lhe entregar esta carta amanhã, quando sair da Estação 37 pela primeira vez, para que você nunca se esqueça do ótimo dia que tivemos juntos.

(Nota: as estrelas estão incríveis esta noite — como se pudéssemos nadar nelas. Cassiopeia está muito brilhante.)

Desconfio de que você esteja aborrecido comigo porque quero ir embora, apesar de você nunca ter me dito isso. Você acha que eu vou embora apenas para poder encontrar um namorado, ou ao menos é isso que você diz para me provocar. (E eu juro que se você usar a palavra *hormônios* mais uma vez, eu vou matá-lo!) E embora eu *gostasse* de ter um namorado (PORQUE ISSO É NORMAL!) e conhecer pessoas da minha idade na horrível “cidade tubo”, há muitas outras coisas que eu também gostaria de fazer.

Eu gostaria de ver terra seca.

Nunca vi isso.

Quero pisar na terra.

Esse é um pensamento simples, porém profundo para uma menina que viveu toda a vida na água.

Você certamente pode entender isso em certo grau, mesmo se o termo terra seca seja “superestimado”.

Estou ansiosa para assistir às aulas com outras pessoas da minha idade, mesmo que você tenha me dito tantas vezes que as pessoas nem sempre são amáveis ou atenciosas como era o Papa e como são você e a mamãe. Ainda assim, gostaria de ver por mim mesma, conversar com pessoas diferentes. Gostaria de encontrar alguém que me beije toda vez que veja uma estrela cadente, como você beija a mamãe. E eu acho que talvez possa me destacar na pós-escola, especialmente depois que me saí tão bem nos exames de admissão, e então fazê-lo se sentir orgulhoso por eu ter feito, de algum modo, algo de bom para o novo mundo.

Obrigado por me fazer “panquecas” no meu aniversário.

Mesmo que você tenha usado mistura de pão e dito que não eram tão boas quanto as panquecas que você comia quando criança, especialmente porque não tínhamos “xarope”, já que sobraram tão poucas “árvores de bordo”. Eu gostei do seu esforço, especialmente depois de ouvir a história de como você e sua mãe as fizeram quando você era pequeno, com “gotas de chocolate” e frutas amarelas chamadas “bananas”. Espero ver e saborear uma banana algum dia. Eu prefiro acreditar que elas ainda existam na cidade tubo, onde existe todo tipo de coisas — coisas com as quais eu apenas sonhei, como lojas, restaurantes, cães, gatos, cinemas e passarelas e tantos outros substantivos que temos visto no visualizador sempre que o sinal é suficientemente forte.

E o seu presente de aniversário para mim também foi... *lindo*.

Quando você disse que usaríamos os dois últimos tanques de oxigênio, eu não queria fazer aquilo, porque significava que você nunca mais seria capaz de praticar mergulho, a menos que a Terra Coletiva da América do Norte lhe enviasse mais tanques, o que não é provável que aconteça, agora que declararam ordem mundial e a Estação 37, Farol 1 não está mais tecnicamente operando.

Mas fico feliz por termos mergulhado uma última vez até a “Filadélfia”, seguidos pelo velho golfinho Horácio.

Eu não acreditei quando você me disse que havia uma estátua vermelha em forma da palavra: “LOVE” com o LO empilhado sobre o VE.

LO VE

Parecia algo saído de uma das antigas histórias de fadas que você costumava me contar quando eu era pequena. Achei que você estava brincando quando disse que as pessoas no passado acreditavam tanto no amor que faziam estátuas para celebrá-lo, de modo a não se esquecerem de AMAR... bem, isso me parecia meio ridículo, mas quando mergulhamos e você ligou a lanterna térmica e vi que era verdade, eu senti que havia muitas possibilidades no mundo — como se eu estivesse apenas começando a descobrir o que é possível. Talvez eu encontre um amor puro, como o seu e da mamãe.

Mamãe me disse que você e Horácio procuraram a estátua durante semanas e, em seguida, tiraram todas as algas, usando a maior parte do seu suprimento de oxigênio, e por isso eu queria dizer que foi o melhor presente de aniversário que já recebi. Quantos pais teriam tanto trabalho por causa do aniversário de dezoito anos da filha?

Não muitos.

Você me disse que passou o dia seguinte ao seu aniversário de dezoito anos sentado em um banco no parque LOVE, na Filadélfia, escrevendo em seu caderno.

Pelo que você me contou sobre o seu passado e sobre a terra seca — e pelo que descobri por conta própria —, percebo que sua infância foi bem terrível.

Que você teve de aguentar muita coisa para chegar à Estação 37 e se tornar meu pai.

Gostaria de agradecer.

Você é um homem bom, papai.

Tive uma infância maravilhosa.

E eu admiro você — espero ser igual a você.

Eu passei a vida inteira observando-o manejar o grande feixe de luz aqui no Farol 1.

Ninguém nunca aparece.

Nós nunca vemos um barco.

Mas você acende a luz de qualquer maneira, só para o caso de isso vir a acontecer.

Mas *nós* a vemos — todos esses anos.

A grande luz.

O belo feixe varrendo a paisagem!

Estávamos aqui para vê-lo, e isso era o bastante.

Até agora, nunca entendi como isso era importante e ainda é.

É difícil para mim deixá-lo aqui, apesar de saber que você e mamãe ficarão bem.

Espero que você venha me visitar assim que eu estiver estabelecida, mas vou entender se você não puder, e voltarei para visitá-lo sempre que eu puder.

Cortei uma trança do meu cabelo para você.

(Mamãe disse que você cortou todo o seu cabelo no seu aniversário de dezoito anos, mas eu não estava disposta a fazer isso, porque o meu cabelo é a minha melhor característica!)

Uma vez que você está lendo esta carta, certamente já tem a trança que estava dobrada dentro do envelope.

Você me disse certa vez que as mulheres costumavam enviar mechas de cabelo para os homens que amavam, nos tempos em que os cavaleiros cavalgavam através da interminável terra seca e reis e rainhas governavam os homens. Você me falou sobre cavaleiros quando lia para mim os contos de fadas, antes de começarmos a ler *Hamlet* juntos.

Eu amo você, papai.

Nunca se esqueça disso.

Além do mais, ficarei bem.

Mamãe diz que você nunca pensou que a encontraria quando tinha a minha idade, mas você a encontrou.

Provavelmente também nunca pensou que me encontraria, e agora eu também preciso encontrar as pessoas do meu futuro — porque talvez a vida seja assim mesmo.

Você vai ficar bem.

Como era mesmo que você e seu vizinho costumavam dizer? O velho? O nome dele era Walt?

“Nós sempre teremos Paris.”

Bem, nós sempre teremos a estátua LOVE no fundo da Área Global Comum Dois.

Nós sempre teremos a Estação 37 e o Farol 1 e Horácio, o golfinho, e Philadelphia Phyllis e *Quem morou aqui?* e tudo o mais.

Eu estou vendo você respirar enquanto dorme na cadeira ao meu lado.

Você parece tão tranquilo.

Você é exatamente como um bom pai deve ser.

Pelo pequeno sorriso em seu rosto vejo que está tendo um sonho maravilhoso.

Fiquei olhando você dormir por mais de uma hora, só por olhar.

E durante todo esse tempo, desejei que a sua mente fosse um mar no qual pudéssemos mergulhar juntos, porque eu gostaria de ver a estátua LOVE assentada no fundo de sua consciência.

Eu sei que é enorme, vermelha e linda, porque você tem arrancado as algas dela durante muitos anos. Eu sei que você eliminou as algas de sua mente por mim, pela mamãe, para que pudéssemos comemorar meu aniversário de dezoito anos juntos — e assim eu pude prosseguir e desfrutar da vida que você me deu.

Continue arrancando as algas, papai.

Limpe a sua mente.

E maneje a grande luz.

Mesmo que ninguém esteja olhando.

Com amor, sua filha,

S

AGRADECIMENTOS

Os seguintes profissionais leram rascunhos deste romance e forneceram informações valiosas: Alicia Bessette (romancista); Liz Jensen (romancista); Doug Stewart (agente); Alvina Ling (editora); Bethany Strout (editora assistente); Barbara Bakowski (editora de produção sênior); Dr. Len Altamura (médico do serviço social, assistente social e clínico licenciado); Jill A. Boccia (assistente social licenciada); Valerie Peña (assistente social e clínica licenciada); Dr. Narsimha R. Pinninti (médico-chefe, Twin Oaks, e professor de psiquiatria, UMDNJ-SOM); Meryl E. Udell (psicóloga clínica); Debra Nolan-Stevenson (conselheira profissional licenciada); e Geeta Kumar (professora de psiquiatria adjunta, vice-presidente do Departamento de Psiquiatria, UMDNJ-SOM; psiquiatra de crianças e adolescentes).

A ideia central deste livro foi nobremente alimentada pelas muitas conversas durante os cafés que tive com Evan Roskos. Para meus amigos íntimos — e você sabem quem são —, obrigado por me salvarem um milhão de vezes.

SOBRE O AUTOR



Matthew Quick era professor na Filadélfia, mas decidiu largar tudo e, depois de conhecer a Amazônia peruana, viajar pela África Meridional e trilhar o caminho até o fundo nevado do Grand Canyon, reviu seus valores e, enfim, passou a dedicar todo seu tempo à escrita. Ele, então, fez MFA em Creative Writing pelo Goddard College e voltou para a Filadélfia, onde mora com a esposa. As obras de Quick já foram traduzidas para mais de vinte idiomas e lhe renderam críticas elogiosas e menções honrosas importantes, entre as quais a do PEN/ Hemingway Award. *O lado bom da vida* foi adaptado para o cinema e premiado com um Oscar em 2013.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DO AUTOR



O lado bom da vida